

Alice no País das Maravilhas

Lewis Carroll

Resumo

Your summary.

Conteúdo

Apresentação	2
Alice no país das maravilhas	6
Na toca do coelho	6
Piscina de lágrimas	10
Corrida eleitoral e uma história sinuosa	15
O Coelho manda um lagarto	20
Conselho de uma Lagarta	25
Porco e pimenta	31
Chá de loucos	37
O campo de «croquet» da Rainha	44
A história da falsa Tartaruga	50
A quadrilha da Lagosta	56
Quem roubou as tortas?	62
A prova de Alice	66
Alice's Adventures in Wonderland	72
Down the rabbit-hole	72
The pool of tears	76
A caucus-race and a long tale	80
The rabbit sends in a little bill	85
Advice from a caterpillar	91
Pig and Pepper	96
A mad tea-party	102
The queen's croquet-ground	108
The mock turtle's story	114
The lobster quadrille	120
Who stole the tarts	126
Alice's evidence	130

Apresentação

ricardo ramos filho

A Alice de hoje, menina criada em contato com as redes sociais e, portanto, totalmente entregue ao campo narcísico, muito mais do que ao das ideias, talvez sentisse falta de registrar alguma das imagens de suas aventuras às voltas com espelhos, adivinhações, criaturas peculiares e antropomórficas, lógicas do absurdo, sonhos. Afinal, o passeio de barco pelo rio Tâmisa em 4 de julho de 1862, que proporcionou a Lewis Carroll (pseudônimo de Charles Lutwidge Dodgson) a oportunidade de contar a história a ser publicada em livro mais tarde, em 1865, mereceria algumas *selfies*. As irmãs Lorine Charlotte, Edith Mary e Alice Pleasance Liddell quietinhas, ouvindo. O barco, o arco, meu coração...

Alice estava começando a ficar muito cansada de ficar sentada ao lado da irmã na margem do rio, e de não ter nada para fazer: uma ou duas vezes, ela havia espiado no livro que a irmã estava lendo, mas não tinha nenhuma figura, nem diálogos, “e para que serve um livro”, pensou Alice, “sem figuras, nem diálogos?”¹

Tenniel notabilizou-se pelos cartuns produzidos para a revista *Punch*, ou *The London Charivari*, semanário britânico de humor e sátira, que começou a circular em 1841, e teve seu auge na década de 1940. Bem de acordo com o significado da denominação da publicação, *so-cava* com suas imagens também mordazes e radicais, colocando em foco as importantes mudanças políticas e sociais vividas pelo país, e refletindo as tensões acaloradas da época. Lewis Carroll era leitor regular da publicação e resolveu apostar no talento de John Tenniel. Assim, deu oportunidade ao artista de retratar, na época vitoriana, a imaginação da garota mais conhecida da literatura mundial, a descobridora do universo onírico do Coelho Branco.

Exatamente três anos após ser contada, em 4 de julho de 1865, aquela história nascida da tradição oral seria publicada na forma como é conhecida hoje. E aí somos colocados em contato com um acontecimento singular, revelador do papel protagonista assumido por Tenniel na realização da obra. A tiragem inicial de dois mil exemplares seria removida das prateleiras devido à não aprovação do ilustrador. Ele havia ficado insatisfeito com a qualidade da impressão. Navegar é preciso...

Peter Hunt, uma das autoridades em matéria do estudo da literatura infantil, ensina que uma das razões para a crítica dos livros com ilustrações ser econômica na observação do texto visual, tendendo, mui-

¹Ver p. desta edição.

tas vezes, a recorrer a chavões figurativos, não seria por considerar o trabalho deficiente. A má vontade surgiria não como fruto de uma avaliação séria, e sim pelo fato de os críticos considerarem imagens a parte menos importante do universo do livro. Dentro deste cenário *intolerante* desde sempre, ganha força o fato de um ilustrador conseguir ter tanta influência e adiar a publicação de uma obra. *Alice no país das maravilhas*, história escrita para crianças, já em seu berço revelava a disposição de aproximar escritor e ilustrador. O porto, não...

Apenas em dezembro de 1865, embora conste como publicada em 1866, a segunda edição chegaria às livrarias. Sabe-se ter sido lida por Oscar Wilde e pela rainha Vitória. Se, para Todorov, o fantástico é a hesitação experimentada por alguém face a um acontecimento aparentemente sobrenatural, podemos tentar imaginar a leitura da soberana. Ela ante a *irrealidade da realidade*. Ao observar as rosas brancas sendo pintadas de vermelho, talvez considerasse ser a melhor forma de resolver os problemas do país. Os soldados cartas de um baralho. Marcadas. Marcados. Ou cortar cabeças. O argumento da Rainha. Iria mandar cortar a cabeça de todo mundo. Wilde certamente gostou. Do livro.

[...] mas quando o Coelho realmente *tirou um relógio do bolso do colete*, e olhou para as horas, e então se apressou, Alice se pôs de pé, pois lhe passou pela cabeça que nunca tinha visto nem coelho de colete, nem relógio guardado no bolso, e ardendo de curiosidade, ela correu pelo campo atrás dele, e chegou a tempo de vê-lo pular dentro de uma grande toca embaixo da cerca-viva.²

Mas *Alice no país das maravilhas* é também um livro para adultos. Como pode ser fruída por diversos públicos leitores, a obra coloca em perspectiva a possibilidade de trazer *infinitas* indagações a ela própria. Abre-se para um leque variado de possibilidades, vai além do que deve ter imaginado Lewis Carroll, até por ser muito difícil descobrir quais as intenções originais do autor. Podemos, e não cansamos de fazê-lo, conjecturar, investigar as pistas que o texto fornece, mas estaremos sempre tangenciando certezas. Por maior que seja nossa liberdade, estaremos invariavelmente presos, já que os processos de leitura e interpretação não podem pressupor uma análise pré-definida e estruturada do texto.

Como leitores, e receptores, damos vazão à nossa tarefa pessoal de extração de significados que a leitura fornece. A noção de *obra aberta*, termo criado por Umberto Eco, advém da necessidade, cada vez mais patente, de se compreender e valorizar a capacidade criativa e interpretativa que conduz, sempre que necessário, a uma re-

²Ver p. desta edição.

estruturação do pensamento. Embora estejamos diante de um clássico da literatura universal, ele, como produção literária, não se encontra de todo acabado em si mesmo. Inexiste plenamente definido enquanto estrutura finita. Ao contrário, possibilita diversas interpretações e reformulações. Assume-se, então, uma nova dialética entre a obra e o intérprete, já que a primeira, *fechada*, no sentido de *concluída*, acaba por ser igualmente uma obra *aberta*, ou seja, passível de sugerir interpretações bastante diversificadas.

De todo este intrincado processo, surge o que nos parece a grande beleza da leitura de *Alice no país das maravilhas*. Derrida, embora conceituando de forma genérica, e não especificamente pensando no clássico inglês, bem formulou a questão ao afirmar que o sentido de um texto surge ao mesmo tempo em que vamos lendo as palavras, havendo complementaridade entre criação e recepção. O intérprete, o leitor, vai *descobrimo* dinamicamente a obra de acordo com a sua própria personalidade, interesses, experiências pessoais cotidianas. Tal entendimento está intrinsecamente relacionado, não podemos esquecer, à cultura dele. Assim, a inglesinha *Álice* transforma-se na brasileiríssima *Alíce*. Tanta tormenta, alegria...

O *nonsense* de Lewis Carroll é muitas vezes categorizado como a forma de maior relevância de um gênero literário inaugurado por Edward Lear (1812-1888), seu contemporâneo. Este ilustrador e poeta notabilizou-se por seus *limericks*, denominados assim por terem origem na cidade irlandesa de Limerick. São poemas de quatro a cinco versos, acompanhados por uma ilustração, caracterizados por um desfecho mais forte chamado *punch line*. A aproximação de Carroll com Lear torna-se quase que automática quando nos lembramos que *Alice no país das maravilhas* é uma história *nonsense*, ilustrada por John Tenniel, artista que atuava em uma revista chamada *Punch*. Muito provavelmente Carroll tinha tudo isso em conta na hora de escolher aquele que deu as primeiras feições à Alice. O trilho solto, o barulho...

Logo seus olhos depararam com uma caixinha de vidro que estava embaixo [ref3] da mesa: ela abriu, e encontrou um bolinho muito pequeno, no qual estava escrito, lindamente composto com uvas passas, “coma-me”. “Bem coma”, disse Alice, “e se isso me fizer crescer, posso alcançar a chave; e se me fizer diminuir, poderei me arrastar por baixo da porta; de modo que seja como for chegarei no jardim, e não me importa o que vai acontecer!”³

Ainda tecendo considerações sobre a falta de sentido, *nonsense*, de *Alice no país das maravilhas*, não podemos nos distanciar da noção

³Ver p. desta edição.

segundo a qual o *nonsense carrolliano* não é avesso ao significado, já que nasce justamente do exercício da produção de novos sentidos — possível graças aos seus criativos universos de ficção. A argumentação encontrada no excerto acima é logicamente correta. Evidencia toda a coerência racional existente no pensamento de Alice, mesmo quando aplicado às suas interações absurdas com objetos do universo *nonsense*. E é justamente a partir da possibilidade de novos sentidos, respectivos a outros sistemas referenciais, que somos apresentados às situações mais engraçadas da literatura *nonsense carrolliana*: muitas vezes fruto da ambiguidade de um termo, como a intenção do Rato (Camundongo) de secar a todos com uma conversa seca, ou árida.

Por fim, o Camundongo, que parecia ter alguma autoridade entre eles, exclamou: “Sentem-se, todos vocês, e me escutem! Deixem comigo, vocês rapidamente ficarão secos”. Todos eles se sentaram ao mesmo tempo, em um grande círculo, com o Camundongo no meio. Alice ficou olhando fixa e ansiosamente para ele, pois tinha certeza de que pegaria um resfriado se não se secasse logo.

“Aham!”, disse o Camundongo com um ar importante. “Vocês estão prontos? Essa é a coisa mais árida que eu conheço. Silêncio, todos vocês, por favor! (...)”.⁴

Crianças sentem-se bem em locais seguros. Não era o caso de nossa heroína. Ao contrário da personagem Coelho Branco, aparentemente atrasado e às voltas com seu relógio, tomado o tempo todo pelo medo, a menina era corajosa. Se, para a pesquisadora Nelly Novaes Coelho, é importante haver nas histórias infantis a presença de um *locus amoenus*, lugar *ideal* onde não há desarmonia nem desequilíbrios em parte alguma, espaço gratificante, de natureza acolhedora, o mundo aqui criado por Carroll foge a esta regra. Difere de um *Sítio do Pica-pau Amarelo* de Monteiro Lobato, Tatipirun, de *A terra dos meninos pelados*, de Graciliano Ramos, do *Sítio de Taquara-Póca* de Francisco Marins, ou mesmo de Hogwarts, a escola onde o bruxo Harry Potter estudou, na série de livros escritos por J. K. Rowling, conterrânea do pai de Alice.

Mas como seria em termos de ambiente o universo criado por Lewis Carroll, o *locus* onde literalmente despenca Alice? Certamente bem distante do termo *amoenus*. Nada *cozy*, para usarmos um termo tão caro aos ingleses. Não aconchegante, ou acolhedor. Quem entraria no país das maravilhas atrás do Coelho Branco? A curiosidade pode fazer uma história começar. E coragem. Ora seríamos enormes, ora muito pequenos. Loucos. O que é ser normal? O medo não

⁴Ver p. desta edição.

deve sobrepor-se aos sonhos. Quanto dura a eternidade? Apenas um segundo. *Alice no país das maravilhas*. Porque também sou *nonsense*, e desejo ser *nonsense*. Estico o braço. Sorrio como um gato de Cheshire. *Selfie*. Navegar é preciso, viver não é preciso.

Alice no país das maravilhas

Na toca do coelho

Alice estava começando a ficar muito cansada de ficar sentada ao lado da irmã na margem do rio e de não ter nada para fazer: uma ou duas vezes, ela espiara no livro que a irmã estava lendo, mas não tinha nenhuma figura nem diálogos, “e para que serve um livro”, pensou Alice, “sem figuras nem diálogos?” [ref1]

Assim, ela estava considerando em seus pensamentos (da melhor forma que podia, pois o dia quente a deixava muito sonolenta e estúpida) se o prazer de fazer uma guirlanda de margaridas valeria o trabalho de levantar e colher margaridas, quando, de repente, um Coelho Branco, de olhos rosados, passou correndo perto dela.

Não havia nada de *muito* marcante nisso; nem Alice achou *tão* estranho o fato de ela ter ouvido o Coelho dizer consigo mesmo, “Oh, céus! Oh, céus! Estou muito atrasado!”. (Quando ela pensou sobre isso mais tarde, ocorreu-lhe que devia ter achado estranho, mas na hora lhe pareceu bastante natural); mas quando o Coelho [ref2] realmente *tirou um relógio do bolso do colete* e olhou para as horas, e então se apressou, Alice se pôs de pé, pois lhe passou pela cabeça que nunca tinha visto nem coelho de colete, nem relógio guardado no bolso, e, ardendo de curiosidade, ela correu pelo campo atrás dele e chegou a tempo de vê-lo pular dentro de uma grande toca embaixo da cerca viva.

No momento seguinte, Alice desceu atrás dele, sem jamais pensar em como faria para sair dali depois.

A toca do coelho seguia reta como um túnel até parte do caminho, e de repente descia vertiginosamente, tão de repente que Alice não teve um momento sequer para pensar em parar, até se ver caindo pelo que parecia ser um poço muito profundo.

Ou o poço era muito fundo, ou ela caiu muito devagar, pois ela teve tempo suficiente na descida para olhar ao seu redor e se perguntar o que lhe aconteceria em seguida. Primeiro, ela tentou olhar para baixo e descobrir aonde estava caindo, mas era escuro demais para enxergar; então ela olhou para os lados do poço e reparou que as paredes estavam cobertas de armários de louça e estantes de livros: aqui e

ali, ela viu mapas e quadros pendurados em pregos. Ela tirou um pote de vidro de uma das prateleiras ao passar; o rótulo dizia “geleia de laranja”, mas para sua frustração estava vazio; ela não soltou o pote de vidro com medo de matar alguém lá embaixo, então conseguiu devolvê-lo em um dos armários de louça pelos quais passou em sua queda.

“Bem!”, pensou Alice consigo mesma. “Depois de uma queda dessas, não vou achar nada demais em rolar escada abaixo! Como me acharão corajosa lá em casa! Ora, eu não contaria nada a ninguém, nem que eu caísse do telhado de casa!” (O que provavelmente era verdade.)

Caindo, caindo, caindo. Aquela queda não terminava *nunca*? “Quantos quilômetros eu já tinha caído àquela altura?”, ela disse em voz alta. “Já devo estar chegando ao centro da terra. Vejamos: o centro fica a mais de seis mil e quatrocentos quilômetros. Acho...” (pois, como se vê, Alice havia aprendido várias coisas desse tipo na escola, e, embora aquela não fosse uma oportunidade *muito* boa para exhibir seus conhecimentos, pois não havia ninguém ali para ouvi-la, ainda assim era um bom costume repetir o que se aprendeu)” — sim, a distância é mais ou menos essa — mas eu me pergunto: em que latitude ou longitude devo ter chegado?” (Alice não fazia ideia do que era latitude ou longitude, mas achava que eram belas palavras grandiosas de serem ditas.)

Então ela começou de novo. “Será que vou cair *através* da terra? Seria engraçado sair lá do outro lado, entre as pessoas que andam de ponta-cabeça! Os antipáticos, acho que chamam...” (ela ficou contente por *não* haver ninguém ouvindo dessa vez, pois não parecia mesmo ser essa a palavra certa)” — “mas vou precisar perguntar o nome do país, sabe como é... Por favor, senhora, aqui é a Nova Zelândia ou a Austrália?” (e ela tentou fazer uma *mesura* enquanto falava — imagine fazer uma *mesura* enquanto se está caindo em plano ar! Você acha que conseguiria?) “E me achariam uma garotinha ignorante! Não, não vou perguntar nada: talvez esteja escrito em algum lugar.”

Caindo, caindo, caindo. Não havia nada a fazer, então Alice começou a falar de novo. “A Dinah vai sentir minha falta hoje à noite, isso sim!” (Dinah era a gata.) “Espero que alguém se lembre de dar o pires de leite para ela na hora do chá. Dinah, querida, queria que você estivesse aqui embaixo comigo! Não há camundongos no ar, infelizmente, mas você poderia tentar caçar um morcego, que é muito parecido com um camundongo, você sabe. Mas será que gata come morcego, é o que eu me pergunto...” E aqui Alice começou a ficar com sono e seguiu falando sozinha, de um modo um tanto sonhador, “Gata come morcego? Gata come morcego?” e, por vezes, “Morcego

come gata?”, pois, você sabe, como ela não tinha resposta a essas perguntas, não importava a ordem dos termos. Ela sentiu como se estivesse cochilando, e havia começado a sonhar que estava de mãos dadas com Dinah, e dizia muito seriamente: “Ora, Dinah, diga a verdade: você já comeu morcego?”, quando, de repente, tum! tum!, ela caiu em um monte de gravetos e folhas secas, e a queda terminou.

Alice não se machucou nem um pouquinho e pulou para o chão no momento seguinte: ela olhou para cima, mas estava tudo escuro sobre sua cabeça; diante dela, havia outro longo corredor, e o Coelho Branco ainda estava à vista, descendo esse corredor apressadamente. Não havia tempo a perder: lá se foi Alice, feito o vento, chegando a tempo de ouvir, quando o coelho virou uma esquina: “Oh, minhas orelhas, minhas suíças, como está ficando tarde!”. Ela estava logo atrás dele, quando virou a esquina, mas o Coelho não estava mais à vista: ela se viu em um grande salão, comprido, de teto baixo, iluminado por uma fileira de lustres que pendiam do teto.

Esse salão era cercado de portas, mas estavam todas trancadas; e, depois que Alice percorreu todo o recinto, de um lado para o outro, experimentando todas, ela caminhou tristonha até o meio do salão, perguntando-se se algum dia conseguiria sair dali.

De repente, ela se deparou com uma mesinha de três pernas, toda feita de vidro maciço; não havia nada na mesa além de uma minúscula chave dourada, e a primeira ideia de Alice foi que talvez a chave pertencesse a uma das portas do salão; mas, infelizmente, ou as fechaduras eram muito grandes, ou a chave era muito pequena, mas de qualquer forma não abria nenhuma delas. Contudo, na segunda tentativa, ela se deparou com uma cortina baixa em que não havia reparado antes, e detrás da cortina havia uma portinha de menos de quarenta centímetros de altura: ela experimentou a chavezinha dourada na fechadura, e, para sua grande alegria, a chave servia!

Alice abriu a portinha e descobriu que dava em um pequeno corredor, não muito maior do que um buraco de rato: ela se ajoelhou e olhou através do corredor e do outro lado avistou o jardim mais adorável que alguém já viu na vida. Como ela quis sair daquele salão escuro e passear entre aqueles canteiros de flores coloridas e fontes de água fresca! Mas ela não conseguia passar nem mesmo a cabeça pela portinha. “Mesmo que a minha cabeça passe”, pensou a pobre Alice, “ela seria de pouca utilidade sem meus ombros. Oh, como eu queria me fechar feito um telescópio! Acho que eu conseguiria, se ao menos soubesse como começar.” Pois, você sabe, tantas coisas estranhas haviam acontecido ultimamente que Alice havia começado a pensar que pouquíssimas coisas de fato deviam ser realmente impossíveis.

Aparentemente era inútil esperar diante da portinha, de modo que

ela voltou até a mesa, com certa esperança de encontrar ali outra chave, ou ao menos um livro de regras para fechar pessoas como telescópios: dessa vez ela encontrou sobre a mesa uma garrafinha (“que seguramente não estava ali antes”, disse Alice) e amarrado ao gargalo da garrafa havia uma etiqueta de papel onde se lia “beba-me” lindamente impresso em letras garrafais.

Não era um problema estar escrito “Beba-me”, mas a pequena sabichona Alice não faria *isso* com pressa. “Não, antes vou olhar”, ela disse, “e ver se está escrito ‘veneno’ ou não”, pois ela havia lido várias historinhas agradáveis sobre crianças que eram queimadas ou devoradas por animais selvagens, e outras coisas desagradáveis, tudo porque elas *não* se lembraram das regras mais simples que os pais ensinavam: por exemplo, saber que um atizador incandescente acabará queimando se você segurá-lo por muito tempo; e que, se você fizer um corte *muito* fundo com uma faca, geralmente vai sair sangue; e ela jamais esqueceria que, se você beber muito de uma garrafa escrita “veneno”, quase certamente passará mal, cedo ou tarde.

No entanto, nessa garrafa *não* estava escrito “veneno”, de modo que Alice arriscou provar e, achando muito gostoso (o líquido, na verdade, tinha um sabor misturado de torta de cereja, creme, abacaxi, peru assado, café e torrada com manteiga), logo ela bebeu todo o conteúdo.

“Que sensação engraçada!”, disse Alice. “Devo estar me fechando como um telescópio.”

E, de fato, ela estava agora com apenas vinte e cinco centímetros de altura, e seu rosto se iluminou com a ideia de que agora ela tinha o tamanho certo para passar pela portinha e ir até aquele jardim adorável. Primeiro, contudo, ela esperou alguns minutos para ver se ainda diminuiria mais: ela ficou um pouco nervosa quanto a isso, “pois pode acontecer, você sabe”, disse Alice consigo mesma, “de eu sumir totalmente, como uma vela. Como será que eu seria então?” E ela tentou imaginar como seria a chama de uma vela depois que a vela se apaga, pois ela não se lembrava de ter visto algo assim acontecer.

Após algum tempo, vendo que nada mais acontecia, ela resolveu ir de uma vez até o jardim; mas, pobre Alice!, quando chegou na portinha, percebeu que havia esquecido a chavezinha dourada, e, quando voltou à mesa para buscá-la, notou que era impossível alcançá-la: ela podia vê-la claramente através do vidro da mesa, e fez o melhor que podia para escalar por um dos pés da mesa, mas o vidro era muito escorregadio; e, quando a pobrezinha se cansou de tentar, sentou-se no chão e começou a chorar.

“Ora, vamos, não adianta nada ficar assim chorando!”, disse Alice consigo mesma, um tanto ríspida. “Aconselho você a sair daqui agora!” Ela geralmente se dava muito bons conselhos (embora

raramente os seguisse), e algumas vezes ralhava consigo mesma tão severamente que lhe vinham lágrimas aos olhos; e, uma vez, ela se lembrava de ter tentado guardar as lágrimas em uma caixa, por ter trapaceado a si mesma em uma partida de *croquet* que estava jogando sozinha, pois essa curiosa criança gostava muito de fingir ser duas pessoas. “Mas agora não adianta nada”, pensou a pobre Alice, “fingir ser duas pessoas! Pois restou tão pouco de mim que mal daria *uma* pessoa de respeito!”

Logo seus olhos depararam com uma caixinha de vidro que estava embaixo [ref3] da mesa: ela abriu e encontrou um bolinho muito pequeno, no qual estava escrito, lindamente composto com uvas-passas: “coma-me”. “Bem coma”, disse Alice, “e se isso me fizer crescer, posso alcançar a chave; e, se me fizer diminuir, poderei me arrastar por baixo da porta; de modo que seja como for chegarei ao jardim, e não me importa o que vai acontecer!”

Ela deu uma mordidinha e disse aflita consigo mesma: “Será que estou crescendo? Será que estou diminuindo?”, pondo a mão no topo da cabeça para sentir o sentido do crescimento, e ficou muito surpresa ao notar que permanecia do mesmo tamanho; sem dúvida, é o que geralmente acontece quando comemos bolo, mas Alice já estava tão acostumada a esperar que coisas inesperadas acontecessem que lhe pareceu uma tolice, sem graça, que a vida continuasse do mesmo jeito.

Então ela resolveu agir e, em pouquíssimo tempo, comeu o bolo inteiro.

Piscina de lágrimas

“Que bizarrismo!”, gritou Alice (ela ficou tão surpresa que por um momento se esqueceu das regras da própria língua; “agora estou me abrindo como o maior telescópio do mundo! Adeus, meus pés!” (pois, quando ela olhou para baixo, seus pés pareciam quase fora do alcance da visão de tão distantes que estavam). “Oh, meus pobres pezinhos! Quem vai colocar sapato e meia em vocês agora, meus queridos? Sem dúvida, eu que não vou poder! Vou estar muito longe para me ocupar de vocês: vocês terão que se virar sozinhos da melhor forma que puderem... mas devo ser boazinha com eles”, pensou Alice, “porque talvez eles resolvam não me obedecer depois! Veja-mos: eu lhes darei botas novas todo Natal.”

E ela prosseguiu planejando consigo mesma como faria aquilo. “As botas devem vir pelo correio”, ela pensou, “e que engraçado seria mandar presentes para os próprios pés! E como ficaria absurdo no endereço!

Sr. Pé Direito de Alice.
Tapete da Lareira,
próximo ao Guarda-Fogo,
(com Amor, da Alice).

Oh, céus, quanta bobagem estou falando!”

Nesse instante, sua cabeça bateu no teto do salão: na verdade, ela estava agora com quase três metros de altura e imediatamente pegou a chavezinha dourada e correu para a porta do jardim.

Pobre Alice! Foi o máximo que ela conseguiu fazer, deitar-se de lado, para olhar para o jardim com um olho só; mas atravessar agora era ainda mais impossível do que nunca: ela se sentou no chão e começou a chorar de novo.

“Você devia ter vergonha de si mesma”, disse Alice, “uma meninona grande como você” (nisso ela tinha razão), “ficar assim chorando desse jeito! Pare já com isso, estou lhe dizendo!” Mas ela continuou da mesma forma, despejando galões e galões de lágrimas, até que se formou uma piscina de uns dez centímetros de profundidade, ocupando metade do salão.

Após algum tempo, ela ouviu o som de passos ao longe e rapidamente enxugou os olhos para ver o que estava acontecendo. Era o Coelho Branco que voltava, esplendidamente vestido, com luvas brancas em uma mão e um grande leque na outra: ele vinha trotando, muito apressado, resmungando consigo mesmo no caminho, “Oh! A Duquesa, a Duquesa! Oh, ela vai ficar furiosa com a minha demora!”. Alice se sentia tão desesperada que estava disposta a pedir ajuda a qualquer um; então, quando o Coelho se aproximou, ela começou, em voz baixa e tímida: “Por favor, senhor...” O Coelho se assustou brutalmente, deixou cair as luvas brancas e o leque e fugiu correndo para a escuridão, o mais depressa que podia.

Alice recolheu o leque e as luvas e, como o salão estava muito abafado, ficou se abanando com o leque todo o tempo em que ficou falando! “Ora, ora! Tudo está tão estranho hoje! Ontem tudo parecia normal. Será que eu mudei durante a noite? Deixe-me pensar: será que eu *era* a mesma pessoa quando acordei esta manhã? Acho que quase lembro de ter me sentido um pouquinho diferente. Mas se eu não sou mais a mesma, a pergunta seguinte é: quem afinal eu sou? Ah, esse é o grande enigma!” E ela começou a recapitular todas as crianças que tinham a mesma idade que ela para ver se ela podia ter sido trocada por alguma delas.

“Com certeza, eu não sou a Ada”, ela disse, “porque o cabelo dela é comprido e encaracolado, e o meu não faz nenhum cacho; e tenho certeza de que não posso ser a Mabel, porque eu sei todo tipo de

coisa, e ela, oh!, ela sabe muito pouco! Além do mais, *ela* é ela, e *eu sou* eu, e... oh, céus, como isso tudo é enigmático! Deixe-me ver se eu ainda sei todas as coisas que eu sabia. Deixe-me ver: quatro vezes cinco, doze, e quatro vezes seis, treze, e quatro vezes sete é... oh, céus! Assim nunca vou chegar no vinte! Mas Tabuada não faz sentido: vamos ver Geografia. Londres é a capital de Paris, e Paris é a capital de Roma, e Roma... não, *isso* está tudo errado, tenho certeza! Devo ter sido trocada pela Mabel! Vou tentar recitar '*Como o pequeno...*'", e ela cruzou as mãos no colo, como se estivesse lendo uma lição, e começou a repetir o poema, mas sua voz saiu rouca e estranha, e as palavras não eram as palavras de costume:...

Como o pequeno crocodilo
Levanta a luzidia cauda,
Espalham águas do Nilo
As escamas douradas! Como alegre gargalha,
Como abre suas garras,
E recebe bem peixinhos
Na risonha bocarra!

"Tenho certeza de que essas palavras estão erradas", disse a pobre Alice, e seus olhos se encheram de lágrimas de novo, conforme ela prosseguiu. "Devo ser a Mabel mesmo, e vou ter que ir morar naquela casinha minúscula, e não ter quase nenhum brinquedo, e oh! E ainda tanta lição para aprender! Não, quanto a isso está decidido: se eu for a Mabel, eu vou ficar aqui embaixo. Não vai adiantar nem enfiar a cabeça aqui e dizerem 'Volte, querida!'. Eu vou olhar lá para cima e falar, 'Quem eu sou afinal? Primeiro, digam e, depois, se eu gostar da pessoa, eu volto: se não, fico aqui até que eu seja outra pessoa'... mas, oh, céus!", gritou Alice com um súbito acesso de choro: "Quem dera eles enfiassem a cabeça aqui embaixo! Estou *muito* cansada de ficar aqui sozinha!".

Ao dizer isso, ela olhou para suas mãos e ficou surpresa ao ver que havia posto uma das luvinhas brancas do Coelho enquanto falava. "Como eu *consegui* vestir isto?", ela pensou. "Devo estar diminuindo de novo." Ela se levantou e foi até a mesa para se medir em comparação, e descobriu que, aproximadamente, devia estar agora com pouco mais de meio metro de altura, e continuava diminuindo rapidamente: ela logo descobriu que a causa daquilo era o leque que estava segurando e o soltou bruscamente, a tempo de evitar uma diminuição total.

"Essa foi por pouco!", disse Alice, um bocado assustada com a súbita mudança, mas muito contente de se encontrar ainda existente; "e agora direto para o jardim!", e ela correu a toda velocidade de volta até a portinha: mas ai!, a portinha estava outra vez fechada, e a chavezinha de ouro estava sobre a mesa de vidro como antes, "e

as coisas estão piores do que nunca”, pensou a pobre criança, “pois nunca fui tão pequena assim antes, nunca! E posso afirmar que é muito ruim, isso sim!”

Ao dizer essas palavras, seu pé escorregou e, no momento seguinte, splash!, ela estava enfiada até o pescoço em água salgada. Sua primeira ideia foi que de alguma forma havia caído no mar, “e, nesse caso, poderei voltar de trem”, ela disse consigo. (Alice tinha ido à praia uma única vez na vida, e chegara à conclusão geral de que, aonde quer que você fosse no litoral inglês, encontraria uma série de guarda-sóis à beira-mar, algumas crianças cavando na areia com pazinhas de madeira e uma fileira de chalés de aluguel, e atrás deles uma estação de trem.) No entanto, ela logo se deu conta de que estava na piscina de suas próprias lágrimas choradas quando estava com quase três metros de altura.

“Quem dera eu não tivesse chorado tanto!”, disse Alice, enquanto nadava, tentando encontrar uma saída. “Serei castigada por isso agora, imagino, sendo afogada nas minhas próprias lágrimas! Isso sim seria uma coisa estranha, com certeza! Mas tudo está estranho hoje.”

Nesse instante, ela ouviu algo se mexendo na água um pouco adiante e nadou para perto para ver o que era: a princípio, ela pensou se tratar de uma morsa ou de um hipopótamo, mas então se lembrou de quão minúscula estava agora e logo percebeu que era um mero camundongo que também havia escorregado como ela.

“Será que adiantaria alguma coisa agora”, pensou Alice, “falar com esse camundongo? Tudo tem sido tão inesperado aqui embaixo que deveria achar provável que esse camundongo falasse: seja como for, não faz mal nenhum tentar.” Então ela começou: “Ó Camundongo, você sabe como se sai desta piscina? Estou muito cansada de nadar aqui, ó Camundongo!” (Alice achou que esse devia ser o modo apropriado de se dirigir a um camundongo; ela nunca tinha feito nada parecido antes, mas se lembrou de ter visto no livro de latim do irmão “O camundongo — de um camundongo — para um camundongo — um camundongo — Ó camundongo!”.) O Camundongo olhou para ela um tanto inquisitivamente, e pareceu-lhe piscar com um de seus olhinhos, mas não disse nada.

“Talvez ele não fale a minha língua”, pensou Alice. “Talvez seja um camundongo francês, que veio com Guilherme, o Conquistador.” (Pois, apesar de todo seu conhecimento de história, Alice não tinha uma ideia muito clara de quanto tempo atrás as coisas tinham acontecido.) Então ela começou de novo: “*Où est ma chatte?*” [Onde está minha gata?], que era a primeira frase de seu livro de francês. O Camundongo saltou subitamente para fora da água e parecia trêmulo de pavor. “Oh, me desculpe!”, gritou Alice apressadamente, com medo

de ter magoado os sentimentos do pobre animal. “Eu esqueci que você não gosta de gato.”

“Não gosta de gato?!”, exclamou o Camundongo, com voz aguda, apaixonada. “Você *gostaria* de gato se fosse eu?”

“Bem, talvez não”, disse Alice em tom suave. “Não se irrite. Mas você deveria conhecer a nossa gata, a Dinah: acho que você passaria a gostar de gatos se a visse. Ela é uma criatura tão querida e sossegada”, Alice prosseguiu, em parte consigo mesma, como se estivesse nadando preguiçosamente na piscina, “e ela fica ronronando bem bonitinha diante da lareira, lambendo as patinhas e limpando o rosto — e ela é fofinha e fica bem no colo — e é ótima para apanhar camund... oh, me desculpe!”, exclamou Alice outra vez, pois agora o Camundongo estava todo eriçado, e ela percebeu que certamente ele estava realmente ofendido. “Não vamos mais falar nela se você não quiser.”

“De fato, não vamos!”, exclamou o Camundongo, que estava tremendo até a ponta da cauda. “Como se eu fosse falar sobre isso! Nossa família sempre odiou gato: criaturas cruéis, vis, vulgares! Não me obrigue a ouvir esse nome outra vez!”

“Não, não obrigarei!”, disse Alice, querendo depressa mudar de assunto. “Você... você gosta... de... cachorro?” O Camundongo não respondeu, de modo que Alice prosseguiu avidamente: “Há um cachorrinho tão bonitinho perto da nossa casa, eu adoraria lhe mostrar! Um terrier de olho claro, sabe? Oh, ele tem o pelo comprido, encaracolado, marrom! E ele busca coisas que a gente joga, e ele fica parado esperando a comida, e todo esse tipo de coisa — nem posso lembrar metade delas — e o dono é um fazendeiro, sabe? E ele diz que é um cachorro muito útil, custou cem libras! Disse que mata todos os ratos e ca... oh, céus!”, exclamou Alice em tom tristonho. “Receio que o tenha ofendido outra vez!” Pois o Camundongo estava indo embora nadando o mais depressa que podia e causando grande comoção na piscina em seu trajeto.

Então ela o chamou suavemente: “Camundongo querido! Volte aqui e não vamos mais falar de gato ou de cachorro, já que você não gosta!”.

Quando o Camundongo ouviu isso, ele se virou e nadou de volta lentamente para ela. Seu rosto estava muito pálido (de paixão, pensou Alice), e disse em voz baixa e trêmula: “Vamos para a margem, e então vou lhe contar minha história, e você entenderá por que eu odeio gato e cachorro”.

Corrida eleitoral e uma história sinuosa

Eles eram mesmo um grupo de aparência esquisita que se reuniu na margem do rio — as aves com as penas molhadas, os animais com o pelo escorrido, e todos ensopados, pingando, contrariados e incomodados.

A primeira questão, evidentemente, era como se secar: eles se consultaram a respeito, e alguns minutos depois pareceu perfeitamente natural para Alice se ver conversando com familiaridade com eles, como se os conhecesse desde sempre. Na verdade, ela teve uma longa discussão com o Louro, que ficou enfim carrancudo, e só dizia “Sou mais velho que você, eu é que sei”, e isso Alice não engoliu sem antes saber quantos anos ele tinha, e, como o Louro se recusou terminantemente a dizer sua idade, nada mais foi dito.

Por fim, o Camundongo, que parecia ter alguma autoridade entre eles, exclamou: “Sentem-se, todos vocês, e me escutem! Deixem comigo, vocês rapidamente ficarão secos”. Todos eles se sentaram ao mesmo tempo, em um grande círculo, com o Camundongo no meio. Alice ficou olhando fixa e ansiosamente para ele, pois tinha certeza de que pegaria um resfriado se não se secasse logo. [ref4]

“Aham!”, disse o Camundongo com um ar importante. “Vocês estão prontos? Essa é a coisa mais árida que eu conheço. Silêncio, todos vocês, por favor! ‘Guilherme, o Conquistador, cuja causa é favorecida pelo papa, logo submetido pelos ingleses, a quem faltavam líderes, e ultimamente se acostumaram à usurpação e à conquista. Edwin e Morcar, condes de Mercia e Northumbria...’”

“Ugh!”, disse o Louro, com um tremor.

“Com sua licença!”, disse o Camundongo, franzindo a testa, mas muito polidamente. “Você disse alguma coisa?”

“Eu não!”, disse o Louro prontamente.

“Achei que você tivesse dito”, disse o Camundongo. “... Prossigo: ‘Edwin e Morcar, condes de Mercia e Northumbria, declararam-no: e até mesmo Stigand, o patriótico Arcebispo de Canterbury, achou isso aconselhável...’”

“Achou o quê?”, disse o Pato.

“Achou *isso*”, o Camundongo respondeu um tanto contrariado. “Evidentemente você sabe o que significa *isso*.”

“Sei muito bem o que significa *isso*, quando *acho*”, disse o Pato; “geralmente é uma rã ou uma minhoca. A questão é o que o arcebispo achou.”

O Camundongo não deu ouvidos a essa pergunta, mas prosseguiu apressadamente, “ ‘achou aconselhável ir com Edgar Atheling ao encontro de William e oferecer-lhe a coroa. A conduta de William a princípio foi moderada. Mas a insolência de seus normandos...’ Como você está agora, minha querida?”, ele continuou, virando-se para Alice ao falar.

“Molhada como nunca”, disse Alice em tom melancólico; “aparentemente isso não está me secando nada.”

“Nesse caso”, disse o Dodo solenemente, ficando de pé, “proponho que a sessão entre em recesso para a adoção imediata de remédios mais efetivos...”

“Fale a nossa língua!”, disse a Aguiazinha. “Não entendo metade dessas palavras difíceis e, mais do que isso, não creio nem que você entenda!” E a Aguiazinha inclinou a cabeça para esconder um sorriso: algumas das outras aves deram risadinhas.

“O que eu ia dizer”, disse o Dodo em tom ofendido, “era que a melhor coisa para nos secar seria uma Corrida eleitoral.”

“O que é Corrida eleitoral?”, disse Alice; não que ela quisesse muito saber, mas o Dodo fez uma pausa, como se achasse que alguém fosse falar, e mais ninguém se sentiu tentado a dizer nada.

“Ora”, disse o Dodo, “a melhor forma de explicar é fazendo.” (E, como você pode querer tentar fazer isso, em um dia de inverno, vou lhe dizer o que fez o Dodo.)

Primeiro ele traçou uma pista de corrida, em uma espécie de círculo (“a forma exata não tem importância”, ele disse), e então o grupo inteiro foi posicionado na largada, aqui e ali. Não houve nenhum “um, dois, três e já”, mas eles começaram a correr, quando bem entenderam, e só pararam quando quiseram, de modo que não foi fácil saber quando a corrida acabou. No entanto, depois de correrem meia hora, mais ou menos, quando se viram secos de novo, o Dodo subitamente anunciou “Corrida encerrada!” e todos se reuniram em volta dele, ofegantes, perguntando “Mas quem ganhou?”.

A essa questão o Dodo não conseguiu responder sem antes pensar bastante, e ele ficou muito tempo com um dedo apontado na testa (posição em que geralmente vemos Shakespeare, nos retratos dele), enquanto o resto esperou em silêncio. Por fim, o Dodo disse “Todo mundo ganhou e todos devem receber prêmios”.

“Mas quem vai dar os prêmios?”, um belo coral de vozes perguntou.

“Ora, ela, é claro”, disse o Dodo, apontando para Alice com um dedo; e o grupo inteiro ao mesmo tempo se aproximou em volta dela, exclamando de modo confuso: “Prêmios! Prêmios!”.

Alice não fazia ideia do que devia fazer e desesperadamente pôs a mão no bolso, tirando uma caixa de doces (que, por sorte, a água salgada não havia penetrado), e os distribuiu a todos como prêmios. Havia exatamente um doce para cada um.

“Mas ela também deve receber um prêmio, vocês sabem...”, disse o Camundongo.

“É claro”, o Dodo respondeu muito gravemente.

“O que mais você tem no bolso?”, ele prosseguiu, virando-se para Alice.

“Só um dedal”, disse Alice, tristonha.

“Passe para cá”, disse o Dodo.

Todos se aproximaram dela outra vez, enquanto o Dodo solenemente apresentou o dedal, dizendo: “Esperamos que você aceite este elegante dedal”, e, quando ele terminou o breve discurso, todos deram vivas.

Alice achou tudo aquilo muito absurdo, mas todos pareciam tão graves que ela não ousou dar risada; e, como não lhe ocorreu mais nada para dizer, ela simplesmente fez uma mesura e aceitou o dedal, aparentando a máxima solenidade que conseguiu.

A próxima coisa a fazer era comer os doces, o que causou certo barulho e confusão, pois as aves maiores se queixaram por não conseguirem nem sentir o gosto dos seus, e as menores engasgaram e precisaram levar tapinhas nas costas. No entanto, por fim, acabou, e todos sentaram de novo em círculo e pediram ao Camundongo que lhes contasse mais alguma coisa.

“Você prometeu que ia contar a sua história, você sabe...”, disse Alice, “e o motivo de você odiar... G e C”, ela acrescentou sussurrante, com um certo medo de que ele se ofendesse outra vez.

“Minha história é como o meu rabo: sinuosa e triste”, disse o Camundongo, virando-se para Alice e suspirando.

“Sinuoso, de fato”, disse Alice olhando para o rabo do Camundongo. “Mas por que triste?” E ela continuou intrigada enquanto o Camundongo falava, de modo que a ideia que lhe ficou da história foi algo mais ou menos assim:

Furioso, cachorrão,
disse,
ao camundongo,
Que
encontrou na
casa,

'Vamos pro
tribunal. Vou te pro-
cessar...
Ora,
vamos, não
aceito não:
Faça-
mos logo
julgamento;
"De fato
hoje cedo
estou
livre"
Disse o
camundongo
ao cão,
"Esse processo
todo,
meu senhor,
Sem júri ou juiz
Seria uma
perda de tempo".
"Serei teu
juiz,
serei teu
júri",
disse
astuto
o velho
Furioso:
"Processo
teu
caso
e condeno-te
à
morte."

"Você não está prestando atenção", disse o Camundongo a Alice seriamente. "No que você está pensando?"

"Desculpe", disse Alice humildemente. "Será que você não está se desviando demais?"

“Não, está bem amarrado!”, exclamou o Camundongo, irritadiço.

“Amarrado!”, disse Alice, sempre prestativa, e olhando aflita para os lados. “Oh, deixe-me ajudar a desamarrar!”

“Não deixo coisa alguma”, disse o Camundongo, levantando-se e retirando-se. “Você me insulta com esses absurdos!”

“Não foi por mal!”, suplicou a pobre Alice. “Mas você se ofende por qualquer coisa, você sabe...”

O Camundongo simplesmente grunhiu em resposta.

“Por favor, volte para terminar a sua história!”, Alice pediu a ele. E os outros todos se juntaram em coro, “Sim, por favor!”, mas o Camundongo balançou a cabeça com impaciência e continuou a andar um pouco mais depressa.

“Que pena que ele não ficou”, suspirou o Louro, quando já não se avistava mais ele; e uma velha Carangueja aproveitou a oportunidade para dizer à filha: “Ah, meu bem! Que isso sirva de lição para você nunca perder a paciência!”.

“Controle-se, mamãe!”, disse a jovem Caranguejinha, um tanto impertinente. “Você é demais até para a paciência de uma ostra!”

“Quem dera Dinah estivesse aqui, como eu queria!”, disse Alice em voz alta, para ninguém em particular. “Ela logo o buscaria!”

“E quem é Dinah, se você me permite perguntar?”, disse o Louro.

Alice respondeu avidamente, pois estava sempre disposta a falar de sua gata: “A Dinah é a nossa gata. E ela é ótima caçadora de camundongos, vocês não imaginam! E, oh, vocês precisavam vê-la correndo atrás das aves! Ora, ela devora todo pássaro que encontra!”

Esse discurso causou notável comoção no grupo. Algumas aves foram embora imediatamente; uma velha Pêga começou a se arrumar com parcimônia, comentando: “Eu realmente preciso ir para casa; o ar frio da noite não faz bem à minha garganta!”, e um Canário chamou com voz trêmula os filhos: “Vamos, meus queridos! Já passou da hora de vocês estarem na cama!”. Sob vários pretextos, todos foram embora e logo Alice ficou sozinha.

“Quem dera eu não tivesse mencionado a Dinah!”, ela disse consigo mesma em tom melancólico. “Pelo visto, ninguém gosta dela aqui embaixo, e eu não tenho dúvida de que ela é a melhor gata do mundo! Oh, minha querida Dinah! Será que algum dia voltarei a vê-la...”

E aqui a pobre Alice começou a chorar de novo, pois se sentia sozinha e desanimada. Dali a pouco, no entanto, outra vez, ela ouviu um som de passos ao longe e ergueu os olhos avidamente, com certa

esperança de que o Camundongo tivesse mudado de ideia e estivesse voltando para terminar sua história.

O Coelho manda um lagarto

Era o Coelho Branco, voltando lentamente em seu trote e olhando aflito para os lados, no caminho, como se tivesse perdido alguma coisa; e ela o ouviu resmungar consigo mesmo: “A Duquesa! A Duquesa! Oh, minhas patas! Oh, minha pele e minhas suíças! Ela vai mandar me matar, tão certo como furões são furões! Onde posso ter deixado cair?”. Alice concluiu instantaneamente que ele estava procurando o leque e as luvas brancas, e ela, muito generosamente, começou a procurá-los, mas não encontrou em lugar nenhum — tudo parecia ter se transformado desde que ela nadara na piscina, e o grande salão, com a mesa de vidro e a portinha, havia desaparecido completamente.

Rapidamente o Coelho notou a presença de Alice, conforme ela começou a procurar, e chamou em tom irritadiço: “Ora, Mary Ann, o que você está fazendo aqui fora? Vá correndo já para casa e traga-me um par de luvas e um leque! Depressa, agora!”. E Alice ficou tão assustada que saiu correndo imediatamente na direção que ele apontou, sem tentar explicar o equívoco que ele havia cometido.

“Ele acha que sou sua empregada”, ela disse consigo mesma enquanto corria. “Que surpresa ele terá ao descobrir quem sou eu! Mas é melhor eu levar para ele o leque e as luvas — isto é, se eu conseguir encontrar.” Ao dizer isso, ela deparou com uma bela casinha, em cuja porta havia uma placa de latão polido escrito “coelho b.” em letras gravadas. Ela entrou sem bater, com muito medo de encontrar a verdadeira Mary Ann e de ser expulsa da casa antes de encontrar leque e luvas.

“Que esquisito”, Alice disse consigo mesma, “cumprir tarefas para um coelho! Imagino que Dinah também vá querer que eu faça favores para ela!” E ela começou a imaginar o tipo de coisa que aconteceria: “ ‘Senhorita Alice! Venha já aqui e arrume-se para sair!’ ‘Só um minutinho, babá, já vou! Mas tenho antes que vigiar esse buraco de camundongo enquanto a Dinah não volta, para ver se o camundongo não sai.’ Só que eu não acho”, Alice prosseguiu, “que vão deixar a Dinah continuar em casa se ela começar a dar ordens às pessoas desse jeito!”

A essa altura, ela já havia encontrado uma salinha arrumada com uma mesa junto à janela, e em cima da mesa (como ela esperava que fosse) um leque e dois ou três pares minúsculos de luvinhas brancas: ela pegou o leque e um par de luvas e estava prestes a sair da sali-

nha, quando seus olhos depararam com uma garrafinha que estava perto de um espelho. Dessa vez, não havia rótulo escrito “beba-me”, mas mesmo assim ela tirou a rolha e levou o gargalo aos lábios. “Sei que alguma coisa interessante certamente vai acontecer”, ela disse consigo mesma, “sempre que eu comer ou beber alguma coisa; então vou só esperar para ver o que essa garrafinha faz. Espero que me faça crescer de novo, pois estou realmente cansada de ser assim minúscula!”

De fato, fez, e muito antes do que ela esperava: antes de beber metade da garrafa, sua cabeça já estava encostando no teto, e ela precisou inclinar a cabeça para a frente para não quebrar o pescoço. Ela depôs a garrafa depressa, dizendo consigo mesma: “Já é o bastante... espero que eu pare de crescer agora... Desse jeito, não vou conseguir sair pela porta... Quem dera eu não tivesse bebido tanto!”.

Pena! Era tarde demais para desejar isso! Ela continuou crescendo, e crescendo, e logo precisou se ajoelhar no chão: no minuto seguinte, não havia espaço nem para se ajoelhar, e ela tentou deitar no chão com um cotovelo encostado na porta, e o outro braço abraçando a cabeça. Mesmo assim ela continuou crescendo, e, como um último recurso, ela passou um braço pela janela, e um pé pela chaminé, e disse consigo mesma: “Agora não dá mais, aconteça o que acontecer. O que será de mim?”.

Para sorte de Alice, a garrafinha mágica atingiu o efeito máximo, e ela não cresceu mais: ainda assim estava desconfortável, e, como não parecia haver nenhuma possibilidade de sair daquela salinha, não foi estranho que ela se sentisse infeliz.

“Em casa era muito melhor”, pensou a pobre Alice, “a gente não ficava sempre crescendo e diminuindo sem parar, e recebendo ordens de camundongos e coelhos. Quase desejo não ter entrado naquela toca de coelho... e no entanto... e no entanto... é bem curioso, sabe como é... esse tipo de vida! Eu me pergunto o que pode ter acontecido comigo! Quando eu lia contos de fadas, eu achava que esse tipo de coisa não acontecesse nunca, e agora aqui estou eu no meio de um desses contos! Alguém devia escrever um livro sobre mim, isso sim! E, quando eu crescer, vou escrever um... bem, agora já estou bem crescadinha”, ela agregou em tom tristonho; “mas... pelo menos *aqui* não tem mais espaço para crescer”.

“Mas será”, pensou Alice, “que eu nunca vou ficar mais velha do que sou agora? Isso seria um consolo, de certo modo... nunca virar uma velhinha... mas... ter que fazer lição de casa para sempre! Oh, eu não ia gostar nada disso!”

“Oh, Alice, sua boba”, ela mesma se respondeu. “Como você vai fazer lição aqui? Ora, mal tem espaço para você, que dirá para os livros!”

E assim ela prosseguiu, pensando primeiro por um lado, depois por outro, e fazendo disso uma verdadeira conversa consigo mesma; mas, depois de alguns minutos, ela escutou uma voz lá fora e parou para ouvir.

“Mary Ann! Mary Ann!”, dizia a voz. “Traga minhas luvas já!” Então ela ouviu o som de passos na escada. Alice sabia que era o Coelho vindo procurá-la, e ela estremeceu tanto que fez tremer a casa, esquecendo-se de que agora era mil vezes maior que o Coelho e não tinha motivos para ter medo dele.

Então o Coelho chegou perto da porta e tentou abri-la; mas, como a porta abria para dentro, e o cotovelo de Alice estava apoiado contra a porta, essa tentativa fracassou. Alice o ouviu dizer de si para si: “Sendo assim, vou dar a volta e entrar pela janela”.

“Isso você não vai conseguir”, pensou Alice, e, depois de esperar até ouvir que o Coelho chegara embaixo da janela, ela de repente esticou a mão e agarrou o ar. Ela não agarrou nada, mas ouviu um gritinho e o som de algo caindo, e de vidro quebrando, ao que concluiu que era possível que ele tivesse caído em uma estufa de pepinos ou algo do tipo.

Em seguida, veio uma voz furiosa — a voz do Coelho — “Pat! Pat! Onde está você?” E então uma voz que ela nunca tinha ouvido antes: “Estou aqui, onde mais? Colhendo maçãs, excelência!”.

“Colhendo maçãs, ora!”, disse o Coelho, irritado. “Aqui! Venha me ajudar com isso!” (Mais sons de vidro quebrado.)

“Agora me diga uma coisa, Pat, o que você está vendo na janela?”

“Sem dúvida, é um braço, excelência.” (Ele pronunciava “brrazo”.)

“Um braço, seu tonto! Onde já se viu um braço desse tamanho? Ora, ocupa a janela inteira!”

“Sem dúvida, ocupa, excelência... Mas mesmo assim é um braço.”

“Bem, isso não tem nada que fazer aí, seja como for: tire já isso daí!”

Houve um longo silêncio depois disso, e Alice só ouviu sussurros aqui e ali; como: “Sem dúvida, não estou gostando, excelência, nem um pouco, nem um pouco!”, “Faça o que estou dizendo, seu covarde!”, e por fim ela esticou a mão de novo e tentou novamente agarrar o ar. Dessa vez, houve dois gritinhos, e mais sons de vidro se quebrando. “Quantas estufas de pepinos deve haver aí!”, pensou Alice. “Imagino o que eles farão agora! Quanto a me tirar pela janela, quem dera eles conseguissem! Com certeza *eu* não quero ficar mais aqui!”

Ela esperou algum tempo até não escutar mais nada: por fim, veio um barulho de rodas de carroça, e o som de muitas vozes falando

ao mesmo tempo: ela conseguiu entender as palavras: “Cadê a outra escada?” “Ora, eu não trouxe outra, porque o Bill tinha uma... Bill! Traga aqui essa escada, rapaz!... Aqui, ponha nesse canto... Não, amarre as duas primeiro... ainda não chega na metade da altura... Oh! Bem, é o que temos; não seja tão implicante... Aqui, Bill! Pegue essa corda... Será que o telhado vai suportar? Cuidado com essa telha solta... Oh, caiu! Cuidado com a cabeça aí embaixo!” (um barulho estrondoso)... — “Ora, o que foi isso?” “Acho que foi o Bill... Quem vai descer pela chaminé? Não, eu que não vou! Vá você então! O Bill desce... Aqui, Bill!, o patrão mandou você descer pela chaminé!”

“Oh! Quer dizer que o Bill vai descer pela chaminé?”, disse Alice consigo mesma. “Ora, pelo visto, eles mandam esse Bill fazer tudo! Eu não queria estar no lugar desse Bill por nada neste mundo: essa lareira é estreita, sem dúvida; mas acho que consigo dar um chute!”

Ela esticou o pé até a chaminé, o máximo que conseguiu, e esperou até ouvir o pequeno animal se aproximar (ela não fazia ideia do tipo de animal), arrastando-se e esforçando-se para descer a chaminé acima dela: então, dizendo consigo mesma, “Deve ser o Bill”, ela deu um chute firme e esperou para ver o que ia acontecer em seguida.

A primeira coisa que ela ouviu foi um coro geral de “Lá se vai o Bill”, então a voz do Coelho apenas: “Não o deixe cair, você aí perto da cerca!”, depois o silêncio, e em seguida outra confusão de vozes — “Levante a cabeça dele... Conhaque, já! Não deixe engasgar... Como você está, meu velho? O que aconteceu? Queremos saber tudo!”

Por fim, ouviu-se uma vozinha fraca, esganiçada (“Deve ser o Bill”, pensou Alice), “Bem, eu não sei exatamente... Já chega, obrigado; já estou melhor... mas ainda estou confuso demais para explicar... só sei que alguma coisa me atingiu, como um boneco de mola numa caixa, e, quando vi, eu estava subindo feito um foguete!”

“Você subiu mesmo, meu velho!”, disseram os outros.

“Vamos incendiar a casa!”, disse a voz do Coelho. E Alice exclamou o mais alto que podia: “Se vocês fizerem isso, mando a Dinah atrás de vocês!”.

Por um momento, fez-se um silêncio mortal e Alice pensou consigo mesma: “O que será que eles vão fazer agora? Se eles tivessem um pingo de bom senso, arrancariam esse telhado”. Depois de um minuto ou dois, eles voltaram a se mexer, e Alice ouviu o Coelho dizer: “Um carrinho cheio será o suficiente”.

“Um carrinho cheio do quê?”, pensou Alice. Mas sua dúvida não durou muito, pois no momento seguinte uma chuva de pedrinhas se chocou contra a janela, e algumas acertaram seu rosto. “Vou dar um jeito

nisso agora mesmo”, ela disse consigo mesma, e gritou: “Melhor vocês não fazerem mais isso!”, o que produziu outro silêncio de morte.

Alice reparou com certa surpresa que as pedrinhas estavam todas se transformando em bolinhos conforme caíam no chão, e uma ideia brilhante lhe ocorreu. “Se eu comer um desses bolinhos”, ela pensou, “certamente alguma mudança de tamanho vou sofrer; e imagino que, como é impossível crescer, vou acabar diminuindo.”

Então ela comeu um bolinho e ficou contente ao ver que começou a diminuir instantaneamente. Assim que ficou pequena o suficiente para passar pela porta, ela saiu correndo da casa e encontrou uma verdadeira multidão de animaizinhos e aves esperando do lado de fora. O pobrezinho do Lagarto, Bill, estava no meio, apoiado por dois porquinhos-da-índia que lhe davam uma garrafa para beber. Todos correram na direção de Alice no momento em que ela apareceu; mas ela correu o máximo que podia e logo se viu a salvo no meio de uma densa floresta.

“A primeira coisa que devo fazer”, disse Alice para si mesma, enquanto perambulava pela floresta, “é voltar ao meu tamanho original; e a segunda coisa é encontrar o caminho para aquele jardim adorável. Acho que esse é o melhor plano.”

Parecia um plano excelente, sem dúvida, e planejado de modo muito exato e simples; a única dificuldade era que ela não sabia por onde começar; e, enquanto espiava aflita entre as árvores, ouviu um latidinho agudo acima de sua cabeça que lhe fez olhar para cima rapidamente.

Um cachorrinho enorme olhava para baixo com grandes olhos redondos voltados para ela e, mansamente esticando uma pata, tentava tocá-la. “Pobrezinho!”, disse Alice, em tom de adulação, e tentou assobiar para ele; mas o tempo todo ela estava terrivelmente assustada pensando que talvez ele estivesse com fome, e nesse caso era muito provável que ele a devorasse apesar de toda sua adulação.

Mal sabendo o que fazia, ela pegou um pedaço de um graveto, e mostrou para o filhote; ao que o cachorrinho saltou no ar com as quatro patas, com um ganido de prazer, e foi correndo atrás do graveto, e fingiu rosar para o graveto; então Alice se escondeu atrás de um cardo enorme para evitar ser pisoteada; e, no momento em que reapareceu do outro lado, o cachorrinho correu de novo atrás do graveto, tropeçou e deu uma cambalhota na afobação de buscar o graveto; então Alice, pensando que era como brincar entre as patas de um cavalo, e esperando a qualquer momento ser pisoteada, tornou a se esconder atrás do cardo enorme; então o cachorrinho começou uma série de ataques breves contra o graveto, correndo um pouquinho para a frente e depois correndo mais para trás, e latindo roucamente o

tempo todo, até que por fim o cachorrinho se sentou, ofegante, com a língua de fora, e os grandes olhos entreabertos.

Parecia uma boa oportunidade para Alice conseguir escapar; então ela logo partiu e correu até se cansar e ficar sem fôlego, e até que os latidos do cachorrinho soaram fraquinhos à distância.

“E, no entanto, que cachorrinho fofo era esse!”, disse Alice, apoiando-se a um ranúnculo para descansar, abanando-se com uma das folhas. “Eu teria adorado ensinar alguns outros truques para ele, se... se ao menos eu tivesse o tamanho certo para isso! Oh, céus! Quase me esqueci de que preciso crescer de novo! Vejamos... como isso poderia ser resolvido? Acho que o melhor seria comer ou beber uma coisa ou outra; mas a grande questão é o quê?”.

A grande questão certamente era: o quê? Alice olhou à sua volta, para as flores e as folhas de relva, mas não conseguiu encontrar nada que parecesse a coisa certa para comer ou beber naquelas circunstâncias. Havia um grande cogumelo perto dela, quase da sua altura; e, depois que observou por baixo, e pelos dois lados, e por trás do cogumelo, ocorreu-lhe que podia também dar uma olhada por cima.

Ela se esticou na ponta dos pés e espiou pela borda do cogumelo, e seus olhos imediatamente deram com os olhos de uma grande lagarta azul sentada em cima do cogumelo, de braços cruzados, silenciosamente fumando um narguilé, e sem dar a menor atenção a ela ou a qualquer outra coisa.

Conselho de uma Lagarta

A Lagarta e Alice se entreolharam por algum tempo em silêncio: por fim a Lagarta tirou o narguilé da boca e se dirigiu a ela, com uma voz lânguida, sonolenta.

“Quem é você?”, disse a Lagarta.

Esse não foi um começo de conversa muito encorajador. Alice respondeu, um tanto timidamente: “Senhor, eu não sei bem, no momento... pelo menos eu sei quem eu era quando acordei hoje cedo, mas acho que devo ter mudado várias vezes de lá para cá.”

“Como assim?”, disse seriamente a Lagarta. “Explique-se!”

“Não sei me explicar, infelizmente, senhor”, disse Alice, “porque não sou mais eu mesma, sabe...”

“Não sei”, disse a Lagarta.

“Infelizmente não consigo explicar com mais clareza”, disse Alice muito educadamente, “pois eu mesma não entendo, antes de mais

nada, e depois de ter vários tamanhos diferentes no mesmo dia, é muito confuso.”

“Não é nada confuso”, disse a Lagarta.

“Bem, talvez o senhor não ache”, disse Alice, “mas, quando você tiver que virar crisálida... você sabe, algum dia isso vai acontecer... e depois virar borboleta, acho que o senhor também vai se sentir um pouco esquisito, não é mesmo?”

“Nem um pouco”, disse a Lagarta.

“Bem, talvez os seus sentimentos sejam diferentes dos meus”, disse Alice; “só sei que, se fosse comigo, eu acharia muito esquisito.”

“Você!”, disse a Lagarta com desdém. “Quem é você?”

O que os trouxe de volta, mais uma vez, ao começo da conversa. Alice sentiu-se um pouco irritada com a Lagarta fazendo comentários *muito* sucintos e se levantou e disse, muito gravemente: “Acho que o senhor deveria me dizer quem é você primeiro”.

“Por quê?”, disse a Lagarta.

Eis outra questão enigmática; e como Alice não conseguiu pensar em nenhum bom motivo, e como a Lagarta parecia em um estado de espírito *muito* desagradável, ela se virou para ir embora.

“Volte aqui!”, a Lagarta chamou. “Tenho algo importante a dizer!”

Isso pareceu promissor, sem dúvida. Alice se virou e voltou mais uma vez.

“Não perca a paciência”, disse a Lagarta.

“Era só isso?”, disse Alice, engolindo sua raiva o melhor que conseguia.

“Não”, disse a Lagarta.

Alice achou por bem esperar, já que não tinha mais nada para fazer, e talvez afinal a Lagarta dissesse algo que valesse a pena ouvir. Por alguns minutos, a Lagarta ficou soltando fumaça sem falar, mas por fim descruzou os braços, tirou o narguilé da boca de novo e disse: “Quer dizer que você se transformou?”.

“Infelizmente, sim, senhor”, disse Alice. “Não consigo me lembrar das coisas que eu sabia... e parece que não consigo manter o mesmo tamanho por mais de dez minutos!”

“Não se lembra de quais coisas?”, disse a Lagarta.

“Bem, eu tentei recitar *Como a pequena abelha*, mas saiu tudo diferente!”, Alice respondeu com voz melancólica.

“Recite ‘Você está velho, pai William’ ”, disse a Lagarta.

Alice juntou as mãos e começou:

“Você está velho, pai William”, disse o moço,
“E seu cabelo ficou branco;
No entanto, você planta bananeira —
Na sua idade, não é um desplante?”

“No meu tempo”, pai William respondeu ao filho,
“Achava que fazia mal aos miolos;
Mas hoje, que sei que miolos não tenho,
Ora, planto bananeira a todo instante.”

“Você está velho”, disse o moço, “como eu disse,
E ficou gordo demais desse jeito;
Ainda assim dá cambalhota para trás —
Ora, qual é o seu intuito?”

“No meu tempo”, disse o sábio, das cacheadas cãs,
“Mantive braços e pernas flexíveis
Usando essa pomada — um xelim a lata —
Se quiser comprar, tenho algumas!”

“Você está velho”, disse o moço, “desdentado,
Não morde nada mais duro que banha;
Ainda assim devorou o ganso, com ossos e bico —
Ora, como consegue tal proeza?”

“No meu tempo”, disse o pai, “fui tribuno,
Discutia meus casos com a esposa;
E a musculatura que isso me deu à mandíbula
Durou pelo resto da vida.”

“Você está velho”, disse o moço, “ninguém diria
Que os seus olhos já tiveram boa mira;
Mas você equilibra uma enguia no nariz —
Como ficou assim sagaz?”

“Já respondi três perguntas, já basta”,
Disse o pai, “não fique se achando!
Você acha que tenho o dia inteiro?
Se não parar com isso, te chuto lá para baixo!”

“Você recitou errado”, disse a Lagarta.

“Não saiu perfeito, infelizmente”, disse Alice, timidamente; “algumas palavras saíram alteradas.”

“Está errado do começo ao fim”, disse a Lagarta, decidida, e houve um silêncio de alguns minutos.

A Lagarta falou primeiro.

“Qual tamanho você gostaria de ter?”, a Lagarta perguntou.

“Oh, eu não sou detalhista para tamanho”, Alice respondeu apressadamente; “só não gosto de ficar mudando tanto, sabe...”

“Não sei”, disse a Lagarta.

Alice não falou nada: nunca ninguém a contradissera tanto na vida, e ela sentiu que ia perder a paciência.

“Você está contente agora?”, disse a Lagarta.

“Bem, eu preferiria ser um pouquinho maior, senhor, se o senhor não se importa”, disse Alice. “Sete centímetros é uma altura horrível de se ter.”

“Na verdade, é uma altura muito boa”, disse irritadamente a Lagarta, erguendo-se, muito empertigado, enquanto falava (ele tinha justamente sete centímetros de altura).

“Mas é que eu não estou acostumada!”, implorou a pobre Alice em tom piedoso. E ela pensou consigo mesma: “Quem dera as criaturas não se ofendessem tão facilmente assim!”.

“Com o tempo, você vai se acostumar”, disse a Lagarta; e pôs o narguilé na boca e começou a fumar outra vez.

Dessa vez Alice esperou com paciência até que a Lagarta quisesse falar de novo. Dali um ou dois minutos, a Lagarta tirou o narguilé da boca e bocejou uma ou duas vezes, e se sacudiu. Então desceu do cogumelo e rastejou pela relva, simplesmente comentando no caminho: “Um lado fará você ficar mais alta, e o outro lado fará você ficar mais baixa”.

“Um lado do quê? O outro lado do quê?”, pensou Alice consigo mesma.

“Do cogumelo”, disse a Lagarta, como se Alice tivesse falado em voz alta; e, no momento seguinte, a Lagarta sumiu.

Alice continuou olhando pensativamente para o cogumelo por um minuto, tentando entender quais eram os dois lados do cogumelo; e, como o cogumelo era perfeitamente redondo, ela achou essa uma questão muito difícil. No entanto, por fim, ela esticou os braços, abertos, ao máximo, e arrancou um pedaço da borda com cada mão.

“E agora: qual será o quê?”, disse consigo mesma, e mordiscou um pedacinho do da mão direita para ver o efeito: no momento seguinte, sentiu uma pancada violenta no queixo: seu queixo havia batido em seu pé!

Ela ficou um bocado apavorada com essa mudança tão súbita, mas percebeu que não havia tempo a perder, pois estava encolhendo rapidamente; então resolveu logo comer um pedaço do outro. Seu queixo estava tão pressionado contra seus pés que quase não tinha espaço para ela abrir a boca; mas ela abriu enfim, e conseguiu engolir um pedaço do pedaço da mão esquerda.

“Ora, finalmente minha cabeça está livre!”, disse Alice em tom satisfeito, mas que se tornou um tom preocupado no momento seguinte, quando ela descobriu que não conseguia ver os próprios ombros: a única coisa que ela conseguiu ver, quando olhou para baixo, foi uma imensa extensão de pescoço, que parecia brotar como um talo em meio a um mar de folhas verdes, ao longe, muito lá embaixo.

“O que será toda essa coisa verde?”, disse Alice. “E por onde andarão meus ombros? E, oh, minhas pobres mãos, por que não consigo vê-las?” Ela estava movimentando as mãos enquanto falava, mas aparentemente não havia nenhum efeito, exceto um ligeiro tremor em meio às remotas folhagens lá embaixo.

Como não parecia haver nenhuma possibilidade de levar as mãos até a cabeça, ela tentou levar a cabeça até as mãos e ficou contente ao descobrir que seu pescoço se dobrava facilmente em qualquer direção, como uma serpente. Ela havia acabado de conseguir dobrá-lo em um gracioso zigue-zague, e estava mergulhando entre as folhagens, que descobriu serem simplesmente as copas das árvores sob as quais ela estivera perambulando, quando um zunido agudo a fez recuar apressada: uma pomba grande veio até seu rosto e bateu violentamente com as asas.

“Serpente!”, gritou a Pomba.

“Não sou serpente!”, disse Alice, indignada. “Deixe-me em paz!”

“Serpente, eu repito!”, repetiu a Pomba, mas em tom mais ameno, e agregou com uma espécie de soluço: “Já tentei de tudo, nada parece bom o suficiente para vocês!”.

“Não faça a menor ideia do que você está falando”, disse Alice.

Alice estava cada vez mais intrigada, mas achou que não adiantaria nada dizer qualquer coisa enquanto a Pomba não terminasse de falar.

“Como se já não bastasse o trabalho de chocar os ovos”, disse a Pomba; “eu ainda tenho que me preocupar com vocês, serpentes, noite e dia! Ora, eu não preguei o olho um minuto essas últimas três semanas!”

“Lamento ter incomodado”, disse Alice, que estava começando a entender o sentido daquilo.

“Mas eu não sou serpente, estou dizendo”, disse Alice. “Eu sou... Eu sou...”

“Bem! O que você é afinal?”, disse a Pomba. “Pelo visto você está tentando inventar uma mentira!”

“Até parece!”, disse a Pomba em tom do mais profundo desdém. “Eu já vi muitas meninas ao longo da vida, mas nunca vi uma menina com um pescoço desse! Não, não! Você é uma serpente, não adianta negar. Daqui a pouco você vai me dizer que nunca comeu ovo!”

“Já comi ovo, certamente”, disse Alice, que era uma criança muito sincera; “mas meninas também comem ovos, tanto quanto serpentes, você sabe.”

“Eu não acredito”, disse a Pomba; “mas, se as meninas comem ovos tanto quanto as serpentes, ora, então elas são uma espécie de serpente, eu diria.”

Essa foi uma ideia tão nova para Alice que ela ficou calada por um ou dois minutos, o que deu à Pomba a oportunidade de acrescentar: “Você estava procurando ovos, isso eu sei muito bem; e que diferença faz para mim se você é uma menina ou uma serpente?”.

“Para mim, faz muita diferença”, disse logo Alice; “mas eu não estou procurando ovo nenhum, na verdade; e, se eu estivesse, eu não iria comer os seus. Não gosto de ovo cru.”

“Então vá embora!”, disse a Pomba, em tom contrariado, enquanto se instalava de volta em seu ninho. Alice se abaixou entre as árvores o melhor que conseguiu, pois seu pescoço continuava se enroscando nos galhos, e de quando em quando ela precisava parar para desenroscar. Algum tempo depois ela se lembrou de que ainda estava com os pedaços de cogumelo nas mãos, e agiu cautelosamente, mordiscando primeiro um e depois o outro, e ficando ora maior, ora menor, até conseguir voltar à sua altura de sempre.

Fazia tanto tempo que ela não ficava do tamanho certo que a princípio se sentiu muito estranha; mas se acostumou em poucos minutos e começou a falar sozinha, como sempre. “Ora, ora, cumpri metade do meu plano! Como essas transformações são enigmáticas! Nunca sei o que vou ser de um minuto para o outro! No entanto, voltei para o meu tamanho certo: a próxima coisa agora é voltar para aquele lindo jardim... como fazer isso? É o que eu me pergunto agora...” Enquanto ela dizia isso, chegou de repente a um lugar aberto, com uma casinha de menos de um metro e meio de altura. “Quem quer que seja o morador dessa casinha”, pensou Alice, “não poderei chegar com esse tamanho: ora, o morador enlouqueceria de susto!” De modo que ela começou a mordiscar o pedaço da mão direita, e só ou-

sou se aproximar da casa quando estava com uns vinte centímetros de altura.

Porco e pimenta

Por um minuto ou dois, ela ficou olhando para a casa e se perguntando o que faria em seguida, quando de repente um criado de libré saiu correndo da floresta — (ela considerou que fosse um criado porque estava usando libré: do contrário, a julgar apenas pelo rosto dele, ela o teria chamado de peixe) — e bateu com estardalhaço na porta com os nós dos dedos. A porta foi aberta por outro criado de libré, de rosto redondo e grandes olhos de rã; e ambos os criados, reparou Alice, usavam perucas empoadas e cacheadas nas cabeças. Ela ficou muito curiosa para saber o que significava tudo aquilo e se esgueirou um pouco para fora da mata para escutar.

O criado Peixe começou tirando de debaixo do braço uma longa carta, quase tão comprida quanto ele, e entregou essa carta ao outro, dizendo, em tom solene: “Para a Duquesa. Um convite da Rainha para jogar *croquet*”. O criado Rã repetiu, no mesmo tom solene, apenas mudando um pouco a ordem das palavras: “Da Rainha. Um convite para a Duquesa para jogar *croquet*”.

Então ambos fizeram medidas, e seus cachos empoados se enroscaram.

Alice riu tanto nessa hora que precisou voltar correndo para a floresta com medo de que a ouvissem; e, quando ela tornou a espiar, o criado Peixe tinha ido embora, e o outro estava sentado no chão perto da porta, contemplando o céu estupidamente.

Alice caminhou timidamente até a porta e bateu.

“Não adianta bater”, disse o Criado, “e isso por dois motivos. Primeiro, estou do mesmo lado da porta que você; segundo, estão fazendo tanto barulho lá dentro que ninguém vai conseguir ouvir.” E certamente havia um barulho extraordinário lá dentro — berros e espirros incessantes, e de quando em quando estrondos altíssimos, como de um prato ou de um bule estilhaçados.

“Por favor, então”, disse Alice, “como posso entrar?”

“Talvez fizesse sentido bater”, o Criado prosseguiu sem olhar para ela, “se a porta estivesse entre nós. Por exemplo, se você estivesse lá dentro, você poderia bater, e eu poderia deixar você sair, você sabe...” Ele estava olhando para o céu todo o tempo em que falava, e isso Alice achou definitivamente indelicado. “Mas talvez ele não faça por mal”, ela disse consigo mesma. “Os olhos dele ficam muito juntos

no alto da cabeça. Mas mesmo assim ele podia responder. Como posso entrar?”, ela repetiu em voz alta.

“Vou ficar aqui sentado”, comentou o Criado, “até amanhã...”

Nesse momento, a porta da casa abriu e um prato grande voou para fora, na direção da cabeça do Criado: o prato apenas resvalou em seu nariz e se espatifou contra as árvores atrás dele.

“... ou talvez até depois de amanhã”, o Criado continuou no mesmo tom, justamente como se nada tivesse acontecido.

“Como posso entrar?”, perguntou Alice outra vez em voz mais alta.

“Você tem mesmo que entrar?”, disse o Criado. “Essa é a primeira questão, você sabe...”

Sem dúvida, era mesmo: só que Alice não gostou de ouvir. “É realmente infernal”, ela resmungou consigo mesma, “o modo como todas as criaturas questionam tudo aqui. É enlouquecedor!”

O Criado pareceu considerar essa uma boa oportunidade para repetir seu comentário, com variações. “Vou ficar aqui sentado”, ele disse, “sem me mexer, durante dias e dias.”

“Mas o que eu vou fazer?”, disse Alice.

“O que você quiser”, disse o Criado, e começou a assobiar.

“Oh, não adianta falar com esse aí”, disse Alice desesperadamente. “É um perfeito idiota!” E ela abriu a porta e entrou.

A porta dava diretamente em uma grande cozinha, toda enfumaçada de ponta a ponta: a Duquesa estava sentada em um banco de três pernas no meio, com um bebê no colo; a cozinheira estava inclinada sobre o fogão, mexendo um grande caldeirão que parecia cheio de sopa.

“Sem dúvida tem muita pimenta nessa sopa!”, Alice disse consigo mesma, da melhor forma que pôde, espirrando.

Sem dúvida, havia muita pimenta no ar. Até a Duquesa espirrava de quando em quando; e o bebê ora dava espirro, ora dava uivos, incessantemente. As únicas criaturas na cozinha que não estavam espirrando sem parar eram a cozinheira e um gato grande, sentado perto do fogo, sorrindo de orelha a orelha.

“Por favor, você poderia me dizer”, falou Alice um tanto timidamente, pois ela não tinha certeza se era educado falar primeiro, “por que o seu gato sorri assim?”

“É um gato de Cheshire”, disse a Duquesa, “é por isso. Porco!”

Ela disse a última palavra com violência tão súbita que Alice teve um sobressalto; mas ela viu no momento seguinte que fora dirigida ao bebê, e não a ela, de modo que ela tomou coragem e tornou a falar:

“Eu não sabia que os gatos de Cheshire sempre sorriam assim; na verdade, eu não sabia que gato ria.”

“Todos os gatos sabem rir”, disse a Duquesa; “e a maioria ri.”

“Eu não sabia disso, nunca vi um gato rindo”, Alice disse muito educadamente, sentindo-se muito aliviada por conversar com alguém.

“Você não sabe muita coisa”, disse a Duquesa; “e isso é um fato.”

Alice não gostou do tom desse comentário e achou que seria bom mudar o assunto da conversa. Enquanto tentava pensar em algum, o cozinheiro tirou o caldeirão de sopa do fogo e logo começou a atirar tudo o que tinha à mão em cima da Duquesa e do bebê — os atijadores foram primeiro; em seguida veio uma chuva de caçarolas, bandejas e pratos. A Duquesa nem se abalou, nem mesmo quando foi atingida; e o bebê já estava se esgoelando tanto que era praticamente impossível saber se o haviam acertado ou não.

“Oh, por favor, cuidado!”, exclamou Alice, pulando e se abaixando em uma agonia de terror. “Oh, lá se vai o narizinho lindo dele”; pois uma caçarola absurdamente grande passou raspando e quase arrancou o narizinho do bebê.

“Se as pessoas cuidassem da própria vida”, a Duquesa disse com um rosnado rouco, “o mundo giraria muito mais depressa.”

“Mas isso não seria uma vantagem”, disse Alice, que ficou muito contente pela oportunidade de exibir um pouco seus conhecimentos. “Imagine o efeito disso sobre o dia e a noite! Você sabe, a Terra leva vinte e quatro horas para dar uma volta em seu eixo...”

“Por falar em efeito”, disse a Duquesa, “corte a cabeça dela.”

Alice olhou aflita para a cozinheira para ver se ela obedeceria; mas a cozinheira estava ocupada mexendo a sopa e não parecia estar escutando, de modo que ela arriscou prosseguir: “Vinte e quatro horas, eu acho, ou será que são doze? Eu...”

“Oh, não me aborreça”, disse a Duquesa; “Nunca fui boa com números!” E com isso ela voltou a embalar o filho, entoando uma espécie de canção de ninar, e sacudindo violentamente o bebê ao final de cada verso:

Fale brava com seu filhinho,
Bata quando ele espirrar;
Ele só faz isso para me irritar,
Porque sabe que me irrita.

coro
(Ao qual se juntam a cozinheira e o bebê):
Uou! uou! uou!

Enquanto cantava a segunda estrofe da canção, a Duquesa ficou sacudindo o bebê tão violentamente, e o pobrezinho se esgoelou tanto, que Alice mal conseguiu entender a letra:

Falo brava com meu filho,
Bato quando ele espirra;
Pois ele sabe se aproveitar
Da pimenta para espirrar!
coro
Uou! uou! uou!

“Tome! Embale um pouco se quiser!”, a Duquesa disse a Alice, atirando o bebê ao falar. “Preciso ir me arrumar para jogar *croquet* com a Rainha”, e ela saiu correndo. A cozinheira atirou uma frigideira na Duquesa, mas não a acertou.

Alice segurou o bebê com alguma dificuldade, pois era uma criaturazinha de formato esquisito e esticava braços e pernas em todas as direções, “igualzinho a uma estrela-do-mar”, pensou Alice. A pobre criaturazinha estava espirrando como um motor a vapor quando ela o pegou no colo, e ficou se contorcendo e se esticando sem parar, tanto que, por um minuto ou dois, ela fez tudo o que pôde para tentar segurá-lo no colo.

Assim que ela entendeu a melhor forma de embalar o bebê (que era dar um nó nele e depois segurar firme a orelha direita e o pé esquerdo, para impedir que ele se desamarrasse), ela o levou para o ar livre. “Se eu não levar esse bebê comigo”, pensou Alice, “sem dúvida ele vai acabar morrendo daqui um ou dois dias: não seria um assassinato deixar o bebê aqui?” Ela disse essas últimas palavras em voz alta, e a criaturazinha grunhiu em resposta (ele havia parado de espirrar a essa altura). “Não grunha”, disse Alice; “não é um modo apropriado de se expressar.”

O bebê grunhiu de novo, e Alice olhou aflita para ver o que havia de errado com ele. Não havia nenhuma dúvida de que o bebê tinha um nariz bastante arrebitado, muito mais parecido com um focinho do que com um nariz de verdade; além disso, seus olhos estavam ficando extremamente pequenos para um bebê: de modo geral, Alice não gostou nada da aparência daquilo. “Talvez ele estivesse só soluçando”, ela pensou, e olhou outra vez para os olhos dele para ver se havia lágrimas.

Não, não havia nenhuma lágrima. “Se você se transformar em um porco, meu querido”, disse Alice, seriamente, “não vou mais querer

ficar com você. Pense bem!” A pobre criatura soluçou de novo (ou grunhiu, era impossível dizer exatamente), e ficaram em silêncio por algum tempo.

Alice estava começando a pensar, “Ora, o que eu vou fazer com essa criatura quando voltar para casa?”, quando ele grunhiu outra vez, tão violentamente, que ela olhou preocupada para seu rosto. Dessa vez, não havia mais dúvida: ele era nada mais, nada menos que um porco, e ela achou muito absurdo continuar levando-o no colo.

Então ela depôs a criaturazinha no chão e se sentiu bastante aliviada ao vê-lo trotar sossegadamente para dentro da floresta. “Se tivesse crescido”, ela disse consigo mesma, “teria sido uma criança horrivelmente feia: mas acho que vai acabar sendo um porco até bonito.” E ela começou a pensar em outras crianças que conhecia, que dariam belos porcos, e estava dizendo a si mesma, “se a gente soubesse o jeito certo de transformar...”, quando teve um breve sobressalto ao ver o Gato de Cheshire sentado em um galho de uma árvore alguns metros adiante.

O Gato simplesmente sorriu ao ver Alice. Ele parecia bondoso, ela pensou: embora tivesse garras muito compridas e muitos dentes, de modo que ela sentiu que ele devia ser tratado com respeito.

“Gatinho de Cheshire”, ela começou, um tanto timidamente, pois não sabia se ele iria gostar do apelido: no entanto, ele apenas sorriu um pouco mais. “Ora, até agora, ele parece satisfeito”, pensou Alice, e prosseguiu: “Por favor, você poderia me dizer que caminho devo seguir?”.

“Isso depende muito de saber aonde você quer chegar”, disse o Gato.

“Não faz muita diferença para mim...”, disse Alice.

“Então não importa qual caminho seguir”, disse o Gato.

“... desde que eu chegue em algum lugar”, Alice explicou.

“Oh, sem dúvida você chegará”, disse o Gato, “basta andar bastante.”

Alice sentiu que isso era inegável, de modo que tentou outra pergunta. “Que tipo de gente vive por aqui?”

“Naquela direção”, o Gato disse, acenando com a pata direita, “mora um Chapeleiro; e naquela direção”, apontando com a outra pata, “mora uma Lebre de Março. Qualquer um que você visite: todos os dois são loucos.”

“Mas eu não quero visitar gente louca”, Alice comentou.

“Oh, isso você não pode evitar”, disse o Gato. “Aqui somos todos loucos. Eu sou louco. Você é louca.”

“Como você sabe que eu sou louca?”, disse Alice.

“Deve ser”, disse o Gato, “ou não teria vindo aqui.”

Alice não achava que isso provava nada; mas prosseguiu. “E como você sabe que você é louco?”

“Antes de mais nada”, disse o Gato, “cachorros não são loucos. Você concorda?”

“Acho que sim”, disse Alice.

“Pois bem”, o Gato prosseguiu, “você sabe, o cachorro rosna quando está bravo e balança o rabo quando está contente. Ora, eu rosno quando estou contente e balanço o rabo quando estou bravo. Portanto eu sou louco.”

“Eu chamo de ronronar, não de rosnar”, disse Alice.

“Chame como quiser”, disse o Gato. “Você vai jogar *croquet* com a Rainha hoje?”

“Eu adoraria”, disse Alice, “mas ainda não fui convidada.”

“Você me verá por lá”, disse o Gato e sumiu.

Alice não ficou muito surpresa com isso, de tão acostumada que já estava com coisas esquisitas acontecendo. Enquanto olhava para o lugar onde ele estivera, subitamente ele apareceu de novo.

“Por falar nisso, o que aconteceu com o bebê?”, disse o Gato. “Ia me esquecendo de perguntar.”

“Ele virou um porco”, Alice disse sossegadamente, como se fosse algo muito natural.

“Como eu pensei”, disse o Gato, e tornou a desaparecer.

Alice aguardou um pouquinho, com certa esperança de vê-lo novamente, mas ele não apareceu, e, após um ou dois minutos, ela seguiu caminhando na direção em que, segundo lhe dissera o Gato, vivia a Lebre de Março. “Já conheci outros chapeleiros”, ela disse consigo mesma; “a Lebre de Março será muito mais interessante, e talvez, como estamos em maio, a lebre não esteja tão louca... pelo menos não tanto quanto em março.” Ao dizer isso, ela olhou para cima, e lá estava o Gato outra vez, sentado no galho de uma árvore.

“Você disse porco ou pouco?”, disse o Gato.

“Eu disse porco”, respondeu Alice, “e eu gostaria que você não ficasse aparecendo e desaparecendo de repente: você deixa a gente um pouco tonta.”

“Está bem”, disse o Gato, e dessa vez foi sumindo bem devagar, começando pela ponta do rabo, e terminando no sorriso, que permaneceu por algum tempo depois que todo o resto havia desaparecido.

“Ora! Já vi muito gato sem sorriso”, pensou Alice; “mas um sorriso sem gato! É a coisa mais interessante que eu já vi em toda a minha vida.”

Ela não chegou a caminhar muito quando avistou a casa da Lebre de Março: ela achou que devia ser a casa certa, porque as chaminés eram em forma de orelhas e o telhado era peludo. Era uma casa tão grande que ela não quis se aproximar sem antes morder mais um pouco do cogumelo da mão esquerda e crescer até ficar com uns sessenta centímetros. Mesmo assim, ela caminhou até a casa timidamente, dizendo consigo: “E se a lebre estiver muito louca?! Estou quase arrependida de não ter ido ao Chapeleiro!”.

Chá de loucos

Havia uma mesa posta embaixo de uma árvore na frente da casa, e a Lebre de Março e o Chapeleiro estavam tomando chá em volta: um Arganaz estava sentado entre eles, dormindo pesado, e os outros dois o usavam como almofada para os cotovelos e conversavam por cima de sua cabeça. “Isso deve ser muito desconfortável para o Arganaz”, pensou Alice; “mas, como ele está dormindo, pelo visto, não se importa.”

A mesa era grande, mas os três estavam apinhados em um canto. “Não tem mais lugar! Não tem mais lugar!”, ele gritaram quando viram Alice chegar.

“Estou vendo vários lugares!”, disse Alice, indignada, sentando-se em uma grande poltrona em uma ponta da mesa.

“Beba vinho”, disse a Lebre de Março em tom encorajador.

Alice olhou para a mesa, mas só havia chá. “Não estou vendo nenhum vinho”, ela comentou.

“Não tem mesmo”, disse a Lebre de Março.

“Então não é muito educado oferecer”, disse Alice, irritada.

“Não é muito educado da sua parte sentar sem ser convidada”, disse a Lebre de Março.

“Eu não sabia que a mesa era sua”, disse Alice. “A mesa está posta para muito mais do que três.”

“Você está precisando cortar esse cabelo”, disse o Chapeleiro. Ele estivera observando Alice havia algum tempo com grande curiosidade,

e foi a primeira coisa que ele disse.

“Você devia aprender a não fazer comentários pessoais”, Alice disse com certa severidade; “é muito rude.”

O Chapeleiro arregalou bem os olhos ao ouvir isso, mas a única coisa que ele disse foi: “Qual é a semelhança entre o corvo e a escrivani-nha?”.

“Ora, agora vamos nos divertir um pouco!”, pensou Alice. “Que bom que começaram a brincar de enigmas. — Acho que posso adivinhar”, ela acrescentou em voz alta.

“Você está dizendo que acha que pode descobrir a resposta?”, disse a Lebre de Março.

“Exatamente”, disse Alice.

“Pois então diga”, a Lebre de Março prosseguiu.

“Quero dizer”, Alice respondeu rispidamente; “pelo menos... pelo menos é o que eu acho... o que dá na mesma, você sabe...”

“Não dá nada na mesma!”, disse o Chapeleiro. “Ora, você acha que é a mesma coisa dizer que ‘eu vejo o que eu como’ e ‘eu como o que eu vejo’?”

“Ou ainda dizer”, agregou a Lebre de Março, “que ‘eu gosto do que eu tenho’ é o mesmo que ‘eu tenho o que eu gosto’?”

“Daqui a pouco você vai dizer”, agregou o Arganaz, que parecia falar enquanto dormia, “que ‘eu respiro quando durmo’ é a mesma coisa que ‘eu durmo quando respiro’!”

“Só se der na mesma para você”, disse o Chapeleiro, e aqui a conversa acabou, e o grupo se sentou em silêncio por um minuto, enquanto Alice recapitulava tudo o que conseguia se lembrar sobre corvos e escrivainhas, o que não era muito.

O Chapeleiro foi o primeiro a romper o silêncio. “Em que dia do mês estamos?”, ele disse, virando-se para Alice. Ele havia tirado o relógio do bolso e estava olhando contrariado para o relógio, sacudindo-o de quando em quando e aproximando-o do ouvido.

Alice pensou um pouco e então disse: “Dia quatro”.

“Dois dias atrasado!”, suspirou o Chapeleiro. “Eu falei que manteiga na engrenagem não ia resolver!”, ele acrescentou, olhando irritado para a Lebre de Março.

“Era uma manteiga da *melhor* qualidade”, a Lebre de Março mansamente respondeu.

“Sim, mas devem ter caído também algumas migalhas na engrenagem”, resmungou o Chapeleiro. “Você não devia ter usado a faca de pão.”

A Lebre de Março tirou o relógio do bolso e olhou tristonho para os ponteiros: depois mergulhou o relógio em sua xícara de chá e tornou a olhar para o relógio: mas não conseguiu pensar em nada melhor para dizer do que seu primeiro comentário. “Era uma manteiga da *melhor* qualidade, você sabe...”

Alice ficara observando por cima do ombro dele com certa curiosidade. “Que relógio engraçado!”, ela comentou. “Dá o dia do mês, mas não diz que horas são!”

“Por que diria a hora?”, resmungou o Chapeleiro. “O seu relógio diz em que ano estamos?”

“Claro que não”, Alice respondeu muito prontamente. “Mas isso é porque continua sendo o mesmo ano por muito tempo.”

“Pois bem, o meu relógio diz”, disse o Chapeleiro.

Alice ficou terrivelmente intrigada. O comentário do Chapeleiro parecia não fazer sentido, e no entanto ele falava sem dúvida a mesma língua. “Não sei se entendi”, ela disse, o mais educadamente que conseguiu.

“O Arganaz dormiu de novo”, disse o Chapeleiro, e serviu chá quente em seu nariz.

O Arganaz sacudiu a cabeça impaciente e disse, sem abrir os olhos: “Claro, claro, era justamente o que eu ia dizer”.

“Você já adivinhou o enigma?”, o Chapeleiro disse, virando-se de novo para Alice.

“Não, eu desisto”, Alice respondeu. “Qual é a resposta?”

“Não faça a menor ideia”, disse o Chapeleiro.

“Nem eu”, disse a Lebre de Março.

Alice soltou um suspiro de desgosto. “O tempo é uma coisa preciosa”, ela disse, “para desperdiçar com enigmas sem resposta.”

“Se você conhecesse o Tempo como eu conheço”, disse o Chapeleiro, “você não diria que é uma coisa. Ele é uma pessoa.”

“Não entendi o que você disse”, disse Alice.

“Claro que não entendeu!”, o Chapeleiro disse, jogando a cabeça para trás com desdém. “Eu diria que você nunca conversou com o Tempo!”

“Talvez não”, Alice respondeu com cautela. “Mas eu aprendi na aula de música a marcar o tempo, batendo assim...”

“Ah! Então está explicado”, disse o Chapeleiro. “Ele não gosta que batam. Agora, se você se dá bem com ele, ele faz praticamente tudo o que você quiser com o relógio. Por exemplo, suponhamos que agora fossem nove da manhã, hora de começar a estudar: basta você cochiçar para o Tempo, e a hora passa em uma piscar de olhos! Quando der uma e meia, pula para a hora do jantar!”

(“Quem dera já fosse”, Lebre de Março sussurrou para si mesmo.)

“Sem dúvida, isso seria ótimo”, disse Alice, pensativamente: “mas... eu ainda não estaria com fome, você sabe...”

“A princípio, talvez não”, disse o Chapeleiro. “Mas você poderia fazer com que continuasse sendo uma e meia pelo tempo que quisesse.”

“É assim que você faz?”, Alice perguntou.

O Chapeleiro balançou a cabeça pesarosamente. “Eu não!”, ele respondeu. “Nós discutimos isso março passado — pouco antes de esse aí enlouquecer, você sabe...” (apontando com a colher de chá para a Lebre de Março), “era o grande concerto oferecido pela Rainha de Copas, e eu teria que cantar

Pisca, pisca, morceguinho!
Me pergunto onde é seu ninho!

“Talvez você conheça essa canção.”

“Já ouvi algo parecido”, disse Alice.

“A canção continua, você sabe...”, o Chapeleiro continuou, “mais ou menos assim...”

Lá no céu sempre a voar,
Como bandeja de chá.
Pisca, pisca...

Aqui o Arganaz se sacudiu e começou a cantar enquanto dormia: “Pisca, pisca, pisca, pisca...”, e continuou nisso por tanto tempo que precisaram beliscá-lo para que ele parasse.

“Bem, eu mal havia terminado a primeira estrofe”, disse o Chapeleiro, “quando a Rainha deu um pulo e berrou: ‘Ele está matando o Tempo! Cortem-lhe a cabeça!’”.

“Mas que selvageria!”, exclamou Alice.

“E desde então”, o Chapeleiro prosseguiu em tom de lamento, “o Tempo não faz nada que eu peço! Agora são sempre seis horas.”

Uma ideia brilhante ocorreu a Alice. “É por isso que há tantos utensílios do chá da tarde aqui?”, ela perguntou.

“Sim, é por isso”, disse o Chapeleiro com um suspiro. “É sempre hora do chá, e não temos tempo nem de lavar a louça.”

“Quer dizer que vocês só ficam o tempo todo mudando de lugar de lá para cá?”, perguntou Alice.

“Exatamente”, disse o Chapeleiro. “Enquanto as coisas vão sendo consumidas.”

“Mas o que acontece quando vocês voltam ao princípio de novo?”, Alice arriscou perguntar.

“E se nós mudarmos de assunto”, a Lebre de Março interrompeu, bocejando. “Estou ficando cansado disso. Voto para que a mocinha nos conte uma história.”

“Infelizmente não sei nenhuma”, disse Alice, um tanto preocupada com a proposta.

“Então o Arganaz contará!”, ambos gritaram. “Acorde, Arganaz!” E eles beliscaram o Arganaz pelos dois lados ao mesmo tempo.

O Arganaz abriu lentamente os olhos. “Eu não estava dormindo”, ele disse com uma voz rouca, fraca. “Escutei cada palavra do que vocês disseram.”

“Conte-nos uma história!”, disse a Lebre de Março.

“Sim, por favor, conte!”, implorou Alice.

“E depressa”, acrescentou o Chapeleiro, “para não pegar no sono outra vez antes de terminar.”

“Era uma vez três irmãzinhas”, o Arganaz começou a contar muito depressa; “que se chamavam Elsie, Lacie e Tillie; e viviam no fundo de um poço...”

“Viviam do quê?”, disse Alice, sempre muito interessada em questões de comida e bebida.

“Elas comiam melaço”, disse o Arganaz, depois de pensar um ou dois minutos.

“Isso seria impossível, você sabe...”, Alice gentilmente observou; “elas ficariam doentes.”

“E elas ficaram”, disse o Arganaz; “*muito* doentes.”

Alice tentou por um momento imaginar que modo de vida extraordinário seria só comer melaço, mas ficou intrigada demais, de modo que prosseguiu: “Mas por que elas moravam no fundo de um poço?”.

“Beba mais chá”, a Lebre de Março disse a Alice, muito seriamente.

“Eu ainda não bebi *nada*”, Alice respondeu em tom ofendido, “de modo que seria impossível beber *mais*.”

“Você deve estar querendo dizer que é impossível beber *menos*”, disse o Chapeleiro; “pois é muito fácil beber *mais* do que nada.”

“Ninguém perguntou a sua opinião”, disse Alice.

“Quem está fazendo comentários pessoais agora?”, o Chapeleiro perguntou, triunfante.

Alice ficou sem saber o que dizer diante disso, então se serviu de chá e pão com manteiga, e então se virou para o Arganaz e repetiu a pergunta: “Por que elas viviam no fundo de um poço?”.

O Arganaz novamente levou um ou dois minutos para pensar e então disse: “Era um poço de melaço”.

“Isso não existe!”, Alice estava começando a dizer, muito irritada, mas o Chapeleiro e a Lebre de Março disseram “Psiu!”, e o Arganaz, consternado, comentou: “Se você não sabe se comportar, termine a história sozinha”.

“Não, por favor, continue!”, Alice disse muito humildemente. “Não vou mais interromper. Vamos dizer que existiu um poço de melaço.”

“Sim, um único, esse”, disse o Arganaz, indignado. Enfim, ele consentiu em prosseguir. “E então essas três irmãs... elas estavam aprendendo a fazer...”

“Fazer o quê?”, disse Alice, esquecendo a promessa.

“Melaço”, disse o Arganaz, sem cerimônia dessa vez.

“Preciso de uma xícara limpa”, interrompeu o Chapeleiro. “Vamos todos passar para o lugar ao lado, nesse sentido.”

Ele mudou de lugar enquanto falava, e o Arganaz o acompanhou: a Lebre de Março foi para o lugar do Arganaz, e Alice, um tanto a contragosto, foi para o lugar da Lebre de Março. O Chapeleiro foi o único a se beneficiar com a mudança: e Alice ficou bem pior do que antes, pois a Lebre de Março havia derrubado a leiteira no prato.

Alice não queria mais ofender o Arganaz, então começou muito cautelosamente: “Mas eu não entendo. De onde vinha o melaço?”.

“É possível tirar água de um poço de água”, disse o Chapeleiro; “de modo que eu acho que seria possível obter melaço em um poço de melaço... bem... é muita estupidez!”

“Mas elas estavam *dentro* do poço”, Alice disse ao Arganaz, preferindo não dar atenção a esse último comentário.

“Claro que estavam”, disse o Arganaz. “... Bem no fundo do poço.”

Essa resposta confundiu a pobre Alice, tanto que ela deixou o Arganaz prosseguir por algum tempo sem interrompê-lo.

“As três irmãzinhas estavam um dia fazendo desenhos”, o Arganaz prosseguiu, bocejando e esfregando os olhinhos, pois estava ficando com muito sono; “e elas desenharam todo tipo de coisas... e todas começavam com m...”

“Por que com m?”, disse Alice.

“Por que não?”, disse a Lebre de Março.

Alice ficou quieta.

A essa altura, o Arganaz havia fechado os olhinhos e mergulhava em uma soneca; mas, sendo beliscado pelo Chapeleiro, acordou de novo com um gritinho e prosseguiu: “... Começavam com m, como malandros, meninas, memórias e muitíssimos múltiplos mais — ou, como se diz, ‘mesmíssimos’ — vocês já viram ‘muitos mesmos’ desenhados?”

“Olha, agora você me pegou”, disse Alice, muito confusa, “mas acho que não...”

“Então você não deveria falar”, disse o Chapeleiro.

Essa grosseria foi maior do que Alice poderia suportar: ela se levantou com grande desprezo e foi embora; o Arganaz adormeceu instantaneamente, e nenhum dos outros dois sequer reparou que ela saíra, embora ela tivesse olhado para trás uma ou duas vezes, com certa esperança de que eles fossem chamá-la: na última vez que ela olhou, eles estavam tentando pôr o Arganaz no bule.

“Seja como for, nunca mais volto para lá!”, disse Alice, seguindo um caminho através da floresta. “Nunca fui a um chá da tarde com gente tão estúpida na minha vida!”

Assim que ela disse isso, reparou que uma das árvores tinha um porta bem no meio. “Que coisa curiosa!”, ela pensou. “Mas hoje tudo é curioso. Acho melhor eu entrar de uma vez.” E ela entrou.

Mais uma vez ela se viu no grande salão, perto da mesinha de vidro. “Agora vou me sair melhor”, ela disse a si mesma, e começou pegando a chavinha dourada e abrindo a porta que dava para o jardim. Depois, ela mordiscou o cogumelo (ela guardara um pedaço no bolso) até atingir trinta centímetros de altura: então, ela foi andando pelo corredorzinho: e *aí*... ela se viu, enfim, no lindo jardim, entre canteiros de flores coloridas e fontes de água fresca.

O campo de «croquet» da Rainha

Havia uma grande roseira na entrada do jardim: as rosas que ali cresciam eram brancas, mas havia três jardineiros pintando-as de vermelho. Alice achou isso muito curioso e se aproximou para observá-los, e, assim que chegou perto, escutou um deles dizer: “Cuidado agora, Cinco! Não me suje de tinta desse jeito!”.

“Não foi por querer”, disse o Cinco, em tom rabugento. “O Sete cutucou meu cotovelo.”

Ao que o Sete olhou para cima e falou: “Isso, Cinco! Sempre pondo a culpa nos outros!”.

“É bom você não falar nada!”, disse o Cinco. “Ouvi dizer que a Rainha falou ontem que você merecia ser decapitado!”

“Por quê?”, disse aquele que falara primeiro.

“Não interessa, Dois”, disse o Sete.

“Sim, interessa a ele, sim!”, disse o Cinco. “E eu vou contar para ele... foi por ter trazido para a cozinheira bulbos de tulipas em vez de cebolas!”

O Sete soltara seu pincel e havia começado: “Bem, de todas as injustiças...”, quando seus olhos depararam com Alice, ali parada olhando para eles, e ele parou de falar subitamente. Os outros também olharam para os lados, e todos fizeram uma mesura reverente.

“Vocês poderiam me dizer”, disse Alice, um tanto timidamente, “por que estão pintando essas rosas?”

Cinco e Sete não disseram nada, mas olharam para o Dois. Dois começou em voz baixa: “Ora, o fato, sabe, senhorita, é que aqui deveria haver uma roseira de rosas vermelhas, e nós plantamos uma branca por engano; e, se a Rainha descobrir, cortarão nossas cabeças, sabe como é... Então, senhorita, sabe como é, estamos fazendo o nosso melhor, antes que ela chegue, e...” Nesse momento, o Cinco, que ficara olhando aflito para o outro lado do jardim, avisou “A Rainha! A Rainha!”, e os três jardineiros instantaneamente se curvaram com os rostos encostando no chão. Houve um rumor de muitos passos, e Alice olhou de relance, ansiosa para ver a Rainha.

Primeiro vieram dez soldados carregado paus; eram todos do mesmo formato dos três jardineiros, finos e planos, com as mãos e os pés nos quatro cantos do corpo: em seguida, dez cortesãos; esses eram todos ornamentados com ouros e caminhavam de dois em dois, como os soldados. Depois vieram as crianças da realeza; eram dez, e esses pequeninos chegaram saltitando alegremente de mãos dadas, em pares; estavam ornamentados com copas. A seguir, os convidados, a

maioria Reis e Rainhas, e entre eles Alice reconheceu o Coelho Branco: ele falava depressa, nervoso, sorrindo para tudo que diziam, e passou sem olhar para ela. Então o Valete de Copas, trazendo a coroa do Rei em uma almofada de veludo carmesim; e, ao final de todo esse grandioso cortejo, vieram o rei e a rainha de copas.

Alice ficou na dúvida se devia deitar com o rosto no chão como os três jardineiros, mas não se lembrava de ter ouvido falar dessa regra em cortejos; “além do mais, para que serve um cortejo”, ela pensou, “se as pessoas deitam viradas para o chão e não conseguem ver nada?” De modo que ela ficou parada onde estava e esperou.

Quando o cortejo chegou bem na frente de Alice, todos pararam e olharam para ela, e a Rainha disse severamente: “Quem é essa?”. Ela disse ao Valete de Copas, que apenas fez uma mesura e sorriu em resposta.

“Idiota!”, disse a Rainha, jogando a cabeça para trás com impaciência; e, virando-se para Alice, prosseguiu: “Qual é o seu nome, menina?”.

“Meu nome é Alice, à disposição de sua Majestade”, disse Alice muito educadamente; mas ela acrescentou, para si mesma: “Ora, são apenas cartas de baralho, afinal. Não preciso ter medo deles!”.

“E quem são esses aí?”, disse a Rainha, apontando para os três jardineiros que estavam curvados em volta da roseira; pois, você sabe, como estavam com os rostos virados para o chão, e o padrão em suas costas era o mesmo do resto do baralho, ela não sabia se eram jardineiros, soldados, cortesãos ou três de seus próprios filhos.

“Como eu poderia saber?”, disse Alice, surpresa com a própria coragem. “Não tenho nada com isso.”

A Rainha ficou vermelha de fúria e, depois de olhar fixamente para ela por um momento como um animal selvagem, berrou: “Cortem-lhe a cabeça! Cortem...”.

“Que absurdo!”, disse Alice, em uma voz muito alta e decidida, e a Rainha ficou calada.

O Rei pôs a mão no braço da esposa e timidamente disse: “Reconsidere, querida: ela é apenas uma menina!”.

A Rainha irritada deu as costas ao marido e disse ao Valete: “Vire-os!”.

O Valete virou os três, com muito cuidado, com a ponta do pé.

“Levantem-se!”, disse a Rainha, com uma voz estridente e volumosa, e os três jardineiros prontamente se puseram de pé e começaram a fazer mesuras para o Rei, a Rainha e as crianças da realeza, e para todos os demais.

“Parem já com isso!”, berrou a Rainha. “Vocês me deixam tonta.” E então, voltando-se para a roseira, ela prosseguiu: “Ora, o que vocês estavam fazendo aqui?”.

“Para agradar sua Majestade”, disse o Dois, em tom muito humilde, apoiando-se em um joelho ao falar, “estávamos tentando...”

“Eu estou vendo!”, disse a Rainha, que nesse ínterim ficara examinando as rosas. “Cortem suas cabeças!”, e o cortejo prosseguiu, três soldados ficando para trás para executar os pobres jardineiros, que correram para Alice pedindo proteção.

“Vocês não serão decapitados!”, disse Alice, e escondeu-os em um grande vaso de flor que havia ali perto. Os três soldados perambularam por um ou dois minutos, procurando os jardineiros, e depois voltaram marchando sossegadamente atrás dos outros.

“E as cabeças deles?”, berrou a Rainha.

“As cabeças sumiram, conforme o desejo de sua Majestade!”, os soldados berraram em resposta.

“Muito bem!”, berrou a Rainha. “Você joga *croquet*?”

Os soldados ficaram calados e olharam para Alice, pois a pergunta evidentemente se dirigia a ela.

“Sim!”, berrou Alice.

“Então vamos!”, rugiu a Rainha, e Alice se juntou ao cortejo, imaginando intensamente o que aconteceria em seguida.

“Está... um dia muito bonito!”, disse uma voz tímida ao seu lado. Ela estava caminhando ao lado do Coelho Branco, que olhava ansiosamente para ela.

“Muito”, disse Alice. “... Cadê a Duquesa?”

“Psiu!”, disse o Coelho em tom baixo e apressado. Ele olhava aflito para os lados enquanto falava e então se levantou na ponta do pé, pôs a boca perto do ouvido de Alice e sussurrou: “Ela foi condenada à pena de morte”.

“Mas por quê?”, disse Alice.

“Você disse ‘Mas que pena!’?”, o Coelho perguntou.

“Não, não disse”, disse Alice. “Aliás, não acho que seja uma pena. Eu disse ‘Mas por quê?’.”

“Ela bateu com as duas mãos nas orelhas da Rainha...”, o Coelho começou. Alice deixou escapar uma breve gargalhada. “Oh, silêncio!”, o Coelho sussurrou em tom assustado. “A Rainha vai acabar escutando! Sabe, ela chegou um tanto atrasada, e a Rainha falou...”

“Aos seus lugares!”, berrou a Rainha com voz de trovão, e as pessoas começaram a correr em todas as direções, tropeçando umas nas outras; até que enfim todos se posicionaram, depois de um minuto ou dois, e o jogo começou.

Alice nunca tinha visto um campo de *croquet* tão curioso em toda sua vida; era todo cheio de sulcos e plataformas; as bolas eram ouriços vivos, os martelos flamingos vivos, e os soldados precisavam se dobrar, com mãos e pés no chão, para formar os arcos.

A principal dificuldade que Alice encontrou a princípio foi lidar com seu flamingo. Ela conseguiu colocar o corpo dele embaixo do braço, com algum conforto, com as pernas frouxas pensas, mas, de modo geral, assim que conseguiu fazê-lo esticar bem o pescoço, e estava prestes bater no ouriço com a cabeça dele, o flamingo se virou e olhou para ela, com uma expressão tão intrigada que ela não conseguiu evitar de explodir em uma gargalhada. E quando ela o fez abaixar a cabeça, e estava prestes a tentar de novo, foi muito aflitivo ver que o ouriço havia se desenrolado e estava tentando fugir rastejando. Além de tudo isso, havia geralmente um sulco e uma plataforma no caminho, aonde quer que ela mirasse o ouriço, e, como os soldados dobrados estavam sempre se levantando e andando para outras partes do campo, Alice logo concluiu que aquele era realmente um jogo muito difícil.

Os jogadores jogavam todos ao mesmo tempo sem esperar a vez do outro, brigando sem parar e disputando os mesmos ouriços; e dali a pouco a Rainha foi tomada por uma paixão furiosa, bateu os pés e começou a berrar “Cortem a cabeça dele!” ou “Cortem a cabeça dela!” pelo menos uma vez por minuto.

Alice começou a se sentir muito incomodada: sem dúvida, ela não havia entrado em nenhuma disputa com a Rainha, mas sabia que isso podia acontecer a qualquer momento, “e aí”, ela pensou, “o que será de mim? As pessoas por aqui adoram cortar cabeças: a grande questão é se vai sobrar alguém vivo!”

Ela estava procurando uma forma de fugir, e se perguntava se conseguiria fazê-lo sem ser notada, quando reparou em uma curiosa aparição em pleno ar: a princípio, aquilo a deixou muito intrigada, mas, depois de observar por um ou dois minutos, ela se deu conta de que era um sorriso, e ela disse a si mesma: “É o Gato de Cheshire: agora terei alguém com quem conversar”.

“Como vai?”, disse o Gato, assim que se formou o suficiente da boca para ele falar.

Alice esperou aparecerem os olhos e então meneou a cabeça. “Não adianta falar com ele”, ela pensou, “enquanto não aparecerem as orelhas, ou pelo menos uma delas”. No minuto seguinte, a cabeça

inteira surgiu, e então Alice depôs seu flamingo e começou a fazer um relato do jogo, sentindo-se muito contente por ter alguém que a ouvisse. O Gato parecia achar que já havia o bastante de si à vista e não apareceu mais.

“Não acho que eles joguem limpo”, Alice começou, em tom um tanto queixoso, “e todos brigam tão horrivelmente que a gente mal consegue se ouvir... e parece que não seguem nenhuma regra em particular; pelo menos, se há alguma regra, ninguém cumpre... e você não imagina como é confuso o fato de todas as coisas estarem vivas; por exemplo, veja o arco onde tenho que acertar, ele fica andando lá do outro lado do campo... e eu ia *croquetear* o ouriço da Rainha agorinha mesmo, só que ele fugiu quando viu o meu se aproximando!”

“Você gostou da Rainha?”, disse o Gato em voz baixa.

“Nem um pouco”, disse Alice. “Ela é extremamente...” Nesse instante, ela notou que a Rainha estava logo atrás escutando, de modo que prosseguiu: “... invencível, de modo que nem vale a pena continuar jogando”.

A Rainha sorriu e prosseguiu.

“Com quem você está falando?”, disse o Rei, aproximando-se de Alice e olhando para a cabeça do Gato com grande curiosidade.

“Este é um amigo meu... um Gato de Cheshire”, disse Alice. “Permita que eu o apresente.”

“Não gostei da aparência dele”, disse o Rei, “mas ele pode beijar minha mão se quiser.”

“Eu preferiria que não”, comentou o Gato.

“Não seja impertinente”, disse o Rei, “e não me olhe assim!” Ele se escondeu atrás de Alice ao falar.

“O gato pode olhar para o rei”, disse Alice. “Li isso em um livro, mas não me lembro qual.”

“Bem, ele deve se retirar”, disse o Rei, muito convictamente, e chamou a Rainha, que estava passando nesse momento. “Querida! Quero que você mande esse gato embora!”

A Rainha só tinha uma forma de resolver todas as dificuldades, grandes ou pequenas. “Cortem a cabeça dele!”, ela disse, sem sequer olhar para o lado.

“Vou chamar o carrasco pessoalmente”, disse o Rei, avidamente, e saiu correndo.

Alice achou que era melhor voltar e ver como estava indo o jogo, pois ouvira a Rainha ao longe berrando apaixonadamente. Ela já tinha

ouvido a Rainha sentenciar três jogadores à pena de morte por terem perdido a vez, e ela não estava gostando nada daquilo tudo, pois o jogo era tão confuso que ela nunca sabia se era ou não sua vez de jogar. De modo que ela foi procurar seu ouriço.

O ouriço estava brigando com outro ouriço, o que pareceu a Alice uma excelente oportunidade de *croquetear* um com o outro: a única dificuldade foi que seu flamingo tinha ido para o outro lado do jardim, onde Alice podia vê-lo tentando desajeitadamente subir voando em uma árvore.

Quando ela conseguiu apanhar o flamingo e o trouxe de volta ao campo, a briga havia acabado e ambos os ouriços tinham desaparecido: “mas nem tem tanta importância”, pensou Alice, “pois todos os arcos foram embora desse lado do campo.” De modo que ela pôs o flamingo debaixo do braço, para ele não escapar de novo, e voltou para conversar mais um pouco com seu amigo.

Quando ela voltou para o Gato de Cheshire, ficou surpresa ao encontrar uma grande multidão reunida em torno dele: havia uma disputa ocorrendo entre o carrasco, o Rei e a Rainha, que estavam todos falando ao mesmo tempo, enquanto todos os outros esperavam calados e pareciam muito incomodados.

No momento em que Alice apareceu, os três recorreram a ela para decidir a questão e repetiram seus argumentos para ela, embora, como todos falaram ao mesmo tempo, ela tenha achado muito difícil de fato entender exatamente o que cada um disse.

O argumento do carrasco era que era impossível decapitar se não houvesse um corpo do qual a cabeça deveria ser cortada: que ele nunca tivera que fazer uma coisa dessas antes, e que não iria começar agora, *naquela altura de sua carreira*.

O argumento do Rei era que qualquer um que tivesse uma cabeça podia ser decapitado, e que ele não devia falar aqueles absurdos.

O argumento da Rainha era que, se algo não fosse feito a respeito imediatamente, ela mandaria executar todo mundo agora mesmo. (Este último comentário foi o que deixou o grupo inteiro preocupado e aflito.)

Alice não conseguiu pensar em nada para dizer, exceto: “O Gato é da Duquesa: seria melhor perguntar para ela”.

“Ela está presa”, a Rainha disse ao carrasco; “vá buscá-la.” E o carrasco partiu como uma flecha.

A cabeça do Gato começou a sumir no momento em que o carrasco partiu, e, quando o carrasco voltou com a Duquesa, a cabeça do Gato já havia desaparecido inteiramente, de modo que o Rei e o carrasco

correram feito loucos para cima e para baixo procurando a cabeça do Gato, enquanto o resto do grupo voltou a jogar.

A história da falsa Tartaruga

“Você não imagina como estou contente em revê-la, minha querida!”, disse a Duquesa, dando afetuosamente o braço a Alice, e elas caminharam juntas.

Alice ficou muito contente por encontrá-la com um temperamento tão amável e pensou consigo mesma que talvez fosse a pimenta que a deixara tão selvagem quando se conheceram na cozinha.

“Quando eu for Duquesa”, ela disse consigo mesma (mas não em tom muito esperançoso), “não usarei pimenta nenhuma na minha cozinha. Sopa não precisa de pimenta... Talvez seja a pimenta que deixa as pessoas esquentadinhas”, ela prosseguiu, muito satisfeita por encontrar um novo tipo de regra, “e o vinagre que as deixa azedas... e a camomila amargas... e bala de cevada e essas coisas deixam as crianças doces. Quem dera as pessoas soubessem disso; aposto que não seriam tão mesquinhas, sabe como é...”

Ela havia praticamente se esquecido da Duquesa a essa altura e ficou um pouco assustada ao ouvir a voz dela perto de seu ouvido. “Você está pensando alguma coisa, minha querida, e se esqueceu de falar. No momento, não sei dizer a moral dessa história, mas daqui a pouco vou me lembrar.”

“Talvez não haja nenhuma moral da história”, Alice ousou comentar.

“Nananina, menina!”, disse a Duquesa. “Tudo tem uma moral da história, se a gente souber procurar.” E ela se espremeu ainda mais perto de Alice ao falar.

Alice não gostou muito de ficar tão perto dela: primeiro, porque a Duquesa era muito feia; e, segundo, porque a Duquesa tinha a altura exata para apoiar o queixo no ombro de Alice, e seu queixo era muito pontudo e incômodo. No entanto, ela não gostava de ser rude, de modo que suportou aquilo o máximo que conseguiu. “O jogo ficou melhor agora”, ela disse, só para manter a conversa mais um pouco.

“De fato”, disse a Duquesa. “E a moral da história é... ‘Oh, é o amor, o que faz o mundo girar!’ ”

“Alguém já disse”, Alice sussurrou, “que isso aconteceria se cada um cuidasse da própria vida!”

“Ah, bem! É praticamente a mesma coisa”, disse a Duquesa, cravando seu queixinho pontudo no ombro de Alice e acrescentando: “e

a moral da história é... ‘Cuide do sentido, que os sons se resolvem sozinhos’.”

“Como ela gosta de encontrar moral nas coisas!”, Alice pensou consigo mesma.

“Eu diria que você deve estar se perguntando por que eu não passo o braço pela sua cintura”, a Duquesa disse após uma pausa. “O motivo é que tenho minhas dúvidas sobre o temperamento do seu flamingo. Será que fazemos uma experiência?”

“Cuidado para não pegar na garganta dele”, Alice respondeu com cautela, sentindo-se totalmente despreocupada com a experiência proposta.

“É verdade”, disse a Duquesa, “com flamingos e mostarda, é preciso ter cuidado para não pegar na garganta. E a moral da história é... ‘Aves da mesma plumagem voam juntas’.”

“Bem, mostarda não é ave”, Alice comentou.

“Claro, como sempre”, disse a Duquesa, “você usa as palavras de um modo muito claro!”

“Mostarda é um minério, eu acho”, disse Alice.

“Claro que é”, disse a Duquesa, que parecia disposta a concordar com qualquer coisa que Alice dissesse. “Aqui perto há uma grande mina de mostarda. E a moral dessa história é que... ‘Minas, quanto mais minhas, menos suas’.”

“Oh, lembrei!”, exclamou Alice, que não dera atenção a esse último comentário. “Mostarda é vegetal. Não parece, mas é.”

“Concordo totalmente”, disse a Duquesa; “e a moral dessa história é que... ‘Seja o que aparentemente você seria’... ou se você quiser dizer de modo mais simples... ‘Nunca pense que você é outra coisa senão o que pode parecer para os outros que você é, porque, do contrário, o que você é mesmo pareceria para os outros ser outra coisa’.”

“Acho que talvez eu entenda melhor”, Alice disse muito educadamente, “se tivesse isso escrito, mas não consegui entender bem quando você disse.”

“Não foi nada perto do que eu poderia dizer se quisesse”, a Duquesa respondeu, em tom satisfeito.

“Não se incomode de dizer nada mais comprido do que isso”, disse Alice.

“Oh, não me fale em trabalho!”, disse a Duquesa. “Vou lhe dar de presente tudo o que eu disse até agora por escrito.”

“Mas que presente de grego!”, pensou Alice. “Ainda bem que ninguém dá isso de aniversário!” Mas ela não ousou dizer isso em voz alta.

“Pensando de novo?”, a Duquesa perguntou, fincando outra vez seu queixinho ossudo.

“Tenho direito de pensar”, disse Alice rispidamente, pois ela estava começando a se sentir um pouco preocupada.

“Tanto direito”, disse a Duquesa, “quanto os porcos têm de voar, e a mo...”

Mas aqui, para grande surpresa de Alice, a voz da Duquesa começou a diminuir, no meio de sua palavra favorita, “moral”, e o braço que estava abraçado ao seu começou a tremer. Alice ergueu os olhos, e lá estava a Rainha diante delas, de braços cruzados, carrancuda como uma tempestade.

“Que belo dia, Majestade!”, a Duquesa começou em voz baixa e fraca.

“Agora, vou lhe avisar uma coisa”, berrou a Rainha, batendo os pés no chão ao falar, “ou você vai embora, ou vai sua cabeça, e isso é para já! Escolha!”

A Duquesa escolheu, e foi embora no mesmo instante.

“Vamos continuar a jogar”, a Rainha disse a Alice; e Alice estava apavorada demais para dizer qualquer coisa, mas lentamente a acompanhou de volta ao campo de *croquet*.

Os outros convidados haviam aproveitado a ausência da Rainha e descansavam à sombra. No entanto, no momento em que a avistaram, voltaram correndo para o jogo, ao que a Rainha comentou que, se demorassem mais um momento, isso lhes custaria suas cabeças.

Todo esse tempo em que ficaram jogando, a Rainha não parou de brigar com os outros jogadores e de berrar “Cortem a cabeça dele!” ou “Cortem a cabeça dela!”. Aqueles que ela condenava eram levados presos pelos soldados, que evidentemente precisavam deixar de ser arcos para obedecer, de modo que ao cabo de meia hora, mais ou menos, já não havia mais nenhum arco no campo, e todos os jogadores, exceto o Rei, a Rainha e Alice, estavam presos e condenados à morte.

Então a Rainha se retirou, quase sem fôlego, e disse a Alice: “Você já viu a Falsa Tartaruga?”.

“Não”, disse Alice. “Não sei nem o que é uma Falsa Tartaruga.”

“É aquilo que se usa para fazer Sopa de Falsa Tartaruga”, disse a Rainha.

“Nunca vi, nem ouvi falar”, disse Alice.

“Então vamos”, disse a Rainha, “e ela mesmo lhe contará sua história.”

Enquanto caminhavam juntas, Alice escutou o Rei dizendo em voz baixa, ao grupo em geral, “Vocês estão todos perdoados”. “Ora, isso é bom!”, ela disse consigo mesma, pois ficara muito infeliz com o número de execuções ordenadas pela Rainha.

Logo chegaram diante de um Grifo dormindo pesadamente deitado ao sol. (Se você não sabe o que é um Grifo, procure uma figura.) “Levante-se, preguiçoso!”, disse a Rainha, “e leve essa jovem dama para ver a Falsa Tartaruga e escutar sua história. Preciso voltar e acompanhar algumas execuções que ordenei”, e ela foi embora, deixando Alice sozinha com o Grifo. Alice não gostou muito da aparência da criatura, mas em geral achou que seria tão seguro ir com ele quanto continuar com aquela Rainha selvagem, de modo que ela esperou.

O Grifo se levantou e esfregou os olhos, então ficou observando a Rainha até que ela sumisse de seu campo de visão e gargalhou. “Que engraçado!”, disse o Grifo, em parte para si mesmo, em parte para Alice.

“Qual é a graça?”, disse Alice.

“Ora, *e/la*”, disse o Grifo. “É tudo fantasia dela, isso aí: eles nunca executam ninguém, você sabe. Vamos!”

“Aqui todo mundo fica dizendo ‘vamos!’”, pensou Alice, conforme seguia lentamente atrás dele. “Nunca recebi tantas ordens na minha vida, jamais!”

Eles não haviam ido muito longe quando avistaram a Falsa Tartaruga à distância, sentada, triste e solitária, em um lajedo de pedra, e, conforme se aproximaram dela, Alice pôde ouvi-la suspirar, como se seu coração fosse se partir. Ela teve muita pena dela. “Qual é o motivo de tanta tristeza?”, ela perguntou ao Grifo, e o Grifo respondeu, praticamente com as mesmas palavras de antes: “É tudo fantasia dela, isso aí: ela não está triste coisa nenhuma, você sabe... Vamos!”.

Então eles foram até a Falsa Tartaruga, que olhou para eles com seus olhos grandes cheios de lágrimas, mas não disse nada.

“Esta jovem dama aqui”, disse o Grifo, “ela quer conhecer a sua história, quer mesmo.”

“Vou contar para ela”, disse a Falsa Tartaruga em tom grave, retumbante. “Sentem-se, vocês dois, e não digam nada enquanto eu não terminar.”

De modo que eles se sentaram, e ninguém falou nada por alguns minutos. Alice pensou consigo mesma: “Não sei como ela vai terminar, se nunca começa...”. Mas esperou pacientemente.

“Um dia”, disse a Falsa Tartaruga por fim, com um longo suspiro, “já fui uma verdadeira Tartaruga.”

Essas palavras foram seguidas por um silêncio muito longo, interrompido apenas por uma ocasional exclamação de “Hjckrrh!” da parte do Grifo e pelos constantes soluços da Falsa Tartaruga. Alice estava muito perto de se levantar e dizer “Obrigada, senhora, por sua interessante história”, mas não conseguia evitar de pensar que devia haver mais coisas pela frente, de modo que ela se sentou imóvel e ficou calada.

“Quando éramos pequenos”, a Falsa Tartaruga prosseguiu por fim, mais serenamente, embora ainda soluçando um pouco de quando em quando, “nossa escola era no mar. O professor era uma velha Tartaruga... costumávamos chamá-lo de senhor Jabuti...”

“Por que vocês o chamavam de Jabuti, se ele era uma Tartaruga?”, Alice perguntou.

“Chamávamos de Jabuti porque foi o que ele nos disse”, disse a Falsa Tartaruga irritadamente. “Realmente você é muito burra!”

“Você devia ter vergonha de fazer uma pergunta ingênua assim”, acrescentou o Grifo, e então os dois ficaram sentados em silêncio olhando para a pobre Alice, que se sentiu querendo afundar na terra.

Por fim, o Grifo disse à Falsa Tartaruga: “Continue, minha velha. Não temos o dia inteiro!”, e ela prosseguiu com as seguintes palavras:

“Sim, nossa escola era no mar, embora você talvez não acredite...”

“Eu não disse nada que não acreditava!”, interrompeu Alice.

“Mas você não acredita”, disse a Falsa Tartaruga.

“Controle sua língua!”, acrescentou o Grifo, antes que Alice falasse de novo. A Falsa Tartaruga prosseguiu:

“Nós tivemos a melhor educação possível... na verdade, íamos todos os dias à escola...”

“Eu também vou à escola todo dia”, disse Alice, “não há nenhum motivo de orgulho nisso.”

“Com matérias optativas?”, perguntou a Falsa Tartaruga um tanto ansiosamente.

“Sim”, disse Alice, “aprendemos francês e música.”

“E banho?”, disse a Falsa Tartaruga.

“Certamente, não!”, disse Alice, indignada.

“Ah! Então a sua não era realmente uma boa escola”, disse a Falsa Tartaruga em tom aliviado. “Agora, na nossa, eles tinham, no final do curso, ‘Francês, música e banho... como optativas’.”

“Não poderia ser diferente”, disse Alice, “vivendo no fundo do mar.”

“Eu não podia pagar optativas”, disse a Falsa Tartaruga com um suspiro. “Eu só fiz o curso normal.”

“Quais eram as matérias?”, indagou Alice.

“Balançar e Contorcer, evidentemente, para começo de conversa”, a Falsa Tartaruga respondeu; “e depois os diferentes ramos da Aritmética: Ambição, Distração, Enfeimento e Zombaria.”

“Nunca ouvi falar em ‘Enfeimento’”, Alice arriscou dizer. “O que é?”

O Grifo levantou duas patas de tanta surpresa. “Nunca ouviu falar em enfeimento?!”, ele exclamou. “Você sabe o que é embelezar, não sabe?”

“Sei”, disse Alice, desconfiada. “Quer dizer... deixar... tudo... mais bonito.”

“Pois então”, o Grifo prosseguiu, “se você não souber o que é enfeiar, você é uma ignorante.”

Alice não se sentiu encorajada a fazer mais perguntas sobre aquilo, de modo que se virou para a Falsa Tartaruga e disse: “O que mais foi teve que aprender?”

“Bem, tínhamos aula de Mistério”, a Falsa Tartaruga respondeu, contando as matérias em suas nadadeiras. “... Mistério, antigo e moderno, com Marografia: e depois Fala-arrastada — o professor de Fala-arrastada era uma velha enguia, que vinha uma vez por semana; ele nos deu aula de Fala-arrastada, Alongamento e Tontura em Espiral.”

“Como era isso?”, disse Alice.

“Bem, eu não serei capaz de mostrar”, a Falsa Tartaruga disse. “Sou muito dura. E o Grifo nunca aprendeu direito.”

“Não deu tempo”, disse o Grifo. “Mas eu tive aula com o professor do Clássico. Era um velho caranguejo, isso sim.”

“Nunca fui aluna dele”, a Falsa Tartaruga disse com um suspiro. “Ele dava aula de Latido e Grito, como se dizia.”

“Ele era assim mesmo, era mesmo”, disse o Grifo, suspirando por sua vez; e ambos esconderam os rostos nas patas.

“E qual era a carga horária diária das aulas?”, disse Alice, querendo mudar logo de assunto.

“Dez horas no primeiro dia”, disse a Falsa Tartaruga. “Nove no segundo, e assim por diante.”

“Que programa curioso!”, exclamou Alice.

“Era por isso que chamavam de carga”, o Grifo comentou, “porque ia descarregando dia após dia.”

Essa foi uma ideia bastante nova para Alice, e ela pensou nisso um pouquinho antes de fazer o próximo comentário. “Então no décimo primeiro dia devia ser feriado.”

“Claro que era”, disse a Falsa Tartaruga.

“E como vocês faziam no décimo segundo dia?”, Alice prosseguiu avidamente.

“Já chega de falar de escola”, o Grifo interrompeu em tom muito decidido. “Conte para ela alguma coisa sobre brincadeiras agora.”

A quadrilha da Lagosta

A Falsa Tartaruga suspirou profundamente e passou uma de suas nadadeiras sobre os olhos. Ela olhou para Alice e tentou falar, mas, por um ou dois minutos, soluços sufocaram sua voz: “Como se estivesse com um osso entalado na garganta”, disse o Grifo; e se pôs a sacudi-lo e dar tapas em suas costas. Por fim, a Falsa Tartaruga recuperou a voz e, com lágrimas escorrendo pelas faces, prosseguiu:

“Talvez você não tenha vivido muito tempo no fundo do mar...” (“Não mesmo”, disse Alice.) “E talvez não tenha sido jamais apresentada a uma lagosta...” (Alice começou a dizer “Um dia eu provei...”, mas se deteve rapidamente, e disse: “Não, nunca”.) “... Então você não faz ideia da delícia que é uma Quadrilha de Lagosta!”

“Não, de fato”, disse Alice. “Que tipo de dança é?”

“Ora”, disse o Grifo, “primeiro você forma uma fila no litoral...”

“Duas filas!”, gritou a Falsa Tartaruga. “Focas, tartarugas, e assim por diante; aí, depois que você tirou a água-viva do caminho...”

“Isso geralmente leva algum tempo”, interrompeu o Grifo.

“... você dá dois passos para a frente...”

“Cada um tendo uma lagosta como par!”, exclamou Grifo.

“Claro”, a Falsa Tartaruga disse: “dois passos para a frente, atenção aos pares...”

“... troque de lagosta e recue na mesma ordem”, continuou o Grifo.

“Então, você sabe”, a Falsa Tartaruga prosseguiu, “você joga...”

“As lagostas!”, berrou o Grifo, dando um pulo no ar.

“... no mar o mais longe que conseguir...”

“Nade atrás delas!”, gritou o Grifo.

“Dê uma cambalhota no mar!”, exclamou a Falsa Tartaruga, saltitando loucamente.

“Troque de lagosta outra vez!”, berrou o Grifo.

“Volte de novo para a praia, e... essa é a primeira figura”, disse a Falsa Tartaruga, de repente baixando a voz; e as duas criaturas, que haviam ficado pulando feito loucas todo esse tempo, sentaram-se novamente, muito tristes e caladas, e olharam para Alice.

“Deve ser uma dança muito bonita”, disse Alice, timidamente.

“Você gostaria de ver um pouco?”, disse a Falsa Tartaruga.

“Gostaria muitíssimo”, disse Alice.

“Venha, vamos tentar a primeira figura!”, disse a Falsa Tartaruga ao Grifo. “Podemos fazer sem lagostas, sabe como é... Quem vai cantar?”

“Oh, você canta”, disse o Grifo. “Esqueci a letra.”

Então eles começaram solenemente a dançar dando voltas em torno de Alice, de quando em quando pisando no seu pé quando passavam muito perto, e acenando com as patas dianteiras para marcar o tempo, enquanto a Falsa Tartaruga cantava o seguinte, muito lenta e tristemente:

“Você pode ir mais depressa?”, disse o badejo ao caramujo.

“Há uma toninha logo atrás, que avança enquanto fujo.
Veja as lagostas e as tartarugas, veja só que maravilha!
Estão esperando no cascalho — você vem para a quadrilha?
Você vem, não vem? Você vem, não vem? Junte-se à quadrilha!
Você vem, não vem? Você vem, não vem? Junte-se à quadrilha!”

Você não faz ideia da delícia que será,
Quando nos atirarem, com as lagostas, no mar!”

Mas o caramujo disse: “Muito longe!” e olhou de soslaio —
Disse obrigado ao badejo, mas não se juntou ao baile.
Não iria, não poderia, não iria, não poderia se juntar ao baile.
Não iria, não poderia, não iria, não poderia se juntar ao

baile. “E daí se é longe?”, o amigo escamoso retrucou.
“Há outra praia, você sabe, do outro lado.
Quanto mais longe da Inglaterra, mais perto da França.
Então não se avexe, amado caramujo, mas junte-se à
dança.
Você vai, não vai? Você vai, não vai? Não vai se juntar à
dança?

“Obrigada, é uma dança muito interessante de assistir”, disse Alice, sentindo-se muito contente por ter terminado finalmente. “E gostei muito da canção sobre o badejo!”

“Oh, quanto ao badejo”, disse a Falsa Tartaruga, “eles... você já viu badejo, não é mesmo?”

“Já”, disse Alice. “Vi muitos badejos no jan...”, ela se interrompeu bruscamente.

“Não sei onde é Jan”, disse a Falsa Tartaruga, “mas, se você já os viu muitas vezes, deve saber como são os badejos.”

“Acredito que sim”, Alice respondeu, pensativa. “Eles têm os rabos nas bocas... e ficam cobertos de migalhas.”

“Você se engana sobre as migalhas”, disse a Falsa Tartaruga. “As migalhas saem na água do mar. Mas de fato eles têm os rabos nas bocas; e o motivo disso é que...”, aqui a Falsa Tartaruga bocejou e fechou os olhos. “Diga você os motivos e tudo o mais”, ela disse ao Grifo.

“O motivo é que”, disse o Grifo, “eles vão com as lagostas ao baile. De modo que são atirados ao mar. De modo que caem bem no fundo. De modo que põem o rabo na boca. De modo que não conseguem mais tirar o rabo da boca. Só isso.”

“Obrigada”, disse Alice. “Muito interessante. Nunca aprendi tanto sobre badejos.”

“Posso contar muito mais, se você quiser”, disse o Grifo. “Sabe por que se chamam badejos?”

“Nunca tinha pensado nisso”, disse Alice. “Por quê?”

“Porque eles engraxam botas e sapatos”, o Grifo respondeu muito solene.

Alice ficou totalmente confusa. “Engraxam botas e sapatos!”, ela repetiu em tom maravilhado.

“Ora, como você engraxa os seus sapatos?”, disse o Grifo. “Quero dizer, o que faz para que eles brilhem?”

Alice olhou para os próprios pés e considerou um pouco antes de dar uma resposta. “Acho que são engraxados com graxa.”

“As botas e os sapatos no mar”, o Grifo prosseguiu com voz grave, “são engraxados com badejos. Agora você sabe.”

“Do que é feita essa graxa?”, Alice perguntou em tom de grande curiosidade.

“Solhas e moreias, é claro”, o Grifo respondeu um tanto impaciente. “Qualquer camarão sabe disso.”

“Se eu fosse o badejo”, disse Alice, cujos pensamentos ainda entoavam a canção, “eu teria dito à toninha ‘Afastese, por favor: não queremos nada com você!’.”

“Eles são obrigados a ficar com elas”, a Falsa Tartaruga disse. “Nenhum peixe sábio vai a lugar nenhum sem uma toninha.”

“É mesmo?”, disse Alice em tom de grande surpresa.

“Claro que não”, disse a Falsa Tartaruga. “Ora, se um peixe viesse até mim e me dissesse que ia viajar, eu diria: ‘Com qual toninha?’.”

“Você quis dizer ‘sentido’?”, disse Alice.

“Quis dizer o que eu disse”, a Falsa Tartaruga respondeu em tom ofendido. E o Grifo acrescentou: “Venha, vamos ouvir agora alguma aventura das suas”.

“Eu poderia contar minhas aventuras... a começar por esta manhã”, disse Alice um pouco tímida, “mas não adianta começar por ontem, porque ontem eu era uma pessoa diferente.”

“Explique melhor”, disse a Falsa Tartaruga.

“Não, não! Primeiro as aventuras”, disse o Grifo em tom impaciente. “Explicar demora demais.”

Então Alice começou a contar a eles suas aventuras a partir do momento em que viu pela primeira vez o Coelho Branco. Ela ficou um pouco nervosa a princípio, pois as duas criaturas estavam perto demais, uma de cada lado, e abriam muito os olhos e as bocas, mas ela foi ganhando coragem conforme prosseguia. Seus ouvintes ficaram totalmente calados até a parte em que ela recitou “Você está velho, pai William” para a Lagarta, e as palavras saíram todas diferentes, e então a Falsa Tartaruga respirou fundo e disse: “Isso é muito curioso”.

“É praticamente a coisa mais curiosa que existe”, disse o Grifo.

“Saiu tudo diferente!”, a Falsa Tartaruga repetiu pensativamente. “Eu gostaria que ela recitasse de novo. Diga para ela recitar.” Ele olhou

para o Grifo como se achasse que ele tinha algum tipo de autoridade sobre Alice.

“Fique de pé e recite ‘Eis a voz do preguiçoso’”, disse o Grifo.

“Como essas criaturas gostam de dar ordens e mandar os outros recitar lições!”, pensou Alice. “É como se eu estivesse na escola.” No entanto, ela se levantou e começou a recitar, mas sua cabeça estava tão cheia da Quadrilha da Lagosta que ela mal se deu conta do que estava dizendo, e as palavras de fato saíram muito esquisitas:

Eis a voz do Lagosta; escutei ele afirmar,
“Você me deixou marrom, meu pelo devo açucarar.”
Como o pato com as pálpebras, ele com seu nariz
Aperta cinto e botões, e de tudo o mais desiste.
Quando a areia está seca, ele é alegre como cotovia.
E, com desdém, com o Tubarão até conversaria:
Mas quando sobe a maré e vêm os tubarões,
Sua voz tem tímidos e trêmulos tons.

“Está diferente do que eu costumava recitar quando criança”, disse o Grifo.

“Bem, eu nunca tinha ouvido isso antes”, disse a Falsa Tartaruga, “mas me soa como um contrassenso incomum.”

Alice não disse nada; ela havia sentado segurando o rosto nas mãos, imaginando se alguma coisa *algum dia* aconteceria naturalmente outra vez.

“Eu gostaria que você explicasse”, disse a Falsa Tartaruga.

“Ela não poderá explicar”, apressadamente disse o Grifo. “Vá logo para a próxima estrofe.”

“Mas por que ele desiste de tudo?”, a Falsa Tartaruga insistiu. “Como ele fez essas coisas com o nariz?”

“Essa é a primeira posição da dança”, Alice disse; mas estava pavorosamente intrigada com tudo aquilo, e ansiosa para mudar de assunto.

“Mas passe logo à estrofe seguinte”, o Grifo repetiu. “Começa assim: ‘Passei por seu jardim...’.”

Alice não ousou desobedecer, embora tivesse certeza de que sairia tudo errado, e ela prosseguiu com voz trêmula:

Passei por seu jardim, e vi, de canto de olho,
Como a Coruja e a Pantera dividiam um bolo:
A Pantera comeu a casca, o molho, a carne,
Enquanto a Coruja engoliu o prato.
Quando o bolo acabou, a Coruja, como prêmio,

Embol sou a colher, generosamente:
Ao passo que a Pantera recebeu faca e garfo,
E concluiu o banquete com um...

“De que adianta repetir tudo isso”, a Falsa Tartaruga interrompeu, “se você não explica as coisas que diz? É de longe a coisa mais confusa que eu já ouvi nada na vida!”

“Sim, acho melhor você ir embora”, disse o Grifo; e Alice ficou contente por fazê-lo.

“Que tal fazermos outra figura da Quadrilha da Lagosta?”, o Grifo prosseguiu. “Ou você preferiria que a Falsa Tartaruga cantasse outra canção?”

“Oh, uma canção, por favor, se a Falsa Tartaruga fizesse essa gentileza”, Alice respondeu, tão avidamente que o Grifo disse, em tom um tanto ofendido: “Humpf! Bem, gosto não se discute! Cante para ela ‘Sopa de Tartaruga’, pode ser, minha velha?”.

A Falsa Tartaruga soltou um suspiro profundo e começou, com a voz sufocada de soluços, a cantar o seguinte:

Bela Sopa, cheia de verdura e vitamina,
Esperando na escaldante terrina!
Quem a tal delícia não diz “oba”?
Sopa noturna, bela Sopa!
Sopa noturna, bela Sopa!
Be...laaa So...opa!
Be...laaa So...opa!
So...opa no...tur...na,
Bela delícia de Sopa! Bela Sopa! Quem quer saber de
peixe,
Caça ou outro prato que seja?
Quem não daria tudo por um pouco,
Dois tostões que fosse de uma bela Sopa?
Dois tostões que fosse de uma bela Sopa?
Be...laaa So...opa!
Be...laaa So...opa!
So...opa no...tur...na,
Bela delí...cia de sopa!

“Refrão!”, exclamou o Grifo, e a Falsa Tartaruga havia começado a repetir o refrão, quando um grito de “Vai começar o julgamento!” foi ouvido ao longe.

“Vamos!”, exclamou o Grifo, e, pegando Alice pela mão, ele se apressou, sem esperar o final da canção.

“Que julgamento é esse?”, Alice disse, ofegante, enquanto corria; mas

o Grifo só respondeu “Vamos!”, e correu mais depressa, enquanto cada vez mais fracamente, trazidas pela brisa que os acompanhava, ouviam-se as melancólicas palavras:

So...opa no...tur...na,
Bela delícia de Sopa!

Quem roubou as tortas?

O Rei e a Rainha de Copas estavam sentados em seus tronos quando eles chegaram, com uma grande multidão em volta — todo tipo de passarinhos e animais, assim como o baralho inteiro: o Valete estava de pé na frente deles, acorrentado, com um soldado de cada lado a vigiá-lo; e ao lado do Rei estava o Coelho Branco, com um clarim em uma mão e um rolo de pergaminho na outra. Exatamente no meio da corte, havia uma mesa, com uma bandeja enorme cheia de tortas: pareciam tão gostosas que Alice olhou com água na boca para elas — “Quem dera esse julgamento acabasse logo!” Mas parecia não haver nenhuma possibilidade de isso ocorrer, de modo que ela começou a olhar para os lados para matar o tempo.

Alice nunca estivera em um tribunal de justiça antes, mas havia lido a respeito em livros, e ficou muito contente ao perceber que sabia o nome de praticamente todos ali presentes. “Aquele é o juiz”, ela disse consigo mesma, “por causa da enorme peruca.”

O juiz, aliás, era o Rei; e, como ele usava a coroa por cima da peruca, não parecia nada confortável, e certamente não lhe caía nada bem.

“E ali fica o júri”, pensou Alice, “e essas doze criaturas” (ela foi obrigada a dizer “criaturas”, você sabe, porque alguns eram animais, e alguns eram aves), “imagino que sejam os jurados”. Ela disse essa última palavra duas ou três vezes consigo mesma, sentindo um certo orgulho de si mesma, pois, pensou, e com justiça, que pouquíssimas garotinhas da sua idade sabiam o que eram jurados. No entanto, “membros do júri” teria dado na mesma.

Os doze jurados estavam escrevendo concentradamente em pequenas lousinhas. “O que será que estão todos fazendo?”, Alice sussurrou para o Grifo. “Eles não deveriam escrever nada enquanto o julgamento não começa.”

“Eles estão escrevendo os próprios nomes”, o Grifo sussurrou em resposta, “pois receiam se esquecer até o final do julgamento.”

“Criaturas estúpidas!”, Alice começou a dizer em voz alta e indignada, mas logo parou, pois o Coelho Branco exclamara “Silêncio no tribunal!”, e o Rei pôs os óculos e olhou aflito para os lados para ver quem tinha falado.

Alice conseguiu ver, como se estivesse olhando sobre seus ombros, que todos os jurados estavam escrevendo “criaturas estúpidas!” em suas lousinhas, e ela conseguiu ver até que um deles não sabia soletrar “estúpidas” e precisara perguntar ao vizinho. “Essas lousinhas ficarão ilegíveis até o final do julgamento!”, pensou Alice.

Um dos jurados tinha um giz que rangia. Isso, é claro, Alice não conseguiu suportar, e ela deu a volta por trás dele e logo encontrou uma oportunidade de tirar o giz do jurado. Ela fez isso tão depressa que o pobrezinho do jurado (era Bill, o Lagarto) não entendeu o que acontecera; de modo que, depois de procurar o giz perdido, foi obrigado a escrever com o dedo pelo resto do dia; e isso não adiantava quase nada, pois não deixava marcas na lousinha.

“Arauto, leia a acusação!”, disse o Rei.

Nesse momento, o Coelho Branco soprou três vezes seu clarim, então desenrolou o pergaminho e leu o seguinte:

A Rainha de Copas fez as tortas,
No verão, um belo dia:
O Valete de Copas, roubou as tortas,
E levou-as consigo!

“Já chegaram a um veredito?”, o Rei disse ao júri.

“Ainda não, ainda não!”, o Coelho apressado interrompeu. “Ainda falta muito antes disso!”

“Chame a primeira testemunha”, disse o Rei; e o Coelho soprou três vezes seu clarim e chamou: “A primeira testemunha!”.

A primeira testemunha era o Chapeleiro. Ele chegou com uma xícara de chá em uma mão e um pedaço de pão com manteiga na outra. “Sinto muito, sua Majestade”, ele começou, “por trazer isso comigo, mas eu não havia terminado meu chá quando me chamaram.”

“Você devia ter terminado antes”, disse o Rei. “Que horas você começou?”

O Chapeleiro olhou para a Lebre de Março, que o acompanhara até o tribunal, de braço dado com o Arganaz. “Catorze de março, acho que foi”, ele disse.

“Quinze”, disse a Lebre de Março.

“Dezesseis”, disse o Arganaz.

“Escrevam isso”, o Rei disse ao júri, e o júri avidamente escreveu as três datas nas lousinhas, e depois somaram as três e reduziram a resposta a xelins e pence.

“Tire sua cartola”, o Rei disse ao Chapeleiro.

“Não é minha”, disse o Chapeleiro.

“Roubada!”, o Rei exclamou, virando-se para o júri, que instantaneamente redigiu um memorando do fato.

“Eu vendo cartolas”, o Chapeleiro agregou para explicar. “Nenhuma das cartolas é minha. Sou só o chapeleiro.”

Aqui a Rainha pôs os óculos e começou a olhar fixamente para o Chapeleiro, que ficou pálido e agitado.

“Apresente uma prova”, disse o Rei; “e não fique nervoso, ou mando executá-lo aqui mesmo.”

Isso não pareceu encorajar muito a testemunha: ele ficava alternando o peso de um pé para o outro, parecendo constrangido diante da Rainha, e nessa confusão mordeu a xícara em vez de morder o pão.

Nesse exato momento, Alice teve uma sensação muito curiosa, que a intrigou um bocado, até que percebesse o que era: ela estava começando a crescer de novo e pensou a princípio em se levantar e sair do tribunal; mas pensou melhor e resolveu ficar onde estava enquanto houvesse espaço suficiente.

“Eu adoraria que você não me espremesse tanto”, disse o Arganaz, sentado ao lado dela. “Mal consigo respirar assim.”

“Não é minha culpa”, disse Alice muito delicadamente. “Estou crescendo.”

“Você não tem direito de crescer aqui”, disse o Arganaz.

“Não diga absurdos”, disse Alice com mais ousadia. “Você sabe que você também está crescendo.”

“Sim, mas eu cresço em um ritmo razoável”, disse o Arganaz; “não dessa maneira ridícula.” E ele se levantou contrariado e atravessou o recinto até o outro lado do tribunal.

Todo esse tempo a Rainha havia continuado olhando fixamente para o Chapeleiro, e, assim que o Arganaz atravessou o tribunal, ela disse a um dos mensageiros. “Traga-me a lista dos cantores do último recital!”, aquele em que o infeliz Chapeleiro havia tremido tanto, que se sacudira a ponto de ficar sem os sapatos.

“Apresente uma prova”, o Rei repetiu irritado, “ou mando executá-lo aqui mesmo, nervoso ou não.”

“Sou um homem pobre, Majestade”, o Chapeleiro começou, com voz trêmula, “... e eu mal havia começado o meu chá... não mais de uma semana e pouco atrás... e o pão com manteiga foi ficando tão escasso... e o pisca-pisca do chá...”

“O pisca-pisca do quê?”, disse o Rei.

“Começou com ch...”, o Chapeleiro respondeu.

“Claro que começou!”, o Rei disse ríspidamente. “Você acha que eu sou um burro? Continue!”

“Não disse nada!”, a Lebre de Março interrompeu com muita pressa.

“Disse, sim!”, disse o Chapeleiro.

“Eu nego que tenha dito!”, disse a Lebre de Março.

“A lebre nega”, disse o Rei. “Esqueçam essa parte.”

“Depois disso”, continuou o Chapeleiro, “cortei mais pão com manteiga...”

“Mas o que disse o Arganaz afinal?”, um jurado perguntou.

“Isso eu não me lembro”, disse o Chapeleiro.

“Você tem que se lembrar”, observou o Rei, “ou vou mandar executá-lo.”

O angustiado Chapeleiro deixou cair a xícara e o pão com manteiga e se apoiou em um joelho. “Sou um homem pobre, Majestade”, ele começou.

“Você é um orador paupérrimo de fato”, disse o Rei.

“Fico contente por ter visto isso”, pensou Alice. “Muitas vezes li no jornal, ao final de um julgamento, ‘Houve algumas tentativas de aplauso, que foram imediatamente reprimidas pelos mensageiros’, e nunca tinha entendido o que significava até agora.”

“Se é só isso que você sabe, pode descer”, continuou o Rei.

“Não posso descer mais do que isso”, disse o Chapeleiro. “Já estou no chão.”

“Então você pode se sentar”, o Rei respondeu.

Aqui o outro porquinho-da-índia aplaudiu e foi reprimido.

“Bem, assim ficamos livres dos porquinhos-da-índia!”, pensou Alice. “Agora tudo prosseguirá sem delongas”.

“Eu preferiria ter terminado o meu chá”, disse o Chapeleiro, olhando aflito para a Rainha, que estava lendo a lista dos cantores.

“Você pode ir agora”, disse o Rei; e o Chapeleiro saiu apressadamente do tribunal, sem sequer esperar para calçar os sapatos.

“... e cortem-lhe a cabeça lá fora”, a Rainha acrescentou para um dos mensageiros; mas o Chapeleiro já havia desaparecido antes que o mensageiro chegasse à porta.

“Chamem a próxima testemunha!”, disse o Rei.

A próxima testemunha era a cozinheira da Duquesa. Ela chegou com o pimenteiro na mão, e Alice logo adivinhou quem era, mesmo antes de ela entrar no tribunal, pelo modo como as pessoas perto da porta começaram a espirrar imediatamente.

“Apresente sua prova”, disse o Rei.

“Não dá”, disse a cozinheira.

O Rei olhou aflito para o Coelho Branco, que disse em voz baixa: “Sua Majestade também precisa interrogar essa testemunha”.

“Bem, se eu preciso, então, eu preciso”, o Rei disse com ar melancólico e, depois de cruzar os braços e franzir a testa diante da cozinheira até seus olhos ficarem quase invisíveis, ele disse com voz grave: “Do que são feitas as tortas?”.

“Basicamente, pimenta”, disse a cozinheira.

“Melaço”, disse uma voz sonolenta atrás dela.

“Enforcem esse Arganaz”, a Rainha berrou. “Cortem a cabeça do Arganaz! Tirem esse Arganaz daqui! Reprimam esse Arganaz! Belisquem! Cortem suas suíças!”

Por alguns minutos, o tribunal ficou uma confusão total; nesse ínterim, entre tirarem o Arganaz do recinto, até voltarem e tudo se acalmar, a cozinheira havia desaparecido.

“Não faz mal”, disse o Rei, com ar de grande alívio. “Chamem a próxima testemunha.” E ele acrescentou discretamente para a Rainha: “De fato, querida, você precisa interrogar a próxima testemunha. Minha testa já está doendo!”.

A prova de Alice

“Aqui!”, exclamou Alice, quase esquecendo no calor do momento o tanto que havia crescido nos últimos minutos, e ela se levantou tão depressa que derrubou os jurados com a ponta da saia, espalhando-os no meio da multidão que assistia, e ali ficaram os jurados espalhados, lembrando-lhe muito o aquário do peixe dourado que acidentalmente ela derrubara uma semana antes.

“Oh, eu sinto muito!”, ela exclamou em tom de grande desolação, e começou a recolher os jurados, o mais depressa que conseguiu, pois

o acidente do peixe dourado continuava em seus pensamentos, e lhe ocorreu uma espécie de ideia vaga, de que o júri devia ser recolhido logo e ser devolvido no lugar, do contrário os jurados morreriam.

“O julgamento não pode continuar”, disse o Rei com voz muito so-
turna, “enquanto todos os jurados não estiverem em sua posição
correta... todos”, ele repetiu com grande ênfase, olhando duramente
para Alice ao dizê-lo.

Alice olhou para o júri e notou que, na pressa, pusera o Lagarto de
ponta-cabeça, e a pobre criaturazinha acenava o rabo de modo melan-
cólico, quase incapaz de se mover. Ela logo o tirou dali e o deixou na
posição correta; “não que isso altere muita coisa”, ela disse consigo
mesma; “eu diria que ele será tão útil no julgamento assim sentado
como antes virado”.

Assim que os jurados se recuperaram um pouco do choque de te-
rem sido virados, e suas lousinhas e seus gizes foram encontrados e
devolvidos para eles, puseram-se a trabalhar diligentemente, escre-
vendo uma história do acidente, todos menos o Lagarto, que parecia
abalado demais para fazer qualquer outra coisa além de contemplar
boquiaberto o teto da corte.

“O que você sabe sobre isso?”, o Rei disse a Alice.

“Nada”, disse Alice.

“Nada mesmo?”, insistiu o Rei.

“Nada mesmo”, disse Alice.

“Isso é muito relevante”, o Rei disse, virando-se para o júri. Eles esta-
vam começando a escrever isso em suas lousinhas, quando o Coelho
interrompeu: “Irrelevante, Majestade, evidentemente”, ele disse em
tom muito respeitoso, mas franzindo a testa e fazendo caretas para
ele enquanto falava.

“Irrelevante, claro, foi o que eu quis dizer”, o Rei rapidamente respon-
deu, e prosseguiu em tom discreto, “relevante... irrelevante... irre-
levante... relevante...”, como se estivesse experimentando para ver
qual palavra soava melhor.

Alguns jurados escreveram “relevante” e alguns, “irrelevante”. Alice
conseguiu enxergar isso, pois estava perto o suficiente para ver suas
lousinhas por cima; “mas não faz nenhuma diferença”, ela pensou
consigo mesma.

Nesse momento, o Rei, que ficara algum tempo escrevendo em seu
caderno, gritou “Silêncio!” e leu o que havia redigido: “Regra Qua-
renta e dois. *Toda pessoa com mais de uma milha de altura deve
deixar a corte*”.

Todo mundo olhou para Alice.

“Eu não tenho uma milha de altura”, disse Alice.

“Tem, sim”, disse o Rei.

“Quase duas milhas”, agregou a Rainha.

“Bem, mas eu não vou embora”, disse Alice. “Além do mais, essa regra não existia: você inventou agorinha.”

“É a regra mais antiga que temos”, disse o Rei.

“Então devia ser a Número Um”, disse Alice.

O Rei ficou pálido e fechou depressa o caderno. “Chegaram a um veredito?”, ele disse aos jurados, em voz grave e trêmula.

“Ainda há mais provas para serem apresentadas, Majestade”, disse o Coelho Branco, saltando, muito apressado. “Este envelope acabou de chegar”.

“O que está escrito?”, disse a Rainha.

“Ainda não abri”, disse o Coelho Branco, “mas parece ser uma carta, escrita pelo prisioneiro... para alguém.”

“Deve ser isso”, disse o Rei, “a não ser que tenha sido escrita para ninguém, o que não é comum, você sabe...”

“Está destinada a quem?”, disse um jurado.

“Não está destinada a ninguém”, disse o Coelho Branco; “na verdade, não há nada escrito do lado de fora.” Ele abriu o envelope enquanto falava e acrescentou: “Pelo visto, não é uma carta afinal, mas um apanhado de versos”.

“Está escrito com a caligrafia do prisioneiro?”, perguntou outro jurado.

“Não, não está”, disse o Coelho Branco, “e isso é a coisa mais esquisita.” (Os jurados olharam com expressão intrigada.)

“Ele deve ter imitado a caligrafia de alguém”, disse o Rei. (Os jurados se entusiasmaram de novo.)

“Majestade”, disse o Valete, “eu não escrevi isso, e ninguém pode provar que escrevi: não há nenhum nome assinado embaixo.”

“Se você não assinou”, disse o Rei, “isso só piora ainda mais as coisas. Você devia ter alguma má intenção, do contrário teria assinado com seu nome, como um homem honesto.”

Diante disso, todos os presentes aplaudiram: foi a primeira coisa realmente inteligente que o Rei disse aquele dia.

“Isso prova que ele é culpado, evidentemente”, disse a Rainha. “Portanto, cortem...”

“Isso não prova coisa nenhuma!”, disse Alice. “Ora, vocês nem sabem o que está escrito!”

“Leia”, disse o Rei.

O Coelho Branco pôs os óculos. “De onde eu começo, Majestade?”, ele perguntou.

“Comece do começo”, o Rei disse gravemente, “e siga em frente até chegar no fim; então pare.”

Fez-se um silêncio mortal na corte, enquanto o Coelho Branco leu os seguintes versos:

Disseram que você esteve com ela,
E mencionou meu nome a ele:
Ela me deu um bom papel,
Mas disse que eu não sabia nadar. Ele os avisou de que eu
não tinha ido,
(Sabemos que isso é verdade):
Se ela insistir com esse assunto,
O que será de você? Dei a ela uma, eles a ele deram duas,
Você nos deu três ou mais;
Todas voltaram dele para você,
Embora antes fossem minhas. Se eu ou ela corremos risco
De envolvimento nesse caso,
Ele espera que você as livre,
Exatamente como éramos. Minha opinião era que você ha-
via sido
(Antes que ela tivesse esse surto)
Um obstáculo interposto entre
Ele, nós, e isto. Não o deixe saber que ela gostava mais
delas,
Pois isso deverá sempre ser
Um segredo, ignorado por todo o resto,
Entre mim e você.

“Essa é a prova mais relevante que ouvimos até agora”, disse o Rei, esfregando as mãos; “então agora deixemos o júri...”

“Se algum jurado puder explicar isso”, disse Alice (ela ficara tão grande nos últimos minutos que não teve medo nenhum de interrompê-lo), “eu lhe darei uma moeda. Não acredito que haja um pingo de sentido nisso.”

Os jurados escreveram em suas lousinhas “Ela não acredita que haja um pingo de sentido nisso”, mas nenhum deles tentou explicar o que

estava escrito no papel.

“Se não há sentido nisso”, disse o Rei, “isso nos poupa um grande trabalho, você sabe, pois não precisamos nem tentar procurar nenhum sentido nisso. E no entanto eu não sei”, ele prosseguiu, abrindo o papel com os versos sobre seu joelho, e olhando para eles com um olho só; “Acho que enxergo algum sentido nisso afinal. ‘Disse que eu não sabia nadar...’, você não sabe nadar, não é?”, ele agregou, virando-se para o Valete.

O Valete balançou tristonho a cabeça. “O que você acha?”, ele disse. (Certamente ele não nadava, sendo feito de papel-cartão.)

“Muito bem, até aqui”, disse o Rei, prosseguindo, resmungando para si mesmo os versos: “ ‘Sabemos que isso é verdade’... isso se refere ao júri, evidentemente... ‘Se ela insistir com esse assunto’... isso deve se referir à Rainha... ‘O que será de você?’... Ora, de fato! ‘Dei a ela uma, eles a ele deram duas’, ora, isso deve ser o que ele fez com as tortas, você sabe...”

“Mas depois diz ‘todas voltaram dele para você’,” disse Alice.

“Ora, elas estão aí!”, disse o Rei triunfantemente, apontando para as tortas na mesa. “Nada pode ser mais claro do que isso. Mas, novamente... ‘antes que ela tivesse esse surto’... você nunca teve surtos, querida, não é?”, ele disse à Rainha.

“Jamais!”, disse a Rainha furiosamente, atirando um tinteiro no Lamento ao falar. (O infeliz do pequeno Bill parara de escrever com o dedo na lousinha, pois descobrira que não deixava marcas; mas agora rapidamente começou de novo, usando a tinta, que escorria em seu rosto, até acabar a tinta.)

“Então as palavras não *surtiram* efeito em vocês?”, disse o Rei, olhando para os presentes, com um sorriso. Fez-se um silêncio mortal.

“É um trocadilho!”, o Rei acrescentou em tom irritado, e todos deram risada.

“Que o júri chegue ao veredito logo”, o Rei disse, talvez pela vigésima vez naquele dia.

“Não, não!”, disse a Rainha. “Primeiro a sentença, depois o veredito.”

“Mas que absurdo!”, disse Alice em voz alta. “Onde já se viu ‘primeiro a sentença’?! ”

“Controle sua língua!”, disse a Rainha, ficando roxa.

“Não vou!”, disse Alice.

“Cortem-lhe a cabeça!”, a Rainha berrou a plenos pulmões. Ninguém se mexeu.

“Quem tem medo de vocês?”, disse Alice (a essa altura ela atingira sua altura máxima). “Vocês não passam de cartas de baralho!”

Nesse momento, o baralho inteiro se ergueu no ar e veio voando para cima dela: ela soltou um gritinho, um tanto assustado, um tanto furioso, e tentou espantá-los aos tapas, e se viu deitada na margem do rio, com a cabeça no colo da irmã, que delicadamente tirava algumas folhas secas que haviam caído das árvores sobre seu rosto.

“Acorde, Alice querida!”, disse a irmã. “Ora, você dormiu bastante!”

“Oh, tive um sonho tão curioso!”, disse Alice, e ela contou à irmã, da melhor forma de que se lembrava, todas essas estranhas Aventuras que você acabou de ler; e, quando terminou, a irmã lhe deu um beijo e disse: “Certamente, querida, foi um sonho curioso, mas agora vá correndo lá para dentro para tomar o seu chá; está ficando tarde”. Então Alice se levantou e foi embora correndo, pensando enquanto corria, da melhor forma que podia, que sonho maravilhoso havia sido.

Mas a irmã continuou ali sentada, desde o momento em que ela saiu correndo, com a cabeça inclinada para o lado, assistindo ao pôr do sol e pensando na pequena Alice e em todas as suas maravilhosas Aventuras, até que ela também começou a sonhar de certa forma, e eis o sonho que ela teve:

Primeiro, ela sonhou com a própria pequena Alice, e mais uma vez as mãozinhas minúsculas se agarraram ao seu joelho, e aqueles olhos grandes e brilhantes estavam olhando para ela... ela podia ouvir até o tom da voz dela, e aquele gesto engraçado de tirar seus cabelos soltos que sempre caíam sobre os olhos... e, mesmo imóvel como ela estava, ouvindo, ou parecendo ouvir, o lugar inteiro à sua volta se tornou vivo com as estranhas criaturas do sonho de sua irmãzinha.

A grama alta farfalhou aos seus pés quando o Coelho Branco passou apressado... o assustadiço Camundongo chapinhando atravessava a piscina vizinha com estardalhaço... ela podia ouvir o chocalhar das xícaras de chá, conforme a Lebre de Março e seus amigos faziam sua interminável refeição, e a voz estridente da Rainha mandando executar os infelizes convidados... mais uma vez o bebê-porco estava espirrando no colo da Duquesa, enquanto pratos e bandejas se estilhaçavam com estrondo... mais uma vez o grito do Grifo, o rangido do giz na lousinha do Lagarto, e os engasgos dos porquinhos-da-índia reprimidos encheram o ar, mesclados aos soluços distantes da angustiada Falsa Tartaruga.

De modo que ela ficou sentada de olhos fechados, acreditando em parte também no Reino da Maravilha, embora sabendo que precisa-

ria abri-los em algum momento, e que tudo se transformaria em uma realidade banal... a grama só farfalhando por causa do vento, e a piscina só agitada por causa do balanço dos juncos... o chocalhar das xícaras de chá se transformando no som dos badalos das ovelhas, e os gritos estridentes da Rainha nos chamados do pastorzinho... e os espirros do bebê, o grito do Grifo, e todos os outros barulhos esquisitos se transformariam (ela sabia) no clamor confuso dos trabalhadores no sítio — enquanto os mugidos do gado ao longe tomariam o lugar dos pesados soluços da Falsa Tartaruga.

Por fim, ela imaginou como sua irmãzinha ficaria, depois de algum tempo, quando se tornasse uma mulher adulta; e como ela conservaria, em seus anos mais maduros, o coração simples e amoroso de sua infância; e como ela reuniria ao seu redor suas próprias criancinhas e deixaria os olhos delas arregalados e brilhantes com muitas histórias estranhas, talvez até mesmo com o sonho do Reino da Maravilha de muito tempo atrás; e como ela sentiria suas tristezas singelas e encontraria prazer em suas singelas alegrias, lembrando-se de sua própria vida de criança e daqueles dias felizes de verão.

Alice's Adventures in Wonderland

Down the rabbit-hole

Alice was beginning to get very tired of sitting by her sister on the bank, and of having nothing to do: once or twice she had peeped into the book her sister was reading, but it had no pictures or conversations in it, "and what is the use of a book," thought Alice, "without pictures or conversations?"

So she was considering in her own mind, (as well as she could, for the hot day made her feel very sleepy and stupid,) whether the pleasure of making a daisy-chain would be worth the trouble of getting up and picking the daisies, when suddenly a white rabbit with pink eyes ran close by her.

There was nothing so very remarkable in that; nor did Alice think it so very much out of the way to hear the Rabbit say to itself, "Oh dear! Oh dear! I shall be too late!" (when she thought it over afterwards, it occurred to her that she ought to have wondered at this, but at the time it all seemed quite natural;) but when the Rabbit actually took a watch out of its waistcoat-pocket, and looked at it, and then hurried on, Alice started to her feet, for it flashed across her mind that she had never before seen a rabbit with either a waistcoat-pocket, or a watch to take out of it, and, burning with curiosity, she ran across the field after it, and was just in time to see it pop down a large rabbit-hole

under the hedge.

In another moment down went Alice after it, never once considering how in the world she was to get out again.

The rabbit-hole went straight on like a tunnel for some way, and then dipped suddenly down, so suddenly that Alice had not a moment to think about stopping herself before she found herself falling down what seemed to be a very deep well.

Either the well was very deep, or she fell very slowly, for she had plenty of time as she went down to look about her, and to wonder what was going to happen next. First, she tried to look down and make out what she was coming to, but it was too dark to see anything: then she looked at the sides of the well, and noticed that they were filled with cupboards and book-shelves: here and there she saw maps and pictures hung upon pegs. She took down a jar from one of the shelves as she passed; it was labelled "ORANGE MARMALADE," but to her great disappointment it was empty: she did not like to drop the jar for fear of killing somebody underneath, so managed to put it into one of the cupboards as she fell past it.

"Well!" thought Alice to herself, "after such a fall as this, I shall think nothing of tumbling down stairs! How brave they'll all think me at home! Why, I wouldn't say anything about it, even if I fell off the top of the house!" (Which was very likely true.)

Down, down, down. Would the fall never come to an end! "I wonder how many miles I've fallen by this time?" she said aloud. "I must be getting somewhere near the centre of the earth. Let me see: that would be four thousand miles down, I think—" (for, you see, Alice had learnt several things of this sort in her lessons in the schoolroom, and though this was not a very good opportunity for showing off her knowledge, as there was no one to listen to her, still it was good practice to say it over) "—yes, that's about the right distance—but then I wonder what Latitude or Longitude I've got to?" (Alice had not the slightest idea what Latitude was, or Longitude either, but she thought they were nice grand words to say.)

Presently she began again. "I wonder if I shall fall right through the earth! How funny it'll seem to come out among the people that walk with their heads downwards! The Antipathies, I think—" (she was rather glad there was no one listening, this time, as it didn't sound at all the right word) "—but I shall have to ask them what the name of the country is, you know. Please, Ma'am, is this New Zealand or Australia?" (and she tried to curtsy as she spoke—fancy curtseying as you're falling through the air! Do you think you could manage it?) "And what an ignorant little girl she'll think me for asking! No, it'll never do to ask: perhaps I shall see it written up somewhere."

Down, down, down. There was nothing else to do, so Alice soon began talking again. "Dinah'll miss me very much to-night, I should think!" (Dinah was the cat.) "I hope they'll remember her saucer of milk at tea-time. Dinah, my dear! I wish you were down here with me! There are no mice in the air, I'm afraid, but you might catch a bat, and that's very like a mouse, you know. But do cats eat bats, I wonder?" And here Alice began to get rather sleepy, and went on saying to herself, in a dreamy sort of way, "Do cats eat bats? Do cats eat bats?" and sometimes, "Do bats eat cats?" for, you see, as she couldn't answer either question, it didn't much matter which way she put it. She felt that she was dozing off, and had just begun to dream that she was walking hand in hand with Dinah, and was saying to her very earnestly, "Now, Dinah, tell me the truth: did you ever eat a bat?" when suddenly, thump! thump! down she came upon a heap of sticks and dry leaves, and the fall was over.

Alice was not a bit hurt, and she jumped up on to her feet in a moment: she looked up, but it was all dark overhead; before her was another long passage, and the White Rabbit was still in sight, hurrying down it. There was not a moment to be lost: away went Alice like the wind, and was just in time to hear it say, as it turned a corner, "Oh my ears and whiskers, how late it's getting!" She was close behind it when she turned the corner, but the Rabbit was no longer to be seen: she found herself in a long, low hall, which was lit up by a row of lamps hanging from the roof.

There were doors all round the hall, but they were all locked; and when Alice had been all the way down one side and up the other, trying every door, she walked sadly down the middle, wondering how she was ever to get out again.

Suddenly she came upon a little three-legged table, all made of solid glass; there was nothing on it but a tiny golden key, and Alice's first idea was that this might belong to one of the doors of the hall; but, alas! either the locks were too large, or the key was too small, but at any rate it would not open any of them. However, on the second time round, she came upon a low curtain she had not noticed before, and behind it was a little door about fifteen inches high: she tried the little golden key in the lock, and to her great delight it fitted!

Alice opened the door and found that it led into a small passage, not much larger than a rat-hole: she knelt down and looked along the passage into the loveliest garden you ever saw. How she longed to get out of that dark hall, and wander about among those beds of bright flowers and those cool fountains, but she could not even get her head through the doorway; "and even if my head would go through," thought poor Alice, "it would be of very little use without my shoulders. Oh, how I wish I could shut up like a telescope! I think I could, if I only

knew how to begin." For, you see, so many out-of-the-way things had happened lately, that Alice had begun to think that very few things indeed were really impossible.

There seemed to be no use in waiting by the little door, so she went back to the table, half hoping she might find another key on it, or at any rate a book of rules for shutting people up like telescopes: this time she found a little bottle on it, ("which certainly was not here before," said Alice,) and tied round the neck of the bottle was a paper label, with the words "DRINK ME," beautifully printed on it in large letters.

It was all very well to say "Drink me," but the wise little Alice was not going to do that in a hurry. "No, I'll look first," she said, "and see whether it's marked 'poison' or not;" for she had read several nice little stories about children who had got burnt, and eaten up by wild beasts and other unpleasant things, all because they would not remember the simple rules their friends had taught them: such as, that a red-hot poker will burn you if you hold it too long; and that if you cut your finger very deeply with a knife, it usually bleeds; and she had never forgotten that, if you drink much from a bottle marked "poison," it is almost certain to disagree with you, sooner or later.

However, this bottle was not marked "poison," so Alice ventured to taste it, and finding it very nice, (it had, in fact, a sort of mixed flavour of cherry-tart, custard, pine-apple, roast turkey, toffee, and hot buttered toast,) she very soon finished it off.

"What a curious feeling!" said Alice; "I must be shutting up like a telescope."

And so it was indeed: she was now only ten inches high, and her face brightened up at the thought that she was now the right size for going through the little door into that lovely garden. First, however, she waited for a few minutes to see if she was going to shrink any further: she felt a little nervous about this; "for it might end, you know," said Alice to herself, "in my going out altogether, like a candle. I wonder what I should be like then?" And she tried to fancy what the flame of a candle looks like after the candle is blown out, for she could not remember ever having seen such a thing.

After a while, finding that nothing more happened, she decided on going into the garden at once; but, alas for poor Alice! when she got to the door, she found she had forgotten the little golden key, and when she went back to the table for it, she found she could not possibly reach it: she could see it quite plainly through the glass, and she tried her best to climb up one of the legs of the table, but it was too slippery; and when she had tired herself out with trying, the poor little thing sat down and cried.

"Come, there's no use in crying like that!" said Alice to herself, rather sharply; "I advise you to leave off this minute!" She generally gave herself very good advice, (though she very seldom followed it,) and sometimes she scolded herself so severely as to bring tears into her eyes; and once she remembered trying to box her own ears for having cheated herself in a game of croquet she was playing against herself, for this curious child was very fond of pretending to be two people. "But it's no use now," thought poor Alice, "to pretend to be two people! Why, there's hardly enough of me left to make one respectable person!"

Soon her eye fell on a little glass box that was lying under the table: she opened it, and found in it a very small cake, on which the words "EAT ME" were beautifully marked in currants. "Well, I'll eat it," said Alice, "and if it makes me grow larger, I can reach the key; and if it makes me grow smaller, I can creep under the door; so either way I'll get into the garden, and I don't care which happens!"

She ate a little bit, and said anxiously to herself, "Which way? which way?" holding her hand on the top of her head to feel which way it was growing, and she was quite surprised to find that she remained the same size: to be sure, this is what generally happens when one eats cake, but Alice had got so much into the way of expecting nothing but out-of-the-way things to happen, that it seemed quite dull and stupid for life to go on in the common way.

So she set to work, and very soon finished off the cake.

The pool of tears

"Curiouser and curiouser!" cried Alice (she was so much surprised, that for the moment she quite forgot how to speak good English); "now I'm opening out like the largest telescope that ever was! Good-bye, feet!" (for when she looked down at her feet, they seemed to be almost out of sight, they were getting so far off). "Oh, my poor little feet, I wonder who will put on your shoes and stockings for you now, dears? I'm sure I shan't be able! I shall be a great deal too far off to trouble myself about you: you must manage the best way you can;—but I must be kind to them," thought Alice, "or perhaps they won't walk the way I want to go! Let me see: I'll give them a new pair of boots every Christmas."

And she went on planning to herself how she would manage it. "They must go by the carrier," she thought; "and how funny it'll seem, sending presents to one's own feet! And how odd the directions will look!

Alice's Right Foot, Esq.
Hearthrug,

near the Fender,
(with Alice's love.)

Oh dear, what nonsense I'm talking!"

Just at this moment her head struck against the roof of the hall: in fact she was now rather more than nine feet high, and she at once took up the little golden key and hurried off to the garden door.

Poor Alice! It was as much as she could do, lying down on one side, to look through into the garden with one eye; but to get through was more hopeless than ever: she sat down and began to cry again.

"You ought to be ashamed of yourself," said Alice, "a great girl like you," (she might well say this,) "to go on crying in this way! Stop this moment, I tell you!" But she went on all the same, shedding gallons of tears, until there was a large pool all round her, about four inches deep and reaching half down the hall.

After a time she heard a little pattering of feet in the distance, and she hastily dried her eyes to see what was coming. It was the White Rabbit returning, splendidly dressed, with a pair of white kid gloves in one hand and a large fan in the other: he came trotting along in a great hurry, muttering to himself as he came, "Oh! the Duchess, the Duchess! Oh! won't she be savage if I've kept her waiting!" Alice felt so desperate that she was ready to ask help of any one; so, when the Rabbit came near her, she began, in a low, timid voice, "If you please, sir—" The Rabbit started violently, dropped the white kid gloves and the fan, and skurried away into the darkness as hard as he could go.

Alice took up the fan and gloves, and, as the hall was very hot, she kept fanning herself all the time she went on talking: "Dear, dear! How queer everything is to-day! And yesterday things went on just as usual. I wonder if I've been changed in the night? Let me think: was I the same when I got up this morning? I almost think I can remember feeling a little different. But if I'm not the same, the next question is, Who in the world am I? Ah, that's the great puzzle!" And she began thinking over all the children she knew, that were of the same age as herself, to see if she could have been changed for any of them.

"I'm sure I'm not Ada," she said, "for her hair goes in such long ringlets, and mine doesn't go in ringlets at all; and I'm sure I can't be Mabel, for I know all sorts of things, and she, oh! she knows such a very little! Besides, she's she, and I'm I, and—oh dear, how puzzling it all is! I'll try if I know all the things I used to know. Let me see: four times five is twelve, and four times six is thirteen, and four times seven is—oh dear! I shall never get to twenty at that rate! However, the Multiplication Table doesn't signify: let's try Geography. London

is the capital of Paris, and Paris is the capital of Rome, and Rome—no, that's all wrong, I'm certain! I must have been changed for Mabel! I'll try and say 'How doth the little—'" and she crossed her hands on her lap as if she were saying lessons, and began to repeat it, but her voice sounded hoarse and strange, and the words did not come the same as they used to do:—

"How doth the little crocodile
Improve his shining tail,
And pour the waters of the Nile
On every golden scale!

"How cheerfully he seems to grin,
How neatly spreads his claws,
And welcomes little fishes in
With gently smiling jaws!"

"I'm sure those are not the right words," said poor Alice, and her eyes filled with tears again as she went on, "I must be Mabel after all, and I shall have to go and live in that poky little house, and have next to no toys to play with, and oh! ever so many lessons to learn! No, I've made up my mind about it; if I'm Mabel, I'll stay down here! It'll be no use their putting their heads down and saying, 'Come up again, dear!' I shall only look up and say, 'Who am I then? Tell me that first, and then, if I like being that person, I'll come up: if not, I'll stay down here till I'm somebody else'—but, oh dear!" cried Alice, with a sudden burst of tears, "I do wish they would put their heads down! I am so very tired of being all alone here!"

As she said this she looked down at her hands, and was surprised to see that she had put on one of the Rabbit's little white kid gloves while she was talking. "How can I have done that?" she thought. "I must be growing small again." She got up and went to the table to measure herself by it, and found that, as nearly as she could guess, she was now about two feet high, and was going on shrinking rapidly: she soon found out that the cause of this was the fan she was holding, and she dropped it hastily, just in time to save herself from shrinking away altogether.

"That was a narrow escape!" said Alice, a good deal frightened at the sudden change, but very glad to find herself still in existence; "and now for the garden!" and she ran with all speed back to the little door: but, alas! the little door was shut again, and the little golden key was lying on the glass table as before, "and things are worse than ever," thought the poor child, "for I never was so small as this before, never! And I declare it's too bad, that it is!"

As she said these words her foot slipped, and in another moment, splash! she was up to her chin in salt water. Her first idea was that

she had somehow fallen into the sea, "and in that case I can go back by railway," she said to herself. (Alice had been to the seaside once in her life, and had come to the general conclusion, that wherever you go to on the English coast you find a number of bathing machines in the sea, some children digging in the sand with wooden spades, then a row of lodging houses, and behind them a railway station.) However, she soon made out that she was in the pool of tears which she had wept when she was nine feet high.

"I wish I hadn't cried so much!" said Alice, as she swam about, trying to find her way out. "I shall be punished for it now, I suppose, by being drowned in my own tears! That will be a queer thing, to be sure! However, everything is queer to-day."

Just then she heard something splashing about in the pool a little way off, and she swam nearer to make out what it was: at first she thought it must be a walrus or hippopotamus, but then she remembered how small she was now, and she soon made out that it was only a mouse that had slipped in like herself.

"Would it be of any use, now," thought Alice, "to speak to this mouse? Everything is so out-of-the-way down here, that I should think very likely it can talk: at any rate, there's no harm in trying." So she began: "O Mouse, do you know the way out of this pool? I am very tired of swimming about here, O Mouse!" (Alice thought this must be the right way of speaking to a mouse: she had never done such a thing before, but she remembered having seen in her brother's Latin Grammar, "A mouse—of a mouse—to a mouse—A mouse—O mouse!") The Mouse looked at her rather inquisitively, and seemed to her to wink with one of its little eyes, but it said nothing.

"Perhaps it doesn't understand English," thought Alice; "I daresay it's a French mouse, come over with William the Conqueror." (For, with all her knowledge of history, Alice had no very clear notion how long ago anything had happened.) So she began again: "Où est ma chatte?" which was the first sentence in her French lesson-book. The Mouse gave a sudden leap out of the water, and seemed to quiver all over with fright. "Oh, I beg your pardon!" cried Alice hastily, afraid that she had hurt the poor animal's feelings. "I quite forgot you didn't like cats."

"Not like cats!" cried the Mouse, in a shrill, passionate voice. "Would you like cats if you were me?"

"Well, perhaps not," said Alice in a soothing tone: "don't be angry about it. And yet I wish I could show you our cat Dinah: I think you'd take a fancy to cats if you could only see her. She is such a dear quiet thing," Alice went on, half to herself, as she swam lazily about in the pool, "and she sits purring so nicely by the fire, licking her paws and

washing her face—and she is such a nice soft thing to nurse—and she’s such a capital one for catching mice—oh, I beg your pardon!” cried Alice again, for this time the Mouse was bristling all over, and she felt certain it must be really offended. “We won’t talk about her any more if you’d rather not.” “We, indeed!” cried the Mouse, who was trembling down to the end of his tail. “As if I would talk on such a subject! Our family always hated cats: nasty, low, vulgar things! Don’t let me hear the name again!”

“I won’t indeed!” said Alice, in a great hurry to change the subject of conversation. “Are you—are you fond—of—of dogs?” The Mouse did not answer, so Alice went on eagerly: “There is such a nice little dog near our house I should like to show you! A little bright-eyed terrier, you know, with oh! such long curly brown hair! And it’ll fetch things when you throw them, and it’ll sit up and beg for its dinner, and all sorts of things—I can’t remember half of them—and it belongs to a farmer, you know, and he says it’s so useful, it’s worth a hundred pounds! He says it kills all the rats and—oh dear!” cried Alice in a sorrowful tone. “I’m afraid I’ve offended it again!” For the Mouse was swimming away from her as hard as it could go, and making quite a commotion in the pool as it went.

So she called softly after it: “Mouse dear! Do come back again, and we won’t talk about cats or dogs either, if you don’t like them! ” When the Mouse heard this, it turned round and swam slowly back to her: its face was quite pale (with passion, Alice thought), and it said in a low, trembling voice, “Let us get to the shore, and then I’ll tell you my history, and you’ll understand why it is I hate cats and dogs.”

It was high time to go, for the pool was getting quite crowded with the birds and animals that had fallen into it: there were a Duck and a Dodo, a Lory and an Eaglet, and several other curious creatures. Alice led the way, and the whole party swam to the shore.

A caucus-race and a long tale

They were indeed a queer-looking party that assembled on the bank—the birds with draggled feathers, the animals with their fur clinging close to them, and all dripping wet, cross, and uncomfortable.

The first question of course was, how to get dry again: they had a consultation about this, and after a few minutes it seemed quite natural to Alice to find herself talking familiarly with them, as if she had known them all her life. Indeed, she had quite a long argument with the Lory, who at last turned sulky, and would only say, “I am older than you, and must know better;” and this Alice would not allow, without knowing how old it was, and as the Lory positively refused to tell its

age, there was no more to be said.

At last the Mouse, who seemed to be a person of some authority among them, called out, "Sit down, all of you, and listen to me! I'll soon make you dry enough!" They all sat down at once, in a large ring, with the Mouse in the middle. Alice kept her eyes anxiously fixed on it, for she felt sure she would catch a bad cold if she did not get dry very soon.

"Ahem!" said the Mouse with an important air, "are you all ready? This is the driest thing I know. Silence all round, if you please! 'William the Conqueror, whose cause was favoured by the pope, was soon submitted to by the English, who wanted leaders, and had been of late much accustomed to usurpation and conquest. Edwin and Morcar, the earls of Mercia and Northumbria—'"

"Ugh!" said the Lory, with a shiver.

"I beg your pardon!" said the Mouse, frowning, but very politely: "Did you speak?"

"Not I!" said the Lory hastily.

"I thought you did," said the Mouse.—"I proceed. 'Edwin and Morcar, the earls of Mercia and Northumbria, declared for him; and even Stigand, the patriotic archbishop of Canterbury, found it advisable—'"

"Found what?" said the Duck.

"Found it," the Mouse replied rather crossly: "of course you know what 'it' means."

"I know what 'it' means well enough, when I find a thing," said the Duck: "it's generally a frog or a worm. The question is, what did the archbishop find?"

The Mouse did not notice this question, but hurriedly went on, "'—found it advisable to go with Edgar Atheling to meet William and offer him the crown. William's conduct at first was moderate. But the insolence of his Normans—' How are you getting on now, my dear?" it continued, turning to Alice as it spoke.

"As wet as ever," said Alice in a melancholy tone: "it doesn't seem to dry me at all."

"In that case," said the Dodo solemnly, rising to its feet, "I move that the meeting adjourn, for the immediate adoption of more energetic remedies—"

"Speak English!" said the Eaglet. "I don't know the meaning of half those long words, and, what's more, I don't believe you do either!"

And the Eaglet bent down its head to hide a smile: some of the other birds tittered audibly.

"What I was going to say," said the Dodo in an offended tone, "was, that the best thing to get us dry would be a Caucus-race."

"What is a Caucus-race?" said Alice; not that she wanted much to know, but the Dodo had paused as if it thought that somebody ought to speak, and no one else seemed inclined to say anything.

"Why," said the Dodo, "the best way to explain it is to do it." (And as you might like to try the thing yourself, some winter day, I will tell you how the Dodo managed it.)

First it marked out a race-course, in a sort of circle, ("the exact shape doesn't matter," it said,) and then all the party were placed along the course, here and there. There was no "One two, three, and away," but they began running when they liked, and left off when they liked, so that it was not easy to know when the race was over. However, when they had been running half an hour or so, and were quite dry again, the Dodo suddenly called out, "The race is over!" and they all crowded round it, panting, and asking, "But who has won?"

This question the Dodo could not answer without a great deal of thought, and it sat for a long time with one finger pressed upon its forehead, (the position in which you usually see Shakespeare, in the pictures of him,) while the rest waited in silence. At last the Dodo said, "Everybody has won, and all must have prizes."

"But who is to give the prizes?" quite a chorus of voices asked.

"Why, she, of course," said the Dodo, pointing to Alice with one finger; and the whole party at once crowded round her, calling out in a confused way, "Prizes! Prizes!"

Alice had no idea what to do, and in despair she put her hand in her pocket, and pulled out a box of comfits, (luckily the salt water had not got into it,) and handed them round as prizes. There was exactly one a-piece, all round.

"But she must have a prize herself, you know," said the Mouse.

"Of course," the Dodo replied very gravely. "What else have you got in your pocket?" he went on, turning to Alice.

"Only a thimble," said Alice sadly.

"Hand it over here," said the Dodo.

Then they all crowded round her once more, while the Dodo solemnly presented the thimble, saying, "We beg your acceptance of this ele-

gant thimble;" and, when it had finished this short speech, they all cheered.

Alice thought the whole thing very absurd, but they all looked so grave that she did not dare to laugh; and as she could not think of anything to say, she simply bowed, and took the thimble, looking as solemn as she could.

The next thing was to eat the comfits: this caused some noise and confusion, as the large birds complained that they could not taste theirs, and the small ones choked and had to be patted on the back. However, it was over at last, and they sat down again in a ring, and begged the Mouse to tell them something more.

"You promised to tell me your history, you know," said Alice, "and why it is you hate—C and D," she added in a whisper, half afraid that it would be offended again.

"Mine is a long and a sad tale!" said the Mouse, turning to Alice, and sighing.

"It is a long tail, certainly," said Alice, looking down with wonder at the Mouse's tail; "But why do you call it sad?" And she kept on puzzling about it while the Mouse was speaking, so that her idea of the tale was something like this:— "Fury said to

a mouse, That
he met
in the
house,
'Let us
both go
to law:
I will
prosecute
you.—
Come, I'll
take no
denial;
We must
have a
trial:
For
really
this
morning
I've
nothing
to do.'

Said the
mouse to
the cur,
'Such a
trial,
dear sir,
With no
jury or
judge,
would be
wasting
our breath.'
'I'll be
judge.
I'll be
jury,'
Said
cunning
old Fury;
'I'll try
the whole
cause,
and
condemn
you
to
death."

"You are not attending!" said the Mouse to Alice, severely. "What are you thinking of?" "I beg your pardon," said Alice very humbly: "you had got to the fifth bend, I think?"

"I had not!" cried the Mouse, sharply and very angrily.

"A knot!" said Alice, always ready to make herself useful, and looking anxiously about her. "Oh, do let me help to undo it!"

"I shall do nothing of the sort," said the Mouse, getting up and walking away. "You insult me by talking such nonsense!"

"I didn't mean it!" pleaded poor Alice. "But you're so easily offended, you know!"

The Mouse only growled in reply.

"Please come back, and finish your story!" Alice called after it; and the others all joined in chorus, "Yes, please do!" but the Mouse only shook its head impatiently, and walked a little quicker.

"What a pity it wouldn't stay!" sighed the Lory, as soon as it was quite out of sight; and an old Crab took the opportunity of saying to her daughter, "Ah, my dear! Let this be a lesson to you never to lose your temper!" "Hold your tongue, Ma!" said the young Crab, a little snappishly. "You're enough to try the patience of an oyster!"

"I wish I had our Dinah here, I know I do!" said Alice aloud, addressing nobody in particular. "She'd soon fetch it back!"

"And who is Dinah, if I might venture to ask the question?" said the Lory.

Alice replied eagerly, for she was always ready to talk about her pet: "Dinah's our cat. And she's such a capital one for catching mice, you can't think! And oh, I wish you could see her after the birds! Why, she'll eat a little bird as soon as look at it!"

This speech caused a remarkable sensation among the party. Some of the birds hurried off at once: one old Magpie began wrapping itself up very carefully, remarking, "I really must be getting home; the night-air doesn't suit my throat!" and a Canary called out in a trembling voice to its children, "Come away, my dears! It's high time you were all in bed!" On various pretexts they all moved off, and Alice was soon left alone.

"I wish I hadn't mentioned Dinah!" she said to herself in a melancholy tone. "Nobody seems to like her, down here, and I'm sure she's the best cat in the world! Oh, my dear Dinah! I wonder if I shall ever see you any more!" And here poor Alice began to cry again, for she felt very lonely and low-spirited. In a little while, however, she again heard a little pattering of footsteps in the distance, and she looked up eagerly, half hoping that the Mouse had changed his mind, and was coming back to finish his story.

The rabbit sends in a little bill

It was the White Rabbit, trotting slowly back again, and looking anxiously about as it went, as if it had lost something; and she heard it muttering to itself, "The Duchess! The Duchess! Oh my dear paws! Oh my fur and whiskers! She'll get me executed, as sure as ferrets are ferrets! Where can I have dropped them, I wonder?" Alice guessed in a moment that it was looking for the fan and the pair of white kid gloves, and she very good-naturedly began hunting about for them, but they were nowhere to be seen—everything seemed to have changed since her swim in the pool, and the great hall, with the glass table and the little door, had vanished completely.

Very soon the rabbit noticed Alice, as she went hunting about, and

called out to her in an angry tone, "Why, Mary Ann, what are you doing out here? Run home this moment, and fetch me a pair of gloves and a fan! Quick, now!" And Alice was so much frightened that she ran off at once in the direction it pointed to, without trying to explain the mistake that it had made.

"He took me for his housemaid," she said to herself as she ran. "How surprised he'll be when he finds out who I am! But I'd better take him his fan and gloves—that is, if I can find them." As she said this, she came upon a neat little house, on the door of which was a bright brass plate with the name "W. RABBIT" engraved upon it. She went in without knocking, and hurried upstairs, in great fear lest she should meet the real Mary Ann, and be turned out of the house before she had found the fan and gloves.

"How queer it seems," Alice said to herself, "to be going messages for a rabbit! I suppose Dinah'll be sending me on messages next!" And she began fancying the sort of thing that would happen: "'Miss Alice! Come here directly, and get ready for your walk!' 'Coming in a minute, nurse! But I've got to watch this mouse-hole till Dinah comes back, and see that the mouse doesn't get out.' Only I don't think," Alice went on, "that they'd let Dinah stop in the house if it began ordering people about like that!"

By this time she had found her way into a tidy little room with a table in the window, and on it (as she had hoped) a fan and two or three pairs of tiny white kid gloves: she took up the fan and a pair of the gloves, and was just going to leave the room, when her eye fell upon a little bottle that stood near the looking-glass. There was no label this time with the words "DRINK ME," but nevertheless she uncorked it and put it to her lips. "I know something interesting is sure to happen," she said to herself, "whenever I eat or drink anything; so I'll just see what this bottle does. I do hope it'll make me grow large again, for really I'm quite tired of being such a tiny little thing!"

It did so indeed, and much sooner than she had expected: before she had drunk half the bottle, she found her head pressing against the ceiling, and had to stoop to save her neck from being broken. She hastily put down the bottle, saying to herself, "That's quite enough—I hope I shan't grow any more—As it is, I can't get out at the door—I do wish I hadn't drunk quite so much!"

Alas! it was too late to wish that! She went on growing, and growing, and very soon had to kneel down on the floor: in another minute there was not even room for this, and she tried the effect of lying down with one elbow against the door, and the other arm curled round her head. Still she went on growing, and, as a last resource, she put one arm out of the window, and one foot up the chimney, and said to herself,

"Now I can do no more, whatever happens. What will become of me?"

Luckily for Alice, the little magic bottle had now had its full effect, and she grew no larger: still it was very uncomfortable, and as there seemed to be no sort of chance of her ever getting out of the room again, no wonder she felt unhappy.

"It was much pleasanter at home," thought poor Alice, "when one wasn't always growing larger and smaller, and being ordered about by mice and rabbits. I almost wish I hadn't gone down that rabbit-hole—and yet—and yet—it's rather curious, you know, this sort of life! I do wonder what can have happened to me! When I used to read fairy-tales, I fancied that kind of thing never happened, and now here I am in the middle of one! There ought to be a book written about me, that there ought! And when I grow up, I'll write one—but I'm grown up now," she added in a sorrowful tone, "at least there's no room to grow up any more here."

"But then," thought Alice, "shall I never get any older than I am now? That'll be a comfort, one way—never to be an old woman—but then—always to have lessons to learn! Oh, I shouldn't like that!"

"Oh, you foolish Alice!" she answered herself. "How can you learn lessons in here? Why, there's hardly room for you, and no room at all for any lesson-books!"

And so she went on, taking first one side and then the other, and making quite a conversation of it altogether; but after a few minutes she heard a voice outside, and stopped to listen.

"Mary Ann! Mary Ann!" said the voice, "fetch me my gloves this moment!" Then came a little pattering of feet on the stairs. Alice knew it was the Rabbit coming to look for her, and she trembled till she shook the house, quite forgetting that she was now about a thousand times as large as the Rabbit, and had no reason to be afraid of it.

Presently the Rabbit came up to the door, and tried to open it; but as the door opened inwards, and Alice's elbow was pressed hard against it, that attempt proved a failure. Alice heard it say to itself, "Then I'll go round and get in at the window."

"That you won't!" thought Alice, and, after waiting till she fancied she heard the Rabbit just under the window she suddenly spread out her hand, and made a snatch in the air. She did not get hold of anything, but she heard a little shriek and a fall, and a crash of broken glass, from which she concluded that it was just possible, it had fallen into a cucumber-frame, or something of the sort.

Next came an angry voice—the Rabbit's—"Pat! Pat! Where are you?" And then a voice she had never heard before, "Sure then I'm here!

Digging for apples, yer honour!"

"Digging for apples, indeed!" said the Rabbit angrily. "Here! Come and help me out of this!" (Sounds of more broken glass.)

"Now tell me, Pat, what's that in the window?"

"Sure, it's an arm, yer honour!" (He pronounced it "arrum.")

"An arm, you goose! Who ever saw one that size? Why, it fills the whole window!"

"Sure, it does, yer honour: but it's an arm for all that."

"Well, it's got no business there, at any rate: go and take it away!"

There was a long silence after this, and Alice could only hear whispers now and then; such as, "Sure, I don't like it, yer honour, at all, at all!" "Do as I tell you, you coward!" and at last she spread out her hand again, and made another snatch in the air. This time there were two little shrieks, and more sounds of broken glass. "What a number of cucumber frames there must be!" thought Alice. "I wonder what they'll do next! As for pulling me out of the window, I only wish they could! I'm sure I don't want to stay in here any longer!"

She waited for some time without hearing anything more: at last came a rumbling of little cart-wheels, and the sound of a good many voices all talking together: she made out the words: "Where's the other ladder?—Why, I hadn't to bring but one; Bill's got the other—Bill! fetch it here, lad!—Here, put 'em up at this corner—No, tie 'em together first—they don't reach half high enough yet—Oh! they'll do well enough; don't be particular—Here, Bill! catch hold of this rope—Will the roof bear?—Mind that loose slate—Oh, it's coming down! Heads below!" (a loud crash)—"Now, who did that?—It was Bill, I fancy—Who's to go down the chimney?—Nay, I shan't! You do it!—That I won't, then!—Bill's got to go down—Here, Bill! the master says you've got to go down the chimney!"

"Oh! so Bill's got to come down the chimney, has he?" said Alice to herself. "Why, they seem to put everything upon Bill! I wouldn't be in Bill's place for a good deal: this fireplace is narrow, to be sure; but I think I can kick a little!"

She drew her foot as far down the chimney as she could, and waited till she heard a little animal (she couldn't guess of what sort it was) scratching and scrambling about in the chimney close above her: then, saying to herself, "This is Bill," she gave one sharp kick, and waited to see what would happen next.

The first thing she heard was a general chorus of "There goes Bill!" then the Rabbit's voice alone—"Catch him, you by the hedge!" then

silence, and then another confusion of voices—"Hold up his head—Brandy now—Don't choke him— How was it, old fellow? What happened to you? Tell us all about it!"

Last came a little feeble, squeaking voice, ("That's Bill," thought Alice,) "Well, I hardly know—No more, thank ye; I'm better now—but I'm a deal too flustered to tell you—all I know is, something comes at me like a Jack-in-the-box, and up I goes like a sky-rocket!"

"So you did, old fellow!" said the others.

"We must burn the house down!" said the Rabbit's voice; and Alice called out as loud as she could, "If you do, I'll set Dinah at you!"

There was a dead silence instantly, and Alice thought to herself, "I wonder what they will do next! If they had any sense, they'd take the roof off." After a minute or two, they began moving about again, and Alice heard the Rabbit say, "A barrowful will do, to begin with."

"A barrowful of what?" thought Alice; but she had not long to doubt, for the next moment a shower of little pebbles came rattling in at the window, and some of them hit her in the face. "I'll put a stop to this," she said to herself, and shouted out, "You'd better not do that again!" which produced another dead silence.

Alice noticed with some surprise that the pebbles were all turning into little cakes as they lay on the floor, and a bright idea came into her head. "If I eat one of these cakes," she thought, "it's sure to make some change in my size; and as it can't possibly make me larger, it must make me smaller, I suppose."

So she swallowed one of the cakes, and was delighted to find that she began shrinking directly. As soon as she was small enough to get through the door, she ran out of the house, and found quite a crowd of little animals and birds waiting outside. The poor little Lizard, Bill, was in the middle, being held up by two guinea-pigs, who were giving it something out of a bottle. They all made a rush at Alice the moment she appeared; but she ran off as hard as she could, and soon found herself safe in a thick wood.

"The first thing I've got to do," said Alice to herself, as she wandered about in the wood, "is to grow to my right size again; and the second thing is to find my way into that lovely garden. I think that will be the best plan."

It sounded an excellent plan, no doubt, and very neatly and simply arranged; the only difficulty was, that she had not the smallest idea how to set about it; and while she was peering about anxiously among the trees, a little sharp bark just over her head made her look up in a great hurry.

An enormous puppy was looking down at her with large round eyes, and feebly stretching out one paw, trying to touch her. "Poor little thing!" said Alice, in a coaxing tone, and she tried hard to whistle to it; but she was terribly frightened all the time at the thought that it might be hungry, in which case it would be very likely to eat her up in spite of all her coaxing.

Hardly knowing what she did, she picked up a little bit of stick, and held it out to the puppy; whereupon the puppy jumped into the air off all its feet at once, with a yelp of delight, and rushed at the stick, and made believe to worry it; then Alice dodged behind a great thistle, to keep herself from being run over; and the moment she appeared on the other side, the puppy made another rush at the stick, and tumbled head over heels in its hurry to get hold of it: then Alice, thinking it was very like having a game of play with a carthorse, and expecting every moment to be trampled under its feet, ran round the thistle again; then the puppy began a series of short charges at the stick, running a very little way forwards each time and a long way back, and barking hoarsely all the while, till at last it sat down a good way off, panting, with its tongue hanging out of its mouth, and its great eyes half shut. This seemed to Alice a good opportunity for making her escape, so she set off at once, and ran till she was quite tired and out of breath, and till the puppy's bark sounded quite faint in the distance.

"And yet what a dear little puppy it was!" said Alice, as she leant against a buttercup to rest herself, and fanned herself with one of the leaves: "I should have liked teaching it tricks very much, if—if I'd only been the right size to do it! Oh dear! I'd nearly forgotten that I've got to grow up again! Let me see—how is it to be managed? I suppose I ought to eat or drink something or other; but the great question is, what?"

The great question certainly was, what? Alice looked all round her at the flowers and the blades of grass, but she could not see anything that looked like the right thing to eat or drink under the circumstances. There was a large mushroom growing near her, about the same height as herself; and when she had looked under it, and on both sides of it, and behind it, it occurred to her that she might as well look and see what was on the top of it.

She stretched herself up on tiptoe, and peeped over the edge of the mushroom, and her eyes immediately met those of a large blue caterpillar, that was sitting on the top with its arms folded, quietly smoking a long hookah, and taking not the smallest notice of her or of anything else.

Advice from a caterpillar

The Caterpillar and Alice looked at each other for some time in silence: at last the Caterpillar took the hookah out of its mouth, and addressed her in a languid, sleepy voice.

"Who are you?" said the Caterpillar.

This was not an encouraging opening for a conversation. Alice replied, rather shyly, "I—I hardly know, sir, just at present—at least I know who I was when I got up this morning, but I think I must have been changed several times since then."

"What do you mean by that?" said the Caterpillar sternly. "Explain yourself!"

"I can't explain myself, I'm afraid, sir," said Alice, "because I'm not myself, you see."

"I don't see," said the Caterpillar.

"I'm afraid I can't put it more clearly," Alice replied very politely, "for I can't understand it myself to begin with; and being so many different sizes in a day is very confusing."

"It isn't," said the Caterpillar.

"Well, perhaps you haven't found it so yet," said Alice; "but when you have to turn into a chrysalis—you will some day, you know—and then after that into a butterfly, I should think you'll feel it a little queer, won't you?"

"Not a bit," said the Caterpillar.

"Well, perhaps your feelings may be different," said Alice; "all I know is, it would feel very queer to me."

"You!" said the Caterpillar contemptuously. "Who are you?"

Which brought them back again to the beginning of the conversation. Alice felt a little irritated at the Caterpillar's making such very short remarks, and she drew herself up and said, very gravely, "I think you ought to tell me who you are, first."

"Why?" said the Caterpillar.

Here was another puzzling question; and, as Alice could not think of any good reason, and as the Caterpillar seemed to be in a very unpleasant state of mind, she turned away.

"Come back!" the Caterpillar called after her. "I've something important to say!"

This sounded promising, certainly: Alice turned and came back again.

"Keep your temper," said the Caterpillar.

"Is that all?" said Alice, swallowing down her anger as well as she could.

"No," said the Caterpillar.

Alice thought she might as well wait, as she had nothing else to do, and perhaps after all it might tell her something worth hearing. For some minutes it puffed away without speaking, but at last it unfolded its arms, took the hookah out of its mouth again, and said, "So you think you're changed, do you?"

"I'm afraid I am, sir," said Alice; "I can't remember things as I used—and I don't keep the same size for ten minutes together!"

"Can't remember what things?" said the Caterpillar.

"Well, I've tried to say 'How doth the little busy bee,' but it all came different!" Alice replied in a very melancholy voice.

"Repeat 'You are old, Father William,'" said the Caterpillar.

Alice folded her hands, and began:—

"You are old, Father William," the young man said,
"And your hair has become very white;
And yet you incessantly stand on your head—
Do you think, at your age, it is right?"

"In my youth," Father William replied to his son,
"I feared it might injure the brain;
But now that I'm perfectly sure I have none,
Why, I do it again and again."

"You are old," said the youth, "as I mentioned before,
And have grown most uncommonly fat;
Yet you turned a back-somersault in at the door—
Pray, what is the reason of that?"

"In my youth," said the sage, as he shook his grey locks,
"I kept all my limbs very supple
By the use of this ointment—one shilling the box—
Allow me to sell you a couple?"

"You are old," said the youth, "and your jaws are too weak
For anything tougher than suet;
Yet you finished the goose, with the bones and the beak—
Pray, how did you manage to do it?"

"In my youth," said his father, "I took to the law,
And argued each case with my wife;

And the muscular strength, which it gave to my jaw,
Has lasted the rest of my life."

"You are old," said the youth; "one would hardly suppose
That your eye was as steady as ever;
Yet you balanced an eel on the end of your nose—
What made you so awfully clever?"

"I have answered three questions, and that is enough,"
Said his father; "don't give yourself airs!
Do you think I can listen all day to such stuff?
Be off, or I'll kick you down stairs!"

"That is not said right," said the Caterpillar.

"Not quite right, I'm afraid," said Alice, timidly; "some of the words
have got altered."

"It is wrong from beginning to end," said the Caterpillar decidedly, and
there was silence for some minutes.

The Caterpillar was the first to speak.

"What size do you want to be?" it asked.

"Oh, I'm not particular as to size," Alice hastily replied; "only one do-
esn't like changing so often, you know."

"I don't know," said the Caterpillar.

Alice said nothing: she had never been so much contradicted in all
her life before, and she felt that she was losing her temper.

"Are you content now?" said the Caterpillar.

"Well, I should like to be a little larger, sir, if you wouldn't mind," said
Alice: "three inches is such a wretched height to be."

"It is a very good height indeed!" said the Caterpillar angrily, rearing
itself upright as it spoke (it was exactly three inches high).

"But I 'm not used to it!" pleaded poor Alice in a piteous tone. And
she thought to herself, "I wish the creatures wouldn't be so easily
offended."

"You'll get used to it in time," said the Caterpillar; and it put the hookah
into its mouth and began smoking again.

This time Alice waited patiently until it chose to speak again. In a
minute or two the Caterpillar took the hookah out of its mouth and
yawned once or twice, and shook itself. Then it got down off the
mushroom, and crawled away into the grass, merely remarking as
it went, "One side will make you grow taller, and the other side will
make you grow shorter."

"One side of what? The other side of what?" thought Alice to herself.

"Of the mushroom," said the Caterpillar, just as if she had asked it aloud; and in another moment it was out of sight.

Alice remained looking thoughtfully at the mushroom for a minute, trying to make out which were the two sides of it; and, as it was perfectly round, she found this a very difficult question. However, at last she stretched her arms round it as far as they would go, and broke off a bit of the edge with each hand.

"And now which is which?" she said to herself, and nibbled a little of the right-hand bit to try the effect: the next moment she felt a violent blow underneath her chin; it had struck her foot!

She was a good deal frightened by this very sudden change, but she felt that there was no time to be lost, as she was shrinking rapidly; so she set to work at once to eat some of the other bit. Her chin was pressed so closely against her foot, that there was hardly room to open her mouth; but she did it at last, and managed to swallow a morsel of the left-hand bit.

"Come, my head's free at last!" said Alice in a tone of delight, which changed into alarm in another moment, when she found that her shoulders were nowhere to be found: all she could see when she looked down, was an immense length of neck, which seemed to rise like a stalk out of a sea of green leaves that lay far below her.

"What can all that green stuff be?" said Alice. "And where have my shoulders got to? And oh, my poor hands, how is it I can't see you?" She was moving them about as she spoke, but no result seemed to follow, except a little shaking among the distant green leaves.

As there seemed to be no chance of getting her hands up to her head, she tried to get her head down to them, and was delighted to find that her neck would bend about easily in any direction, like a serpent. She had just succeeded in curving it down into a graceful zigzag, and was going to dive in among the leaves, which she found to be nothing but the tops of the trees under which she had been wandering, when a sharp hiss made her draw back in a hurry: a large pigeon had flown into her face, and was beating her violently with its wings.

"Serpent!" screamed the Pigeon.

"I'm not a serpent!" said Alice indignantly. "Let me alone!"

"Serpent, I say again!" repeated the Pigeon, but in a more subdued tone, and added with a kind of sob, "I've tried every way, and nothing seems to suit them!"

"I haven't the least idea what you're talking about," said Alice.

"I've tried the roots of trees, and I've tried banks, and I've tried hedges," the Pigeon went on, without attending to her; "but those serpents! There's no pleasing them!"

Alice was more and more puzzled, but she thought there was no use in saying anything more till the Pigeon had finished.

"As if it wasn't trouble enough hatching the eggs," said the Pigeon; "but I must be on the look-out for serpents night and day! Why, I haven't had a wink of sleep these three weeks!"

"I'm very sorry you've been annoyed," said Alice, who was beginning to see its meaning.

"And just as I'd taken the highest tree in the wood," continued the Pigeon, raising its voice to a shriek, "and just as I was thinking I should be free of them at last, they must needs come wriggling down from the sky! Ugh, Serpent!"

"But I'm not a serpent, I tell you!" said Alice. "I'm a—— I'm a——"

"Well! What are you?" said the Pigeon. "I can see you're trying to invent something!"

"I—I'm a little girl," said Alice, rather doubtfully, as she remembered the number of changes she had gone through that day.

"A likely story indeed!" said the Pigeon in a tone of the deepest contempt. "I've seen a good many little girls in my time, but never one with such a neck as that! No, no! You're a serpent; and there's no use denying it. I suppose you'll be telling me next that you never tasted an egg!"

"I have tasted eggs, certainly," said Alice, who was a very truthful child; "but little girls eat eggs quite as much as serpents do, you know."

"I don't believe it," said the Pigeon; "but if they do, why then they're a kind of serpent, that's all I can say."

This was such a new idea to Alice, that she was quite silent for a minute or two, which gave the Pigeon the opportunity of adding, "You're looking for eggs, I know that well enough; and what does it matter to me whether you're a little girl or a serpent?"

"It matters a good deal to me," said Alice hastily; "but I'm not looking for eggs, as it happens; and if I was, I shouldn't want yours: I don't like them raw."

"Well, be off, then!" said the Pigeon in a sulky tone, as it settled down again into its nest. Alice crouched down among the trees as well as she could, for her neck kept getting entangled among the branches,

and every now and then she had to stop and untwist it. After a while she remembered that she still held the pieces of mushroom in her hands, and she set to work very carefully, nibbling first at one and then at the other, and growing sometimes taller and sometimes shorter, until she had succeeded in bringing herself down to her usual height.

It was so long since she had been anything near the right size, that it felt quite strange at first; but she got used to it in a few minutes, and began talking to herself, as usual. "Come, there's half my plan done now! How puzzling all these changes are! I'm never sure what I'm going to be, from one minute to another! However, I've got back to my right size: the next thing is, to get into that beautiful garden—how is that to be done, I wonder?" As she said this, she came suddenly upon an open place, with a little house in it about four feet high. "Whoever lives there," thought Alice, "it'll never do to come upon them this size: why, I should frighten them out of their wits!" So she began nibbling at the right-hand bit again, and did not venture to go near the house till she had brought herself down to nine inches high.

Pig and Pepper

For a minute or two she stood looking at the house, and wondering what to do next, when suddenly a footman in livery came running out of the wood—(she considered him to be a footman because he was in livery: otherwise, judging by his face only, she would have called him a fish)—and rapped loudly at the door with his knuckles. It was opened by another footman in livery, with a round face, and large eyes like a frog; and both footmen, Alice noticed, had powdered hair that curled all over their heads. She felt very curious to know what it was all about, and crept a little way out of the wood to listen.

Then they both bowed low, and their curls got entangled together.

Alice laughed so much at this, that she had to run back into the wood for fear of their hearing her; and when she next peeped out the Fish-Footman was gone, and the other was sitting on the ground near the door, staring stupidly up into the sky.

Alice went timidly up to the door, and knocked.

"There's no sort of use in knocking," said the Footman, "and that for two reasons. First, because I'm on the same side of the door as you are; secondly, because they're making such a noise inside, no one could possibly hear you." And certainly there was a most extraordinary noise going on within—a constant howling and sneezing, and every now and then a great crash, as if a dish or kettle had been broken to pieces.

"Please, then," said Alice, "how am I to get in?"

"There might be some sense in your knocking," the Footman went on, without attending to her, "if we had the door between us. For instance, if you were inside, you might knock, and I could let you out, you know." He was looking up into the sky all the time he was speaking, and this Alice thought decidedly uncivil. "But perhaps he can't help it," she said to herself; "his eyes are so very nearly at the top of his head. But at any rate he might answer questions.—How am I to get in?" she repeated, aloud.

"I shall sit here," the Footman remarked, "till to-morrow——"

At this moment the door of the house opened, and a large plate came skimming out, straight at the Footman's head: it just grazed his nose, and broke to pieces against one of the trees behind him.

"——or next day, maybe," the Footman continued in the same tone, exactly as if nothing had happened.

"How am I to get in?" asked Alice again, in a louder tone.

"Are you to get in at all?" said the Footman. "That's the first question, you know."

It was, no doubt: only Alice did not like to be told so. "It's really dreadful," she muttered to herself, "the way all the creatures argue. It's enough to drive one crazy!"

The Footman seemed to think this a good opportunity for repeating his remark, with variations. "I shall sit here," he said, "on and off, for days and days."

"But what am I to do?" said Alice.

"Anything you like," said the Footman, and began whistling.

"Oh, there's no use in talking to him," said Alice desperately: "he's perfectly idiotic!" And she opened the door and went in.

The door led right into a large kitchen, which was full of smoke from one end to the other: the Duchess was sitting on a three-legged stool in the middle, nursing a baby; the cook was leaning over the fire, stirring a large cauldron which seemed to be full of soup. "There's certainly too much pepper in that soup!" Alice said to herself, as well as she could for sneezing.

There was certainly too much of it in the air. Even the Duchess sneezed occasionally; and as for the baby, it was sneezing and howling alternately without a moment's pause. The only two creatures in the kitchen that did not sneeze, were the cook, and a large cat which was sitting on the hearth and grinning from ear to ear.

"Please would you tell me," said Alice, a little timidly, for she was not quite sure whether it was good manners for her to speak first, "why your cat grins like that?"

"It's a Cheshire cat," said the Duchess, "and that's why. Pig!"

She said the last word with such sudden violence that Alice quite jumped; but she saw in another moment that it was addressed to the baby, and not to her, so she took courage, and went on again:—

"I didn't know that Cheshire cats always grinned; in fact, I didn't know that cats could grin." "They all can," said the Duchess; "and most of 'em do."

"I don't know of any that do," Alice said very politely, feeling quite pleased to have got into a conversation.

"You don't know much," said the Duchess; "and that's a fact."

Alice did not at all like the tone of this remark, and thought it would be as well to introduce some other subject of conversation. While she was trying to fix on one, the cook took the cauldron of soup off the fire, and at once set to work throwing everything within her reach at the Duchess and the baby—the fire-irons came first; then followed a shower of saucepans, plates, and dishes. The Duchess took no notice of them even when they hit her; and the baby was howling so much already, that it was quite impossible to say whether the blows hurt it or not.

"Oh, please mind what you're doing!" cried Alice, jumping up and down in an agony of terror. "Oh, there goes his precious nose!" as an unusually large saucepan flew close by it, and very nearly carried it off.

"If everybody minded their own business," the Duchess said in a hoarse growl, "the world would go round a deal faster than it does."

"Which would not be an advantage," said Alice, who felt very glad to get an opportunity of showing off a little of her knowledge. "Just think what work it would make with the day and night! You see the earth takes twenty-four hours to turn round on its axis——"

"Talking of axes," said the Duchess, "chop off her head!"

Alice glanced rather anxiously at the cook, to see if she meant to take the hint; but the cook was busily stirring the soup, and seemed not to be listening, so she went on again: "Twenty-four hours, I think; or is it twelve? I——"

"Oh, don't bother me," said the Duchess; "I never could abide figures!" And with that she began nursing her child again, singing a sort of

lullaby to it as she did so, and giving it a violent shake at the end of every line :—

"Speak roughly to your little boy,
And beat him when he sneezes:
He only does it to annoy,
Because he knows it teases."

chorus
(In which the cook and the baby joined):—
"Wow! wow! wow!"

While the Duchess sang the second verse of the song, she kept tossing the baby violently up and down, and the poor little thing howled so, that Alice could hardly hear the words:—

"I speak severely to my boy,
I beat him when he sneezes;
For he can thoroughly enjoy
The pepper when he pleases!"

chorus
"Wow! wow! wow!"

"Here! you may nurse it a bit, if you like!" the Duchess said to Alice, flinging the baby at her as she spoke. "I must go and get ready to play croquet with the Queen," and she hurried out of the room. The cook threw a frying-pan after her as she went, but it just missed her.

Alice caught the baby with some difficulty, as it was a queer-shaped little creature, and held out its arms and legs in all directions, "just like a star-fish," thought Alice. The poor little thing was snorting like a steam-engine when she caught it, and kept doubling itself up and straightening itself out again, so that altogether, for the first minute or two, it was as much as she could do to hold it.

As soon as she had made out the proper way of nursing it, (which was to twist it up into a sort of knot, and then keep tight hold of its right ear and left foot, so as to prevent its undoing itself,) she carried it out into the open air. "If I don't take this child away with me," thought Alice, "they're sure to kill it in a day or two: wouldn't it be murder to leave it behind?" She said the last words out loud, and the little thing grunted in reply (it had left off sneezing by this time). "Don't grunt," said Alice; "that's not at all a proper way of expressing yourself."

The baby grunted again, and Alice looked very anxiously into its face to see what was the matter with it. There could be no doubt that it had a very turn-up nose, much more like a snout than a real nose; also its eyes were getting extremely small for a baby: altogether Alice did not like the look of the thing at all. "But perhaps it was only sobbing,"

she thought, and looked into its eyes again, to see if there were any tears.

No, there were no tears. "If you're going to turn into a pig, my dear," said Alice, seriously, "I'll have nothing more to do with you. Mind now!" The poor little thing sobbed again (or grunted, it was impossible to say which), and they went on for some while in silence.

Alice was just beginning to think to herself, "Now, what am I to do with this creature when I get it home?" when it grunted again, so violently, that she looked down into its face in some alarm. This time there could be no mistake about it: it was neither more nor less than a pig, and she felt that it would be quite absurd for her to carry it any further.

So she set the little creature down, and felt quite relieved to see it trot away quietly into the wood. "If it had grown up," she said to herself, "it would have made a dreadfully ugly child: but it makes rather a handsome pig, I think." And she began thinking over other children she knew, who might do very well as pigs, and was just saying to herself, "if one only knew the right way to change them——" when she was a little startled by seeing the Cheshire Cat sitting on a bough of a tree a few yards off.

The Cat only grinned when it saw Alice. It looked good-natured, she thought: still it had very long claws and a great many teeth, so she felt that it ought to be treated with respect.

"Cheshire Puss," she began, rather timidly, as she did not at all know whether it would like the name: however, it only grinned a little wider. "Come, it's pleased so far," thought Alice, and she went on, "Would you tell me, please, which way I ought to go from here?"

"That depends a good deal on where you want to get to," said the Cat.

"I don't much care where——" said Alice.

"Then it doesn't matter which way you go," said the Cat.

"——so long as I get somewhere," Alice added as an explanation.

"Oh, you're sure to do that," said the Cat, "if you only walk long enough."

Alice felt that this could not be denied, so she tried another question. "What sort of people live about here?"

"In that direction," the Cat said, waving its right paw round, "lives a Hatter: and in that direction," waving the other paw, "lives a March Hare. Visit either you like: they're both mad."

"But I don't want to go among mad people," Alice remarked.

"Oh, you can't help that," said the Cat: "we're all mad here. I'm mad. You're mad."

"How do you know I'm mad?" said Alice.

"You must be," said the Cat, "or you wouldn't have come here."

Alice didn't think that proved it at all; however, she went on: "And how do you know that you're mad?"

"To begin with," said the Cat, "a dog's not mad. You grant that?"

"I suppose so," said Alice. "Well, then," the Cat went on, "you see a dog growls when it's angry, and wags its tail when it's pleased. Now I growl when I'm pleased, and wag my tail when I'm angry. Therefore I'm mad." "I call it purring, not growling," said Alice.

"Call it what you like," said the Cat. "Do you play croquet with the Queen to-day?" "I should like it very much," said Alice, "but I haven't been invited yet."

"You'll see me there," said the Cat, and vanished.

Alice was not much surprised at this, she was getting so well used to queer things happening. While she was still looking at the place where it had been, it suddenly appeared again.

"By-the-bye, what became of the baby?" said the Cat. "I'd nearly forgotten to ask."

"It turned into a pig," Alice answered very quietly, just as if the Cat had come back in a natural way.

"I thought it would," said the Cat, and vanished again. Alice waited a little, half expecting to see it again, but it did not appear, and after a minute or two she walked on in the direction in which the March Hare was said to live.

"I've seen hatters before," she said to herself: "the March Hare will be much the most interesting, and perhaps as this is May it won't be raving mad—at least not so mad as it was in March." As she said this, she looked up, and there was the Cat again, sitting on a branch of a tree.

"Did you say pig, or fig?" said the Cat.

"I said pig," replied Alice; "and I wish you wouldn't keep appearing and vanishing so suddenly: you make one quite giddy."

"All right," said the Cat; and this time it vanished quite slowly, beginning with the end of the tail, and ending with the grin, which remained some time after the rest of it had gone.

"Well! I've often seen a cat without a grin," thought Alice; "but a grin without a cat! It's the most curious thing I ever saw in all my life!"

She had not gone much farther before she came in sight of the house of the March Hare: she thought it must be the right house, because the chimneys were shaped like ears and the roof was thatched with fur. It was so large a house, that she did not like to go nearer till she had nibbled some more of the left-hand bit of mushroom, and raised herself to about two feet high: even then she walked up towards it rather timidly, saying to herself, "Suppose it should be raving mad after all! I almost wish I'd gone to see the Hatter instead!"

A mad tea-party

There was a table set out under a tree in front of the house, and the March Hare and the Hatter were having tea at it: a Dormouse was sitting between them, fast asleep, and the other two were using it as a cushion, resting their elbows on it, and talking over its head. "Very uncomfortable for the Dormouse," thought Alice; "only, as it's asleep, I suppose it doesn't mind."

The table was a large one, but the three were all crowded together at one corner of it: "No room! No room!" they cried out when they saw Alice coming. "There's plenty of room!" said Alice indignantly, and she sat down in a large arm-chair at one end of the table.

"Have some wine," the March Hare said in an encouraging tone.

Alice looked all round the table, but there was nothing on it but tea. "I don't see any wine," she remarked.

"There isn't any," said the March Hare.

"Then it wasn't very civil of you to offer it," said Alice angrily.

"It wasn't very civil of you to sit down without being invited," said the March Hare.

"I didn't know it was your table," said Alice; "it's laid for a great many more than three."

"Your hair wants cutting," said the Hatter. He had been looking at Alice for some time with great curiosity, and this was his first speech.

"You should learn not to make personal remarks," Alice said with some severity: "it's very rude."

The Hatter opened his eyes very wide on hearing this; but all he said was, "Why is a raven like a writing-desk?"

"Come, we shall have some fun now!" thought Alice. "I'm glad they've begun asking riddles.—I believe I can guess that," she added aloud.

"Do you mean that you think you can find out the answer to it?" said the March Hare.

"Exactly so," said Alice.

"Then you should say what you mean," the March Hare went on.

"I do," Alice hastily replied; "at least—at least I mean what I say—that's the same thing, you know."

"Not the same thing a bit!" said the Hatter. "Why, you might just as well say that 'I see what I eat' is the same thing as 'I eat what I see'!"

"You might just as well say," added the March Hare, "that 'I like what I get' is the same thing as 'I get what I like'!"

"You might just as well say," added the Dormouse, who seemed to be talking in his sleep, "that 'I breathe when I sleep' is the same thing as 'I sleep when I breathe'!"

"It is the same thing with you," said the Hatter, and here the conversation dropped, and the party sat silent for a minute, while Alice thought over all she could remember about ravens and writing-desks, which wasn't much.

The Hatter was the first to break the silence. "What day of the month is it?" he said, turning to Alice: he had taken his watch out of his pocket, and was looking at it uneasily, shaking it every now and then, and holding it to his ear.

Alice considered a little, and said, "The fourth."

"Two days wrong!" sighed the Hatter. "I told you butter wouldn't suit the works!" he added, looking angrily at the March Hare.

"It was the best butter," the March Hare meekly replied.

"Yes, but some crumbs must have got in as well," the Hatter grumbled: "you shouldn't have put it in with the bread-knife."

The March Hare took the watch and looked at it gloomily: then he dipped it into his cup of tea, and looked at it again: but he could think of nothing better to say than his first remark, "It was the best butter, you know."

Alice had been looking over his shoulder with some curiosity. "What a funny watch!" she remarked. "It tells the day of the month, and doesn't tell what o'clock it is!"

"Why should it?" muttered the Hatter. "Does your watch tell you what year it is?"

"Of course not," Alice replied very readily: "but that's because it stays the same year for such a long time together."

"Which is just the case with mine," said the Hatter.

Alice felt dreadfully puzzled. The Hatter's remark seemed to her to have no sort of meaning in it, and yet it was certainly English. "I don't quite understand you," she said, as politely as she could.

"The Dormouse is asleep again," said the Hatter, and he poured a little hot tea on its nose.

The Dormouse shook its head impatiently, and said, without opening its eyes, "Of course, of course; just what I was going to remark myself."

"Have you guessed the riddle yet?" the Hatter said, turning to Alice again.

"No, I give it up," Alice replied: "what's the answer?"

"I haven't the slightest idea," said the Hatter.

"Nor I," said the March Hare.

Alice sighed wearily. "I think you might do something better with the time," she said, "than wasting it in asking riddles that have no answers."

"If you knew Time as well as I do," said the Hatter, "you wouldn't talk about wasting it. It's him."

"I don't know what you mean," said Alice.

"Of course you don't!" the Hatter said, tossing his head contemptuously. "I dare say you never even spoke to Time!"

"Perhaps not," Alice cautiously replied: "but I know I have to beat time when I learn music."

"Ah! that accounts for it," said the Hatter. "He won't stand beating. Now, if you only kept on good terms with him, he'd do almost anything you liked with the clock. For instance, suppose it were nine o'clock in the morning, just time to begin lessons: you'd only have to whisper a hint to Time, and round goes the clock in a twinkling! Half-past one, time for dinner!"

("I only wish it was," the March Hare said to itself in a whisper.)

"That would be grand, certainly," said Alice thoughtfully: "but then—I shouldn't be hungry for it, you know."

"Not at first, perhaps," said the Hatter: "but you could keep it to half-past one as long as you liked."

"Is that the way you manage?" Alice asked.

The Hatter shook his head mournfully. "Not I!" he replied. "We quarrelled last March——just before he went mad, you know——" (pointing with his teaspoon at the March Hare,) "——it was at the great concert given by the Queen of Hearts, and I had to sing 'Twinkle, twinkle, little bat! How I wonder what you're at!'

You know the song, perhaps?"

"I've heard something like it," said Alice.

"It goes on, you know," the Hatter continued, "in this way:—

'Up above the world you fly, Like a teatray in the sky. Twinkle, twinkle———'"

Here the Dormouse shook itself, and began singing in its sleep "Twinkle, twinkle, twinkle, twinkle——" and went on so long that they had to pinch it to make it stop.

"Well, I'd hardly finished the first verse," said the Hatter, "when the Queen bawled out, 'He's murdering the time! Off with his head!'"

"How dreadfully savage!" exclaimed Alice.

"And ever since that," the Hatter went on in a mournful tone, "he won't do a thing I ask! It's always six o'clock now."

A bright idea came into Alice's head. "Is that the reason so many tea-things are put out here?" she asked.

"Yes, that's it," said the Hatter with a sigh: "it's always tea-time, and we've no time to wash the things between whiles."

"Then you keep moving round, I suppose?" said Alice.

"Exactly so," said the Hatter: "as the things get used up."

"But when do you come to the beginning again?" Alice ventured to ask.

"Suppose we change the subject," the March Hare interrupted, yawning. "I'm getting tired of this. I vote the young lady tells us a story."

"I'm afraid I don't know one," said Alice, rather alarmed at the proposal.

"Then the Dormouse shall!" they both cried. "Wake up, Dormouse!" And they pinched it on both sides at once.

The Dormouse slowly opened his eyes. "I wasn't asleep," he said in a hoarse, feeble voice: "I heard every word you fellows were saying."

"Tell us a story!" said the March Hare.

"Yes, please do!" pleaded Alice.

"And be quick about it," added the Hatter, "or you'll be asleep again before it's done."

"Once upon a time there were three little sisters," the Dormouse began in a great hurry; "and their names were Elsie, Lacie, and Tillie; and they lived at the bottom of a well——"

"What did they live on?" said Alice, who always took a great interest in questions of eating and drinking.

"They lived on treacle," said the Dormouse, after thinking a minute or two.

"They couldn't have done that, you know," Alice gently remarked: "they'd have been ill."

"So they were," said the Dormouse; "very ill."

Alice tried a little to fancy to herself what such an extraordinary way of living would be like, but it puzzled her too much, so she went on: "But why did they live at the bottom of a well?"

"Take some more tea," the March Hare said to Alice, very earnestly.

"I've had nothing yet," Alice replied in an offended tone, "so I can't take more."

"You mean you can't take less," said the Hatter: "it's very easy to take more than nothing."

"Nobody asked your opinion," said Alice.

"Who's making personal remarks now?" the Hatter asked triumphantly.

Alice did not quite know what to say to this: so she helped herself to some tea and bread-and-butter, and then turned to the Dormouse, and repeated her question. "Why did they live at the bottom of a well?"

The Dormouse again took a minute or two to think about it, and then said, "It was a treacle-well."

"There's no such thing!" Alice was beginning very angrily, but the Hatter and the March Hare went "Sh! sh!" and the Dormouse sulkily remarked, "If you can't be civil, you'd better finish the story for yourself."

"No, please go on!" Alice said very humbly: "I won't interrupt you again. I dare say there may be one."

"One, indeed!" said the Dormouse indignantly. However, he consented to go on. "And so these three little sisters—they were learning to draw, you know——"

"What did they draw?" said Alice, quite forgetting her promise.

"Treacle," said the Dormouse, without considering at all this time.

"I want a clean cup," interrupted the Hatter: "let's all move one place on."

He moved on as he spoke, and the Dormouse followed him: the March Hare moved into the Dormouse's place, and Alice rather unwillingly took the place of the March Hare. The Hatter was the only one who got any advantage from the change: and Alice was a good deal worse off than before, as the March Hare had just upset the milk-jug into his plate.

Alice did not wish to offend the Dormouse again, so she began very cautiously: "But I don't understand. Where did they draw the treacle from?"

"You can draw water out of a water-well," said the Hatter; "so I should think you could draw treacle out of a treacle-well—eh, stupid?"

"But they were in the well," Alice said to the Dormouse, not choosing to notice this last remark.

"Of course they were," said the Dormouse,— "well in."

This answer so confused poor Alice, that she let the Dormouse go on for some time without interrupting it.

"They were learning to draw," the Dormouse went on, yawning and rubbing its eyes, for it was getting very sleepy; "and they drew all manner of things—everything that begins with an M——"

"Why with an M?" said Alice.

"Why not?" said the March Hare.

Alice was silent.

The Dormouse had closed its eyes by this time, and was going off into a doze; but, on being pinched by the Hatter, it woke up again with a little shriek, and went on: "——that begins with an M, such as mouse-traps, and the moon, and memory, and muchness—you know you say things are 'much of a muchness'—did you ever see such a thing as a drawing of a muchness?"

"Really, now you ask me," said Alice, very much confused, "I don't think——"

"Then you shouldn't talk," said the Hatter.

This piece of rudeness was more than Alice could bear: she got up in great disgust, and walked off; the Dormouse fell asleep instantly, and neither of the others took the least notice of her going, though she looked back once or twice, half hoping that they would call after her: the last time she saw them, they were trying to put the Dormouse into the teapot. "At any rate I'll never go there again!" said Alice as she picked her way through the wood. "It's the stupidest tea-party I ever was at in all my life!"

Just as she said this, she noticed that one of the trees had a door leading right into it. "That's very curious!" she thought. "But everything's curious to-day. I think I may as well go in at once." And in she went.

Once more she found herself in the long hall, and close to the little glass table. "Now, I'll manage better this time," she said to herself, and began by taking the little golden key, and unlocking the door that led into the garden. Then she set to work nibbling at the mushroom (she had kept a piece of it in her pocket) till she was about a foot high: then she walked down the little passage: and then—she found herself at last in the beautiful garden, among the bright flower-beds and the cool fountains.

The queen's croquet-ground

A large rose-tree stood near the entrance of the garden: the roses growing on it were white, but there were three gardeners at it, busily painting them red. Alice thought this a very curious thing, and she went nearer to watch them, and just as she came up to them she heard one of them say, "Look out now. Five! Don't go splashing paint over me like that!"

"I couldn't help it," said Five, in a sulky tone; "Seven jogged my elbow."

On which Seven looked up and said, "That's right, Five! Always lay the blame on others!"

"You'd better not talk!" said Five. "I heard the Queen say only yesterday you deserved to be beheaded!" "What for?" said the one who had spoken first.

"That's none of your business, Two!" said Seven.

"Yes, it is his business!" said Five, "and I'll tell him—it was for bringing the cook tulip-roots instead of onions."

Seven flung down his brush, and had just begun, "Well, of all the unjust things—" when his eye chanced to fall upon Alice, as she stood

watching them, and he checked himself suddenly: the others looked round also, and all of them bowed low.

"Would you tell me, please," said Alice, a little timidly, "why you are painting those roses?"

Five and Seven said nothing, but looked at Two. Two began, in a low voice, "Why, the fact is, you see, Miss, this here ought to have been a red rose-tree, and we put a white one in by mistake; and if the Queen was to find it out, we should all have our heads cut off, you know. So you see, Miss, we're doing our best, afore she comes, to—" At this moment Five, who had been anxiously looking across the garden, called out "The Queen! The Queen!" and the three gardeners instantly threw themselves flat upon their faces. There was a sound of many footsteps, and Alice looked round, eager to see the Queen.

First came ten soldiers carrying clubs; these were all shaped like the three gardeners, oblong and flat, with their hands and feet at the corners: next the ten courtiers; these were ornamented all over with diamonds, and walked two and two, as the soldiers did. After these came the royal children; there were ten of them, and the little dears came jumping merrily along hand in hand, in couples: they were all ornamented with hearts. Next came the guests, mostly Kings and Queens, and among them Alice recognised the White Rabbit: it was talking in a hurried nervous manner, smiling at everything that was said, and went by without noticing her. Then followed the Knave of Hearts, carrying the King's crown on a crimson velvet cushion; and, last of all this grand procession, came THE KING AND QUEEN OF HEARTS.

Alice was rather doubtful whether she ought not to lie down on her face like the three gardeners, but she could not remember ever having heard of such a rule at processions; "and besides, what would be the use of a procession," thought she, "if people had all to lie down on their faces, so that they couldn't see it?" So she stood where she was, and waited.

When the procession came opposite to Alice, they all stopped and looked at her, and the Queen said severely, "Who is this?" She said it to the Knave of Hearts, who only bowed and smiled in reply.

"Idiot!" said the Queen, tossing her head impatiently; and, turning to Alice, she went on, "What's your name, child?"

"My name is Alice, so please your Majesty," said Alice very politely; but she added, to herself, "Why, they're only a pack of cards, after all. I needn't be afraid of them!"

"And who are these?" said the Queen, pointing to the three gardeners who were lying round the rose-tree; for you see, as they were lying on

their faces, and the pattern on their back was the same as the rest of the pack, she could not tell whether they were gardeners, or soldiers, or courtiers, or three of her own children.

"How should I know?" said Alice, surprised at her own courage. "It's no business of mine." The Queen turned crimson with fury, and, after glaring at her for a moment like a wild beast, began screaming, "Off with her head! Off—"

"Nonsense!" said Alice, very loudly and decidedly, and the Queen was silent.

The King laid his hand upon her arm, and timidly said, "Consider, my dear: she is only a child!"

The Queen turned angrily away from him, and said to the Knave, "Turn them over!"

The Knave did so, very carefully, with one foot.

"Get up!" said the Queen in a shrill, loud voice, and the three gardeners instantly jumped up, and began bowing to the King, the Queen, the royal children, and everybody else.

"Leave off that!" screamed the Queen. "You make me giddy." And then, turning to the rose-tree, she went on, "What have you been doing here?"

"May it please your Majesty," said Two, in a very humble tone, going down on one knee as he spoke, "we were trying—"

"I see!" said the Queen, who had meanwhile been examining the roses. "Off with their heads!" and the procession moved on, three of the soldiers remaining behind to execute the unfortunate gardeners, who ran to Alice for protection.

"You shan't be beheaded!" said Alice, and she put them into a large flower-pot that stood near. The three soldiers wandered about for a minute or two, looking for them, and then quietly marched off after the others.

"Are their heads off?" shouted the Queen.

"Their heads are gone, if it please your Majesty!" the soldiers shouted in reply.

"That's right!" shouted the Queen. "Can you play croquet?"

The soldiers were silent, and looked at Alice, as the question was evidently meant for her.

"Yes!" shouted Alice.

"Come on, then!" roared the Queen, and Alice joined the procession, wondering very much what would happen next.

"It's—it's a very fine day!" said a timid voice at her side. She was walking by the White Rabbit, who was peeping anxiously into her face.

"Very," said Alice:—"where's the Duchess?"

"Hush! hush!" said the Rabbit in a low, hurried tone. He looked anxiously over his shoulder as he spoke, and then raised himself upon tiptoe, put his mouth close to her ear, and whispered, "She's under sentence of execution."

"What for?" said Alice.

"Did you say, 'What a pity!'" the Rabbit asked.

"No, I didn't," said Alice: "I don't think it's at all a pity. I said 'What for?'"

"She boxed the Queen's ears—" the Rabbit began. Alice gave a little scream of laughter. "Oh, hush!" the Rabbit whispered in a frightened tone. "The Queen will hear you! You see she came rather late, and the Queen said—"

"Get to your places!" shouted the Queen in a voice of thunder, and people began running about in all directions, tumbling up against each other: however, they got settled down in a minute or two, and the game began.

Alice thought she had never seen such a curious croquet-ground in her life: it was all ridges and furrows; the croquet-balls were live hedgehogs, and the mallets live flamingoes, and the soldiers had to double themselves up and stand on their hands and feet, to make the arches.

The chief difficulty Alice found at first was in managing her flamingo: she succeeded in getting its body tucked away, comfortably enough, under her arm, with its legs hanging down, but generally, just as she had got its neck nicely straightened out, and was going to give the hedgehog a blow with its head, it would twist itself round and look up in her face, with such a puzzled expression that she could not help bursting out laughing: and when she had got its head down, and was going to begin again, it was very provoking to find that the hedgehog had unrolled itself, and was in the act of crawling away: besides all this, there was generally a ridge or a furrow in the way wherever she wanted to send the hedgehog to, and, as the doubled-up soldiers were always getting up and walking off to other parts of the ground, Alice soon came to the conclusion that it was a very difficult game indeed.

The players all played at once without waiting for turns, quarrelling

all the while, and fighting for the hedgehogs; and in a very short time the Queen was in a furious passion, and went stamping about, and shouting, "Off with his head!" or "Off with her head!" about once in a minute.

Alice began to feel very uneasy: to be sure, she had not as yet had any dispute with the Queen, but she knew that it might happen any minute, "and then," thought she, "what would become of me? They're dreadfully fond of beheading people here; the great wonder is, that there's any one left alive!"

She was looking about for some way of escape, and wondering whether she could get away without being seen, when she noticed a curious appearance in the air: it puzzled her very much at first, but after watching it a minute or two she made it out to be a grin, and she said to herself, "It's the Cheshire Cat: now I shall have somebody to talk to."

"How are you getting on?" said the Cat, as soon as there was mouth enough for it to speak with.

Alice waited till the eyes appeared, and then nodded. "It's no use speaking to it," she thought, "till its ears have come, or at least one of them." In another minute the whole head appeared, and then Alice put down her flamingo, and began an account of the game, feeling very glad she had some one to listen to her. The Cat seemed to think that there was enough of it now in sight, and no more of it appeared.

"I don't think they play at all fairly," Alice began, in rather a complaining tone, "and they all quarrel so dreadfully one can't hear one's-self speak—and they don't seem to have any rules in particular; at least, if there are, nobody attends to them—and you've no idea how confusing it is all the things being alive; for instance, there's the arch I've got to go through next walking about at the other end of the ground—and I should have croqueted the Queen's hedgehog just now, only it ran away when it saw mine coming!"

"How do you like the Queen?" said the Cat in a low voice.

"Not at all," said Alice: "she's so extremely—" Just then she noticed that the Queen was close behind her, listening: so she went on, "—likely to win, that it's hardly worth while finishing the game."

The Queen smiled and passed on.

"Who are you talking to?" said the King, coming up to Alice, and looking at the Cat's head with great curiosity.

"It's a friend of mine—a Cheshire Cat," said Alice: "allow me to introduce it."

"I don't like the look of it at all," said the King: "however, it may kiss my hand if it likes."

"I'd rather not," the Cat remarked.

"Don't be impertinent," said the King, "and don't look at me like that!" He got behind Alice as he spoke.

"A cat may look at a king," said Alice. "I've read that in some book, but I don't remember where."

"Well, it must be removed," said the King very decidedly, and he called to the Queen, who was passing at the moment, "My dear! I wish you would have this cat removed!"

The Queen had only one way of settling all difficulties, great or small. "Off with his head!" she said, without even looking round.

"I'll fetch the executioner myself," said the King eagerly, and he hurried off.

Alice thought she might as well go back and see how the game was going on, as she heard the Queen's voice in the distance, screaming with passion. She had already heard her sentence three of the players to be executed for having missed their turns, and she did not like the look of things at all, as the game was in such confusion that she never knew whether it was her turn or not. So she went off in search of her hedgehog.

The hedgehog was engaged in a fight with another hedgehog, which seemed to Alice an excellent opportunity for croqueting one of them with the other: the only difficulty was, that her flamingo was gone across to the other side of the garden, where Alice could see it trying in a helpless sort of way to fly up into a tree.

By the time she had caught the flamingo and brought it back, the fight was over, and both the hedgehogs were out of sight: "but it doesn't matter much," thought Alice, "as all the arches are gone from this side of the ground." So she tucked it away under her arm, that it might not escape again, and went back to have a little more conversation with her friend.

When she got back to the Cheshire Cat, she was surprised to find quite a large crowd collected round it: there was a dispute going on between the executioner, the King, and the Queen, who were all talking at once, while all the rest were quite silent, and looked very uncomfortable.

The moment Alice appeared, she was appealed to by all three to settle the question, and they repeated their arguments to her, though, as

they all spoke at once, she found it very hard to make out exactly what they said.

The executioner's argument was, that you couldn't cut off a head unless there was a body to cut it off from: that he had never had to do such a thing before, and he wasn't going to begin at his time of life.

The King's argument was, that anything that had a head could be beheaded, and that you weren't to talk nonsense.

The Queen's argument was, that if something wasn't done about it in less than no time she'd have everybody executed, all round. (It was this last remark that had made the whole party look so grave and anxious.)

Alice could think of nothing else to say but "It belongs to the Duchess: you'd better ask her about it."

"She's in prison," the Queen said to the executioner: "fetch her here." And the executioner went off like an arrow.

The Cat's head began fading away the moment he was gone, and, by the time he had come back with the Duchess, it had entirely disappeared; so the King and the executioner ran wildly up and down looking for it, while the rest of the party went back to the game.

The mock turtle's story

"You can't think how glad I am to see you again, you dear old thing!" said the Duchess, as she tucked her arm affectionately into Alice's, and they walked off together.

Alice was very glad to find her in such a pleasant temper, and thought to herself that perhaps it was only the pepper that had made her so savage when they met in the kitchen.

When I'm a Duchess," she said to herself, (not in a very hopeful tone though,) "I won't have any pepper in my kitchen at all. Soup does very well without—Maybe it's always pepper that makes people hot-tempered," she went on, very much pleased at having found out a new kind of rule, "and vinegar that makes them sour—and camomile that makes them bitter—and—and barley-sugar and such things that make children sweet-tempered. I only wish people knew that: then they wouldn't be so stingy about it, you know—"

She had quite forgotten the Duchess by this time, and was a little startled when she heard her voice close to her ear. "You're thinking about something, my dear, and that makes you forget to talk. I can't tell you just now what the moral of that is, but I shall remember it in a bit."

"Perhaps it hasn't one," Alice ventured to remark.

"Tut, tut, child!" said the Duchess. "Every thing's got a moral, if only you can find it." And she squeezed herself up closer to Alice's side as she spoke.

Alice did not much like her keeping so close to her: first, because the Duchess was very ugly, and secondly, because she was exactly the right height to rest her chin on Alice's shoulder, and it was an uncomfortably sharp chin. However, she did not like to be rude, so she bore it as well as she could.

"The game's going on rather better now," she said, by way of keeping up the conversation a little.

"'Tis so," said the Duchess: "and the moral of that is—'Oh, 'tis love, 'tis love, that makes the world go round!'"

"Somebody said," Alice whispered, "that it's done by every body minding their own business!"

"Ah, well! It means much the same thing," said the Duchess, digging her sharp little chin into Alice's shoulder as she added, "and the moral of that is—'Take care of the sense, and the sounds will take care of themselves.'"

"How fond she is of finding morals in things!" Alice thought to herself.

"I dare say you're wondering why I don't put my arm round your waist," the Duchess said after a pause: "the reason is, that I'm doubtful about the temper of your flamingo. Shall I try the experiment?"

"He might bite," Alice cautiously replied, not feeling at all anxious to have the experiment tried.

"Very true," said the Duchess: "flamingoes and mustard both bite. And the moral of that is—'Birds of a feather flock together.'"

"Only mustard isn't a bird," Alice remarked.

"Right, as usual," said the Duchess: "what a clear way you have of putting things!"

"It's a mineral, I think," said Alice.

"Of course it is," said the Duchess, who seemed ready to agree to everything that Alice said; "there's a large mustard-mine near here. And the moral of that is—'The more there is of mine, the less there is of yours.'"

"Oh, I know!" exclaimed Alice, who had not attended to this last remark, "it's a vegetable. It doesn't look like one, but it is."

"I quite agree with you," said the Duchess, "and the moral of that is—'Be what you would seem to be'—or, if you'd like it put more simply—'Never imagine yourself not to be otherwise than what it might appear to others that what you were or might have been was not otherwise than what you had been would have appeared to them to be otherwise.'"

"I think I should understand that better," Alice said very politely, "if I had it written down: but I can't quite follow it as you say it."

"That's nothing to what I could say if I chose," the Duchess replied, in a pleased tone.

"Pray don't trouble yourself to say it any longer than that," said Alice.

"Oh, don't talk about trouble!" said the Duchess. "I make you a present of everything I've said as yet."

"A cheap sort of present!" thought Alice. "I'm glad they don't give birthday presents like that!" But she did not venture to say it out loud.

"Thinking again?" the Duchess asked, with another dig of her sharp little chin.

"I've a right to think," said Alice sharply, for she was beginning to feel a little worried.

"Just about as much right," said the Duchess, "as pigs have to fly: and the m—"

But here, to Alice's great surprise, the Duchess's voice died away, even in the middle of her favourite word 'moral,' and the arm that was linked into hers began to tremble. Alice looked up, and there stood the Queen in front of them, with her arms folded, frowning like a thunderstorm.

"A fine day, your Majesty!" the Duchess began in a low, weak voice.

"Now, I give you fair warning," shouted the Queen, stamping on the ground as she spoke; "either you or your head must be off, and that in about half no time! Take your choice!"

The Duchess took her choice, and was gone in a moment.

"Let's go on with the game," the Queen said to Alice; and Alice was too much frightened to say a word, but slowly followed her back to the croquet-ground.

The other guests had taken advantage of the Queen's absence, and were resting in the shade: however, the moment they saw her, they hurried back to the game, the Queen merely remarking that a moment's delay would cost them their lives.

All the time they were playing the Queen never left off quarrelling with the other players, and shouting "Off with his head!" or "Off with her head!" Those whom she sentenced were taken into custody by the soldiers, who of course had to leave off being arches to do this, so that by the end of half an hour or so there were no arches left, and all the players, except the King, the Queen, and Alice, were in custody and under sentence of execution.

Then the Queen left off, quite out of breath, and said to Alice, "Have you seen the Mock Turtle yet?"

"No," said Alice. "I don't even know what a Mock Turtle is."

"It's the thing Mock Turtle Soup is made from," said the Queen.

"I never saw one, or heard of one," said Alice.

"Come on, then," said the Queen, "and he shall tell you his history."

As they walked off together, Alice heard the King say in a low voice, to the company generally, "You are all pardoned." "Come, that's a good thing!" she said to herself, for she had felt quite unhappy at the number of executions the Queen had ordered. They very soon came upon a Gryphon, lying fast asleep in the sun. (If you don't know what a Gryphon is, look at the picture.) "Up, lazy thing!" said the Queen, "and take this young lady to see the Mock Turtle, and to hear his history. I must go back and see after some executions I have ordered;" and she walked off, leaving Alice alone with the Gryphon. Alice did not quite like the look of the creature, but on the whole she thought it would be quite as safe to stay with it as to go after that savage Queen: so she waited.

The Gryphon sat up and rubbed its eyes: then it watched the Queen till she was out of sight: then it chuckled. "What fun!" said the Gryphon, half to itself, half to Alice.

"What is the fun?" said Alice.

"Why, she," said the Gryphon. "It's all her fancy, that: they never executes nobody, you know. Come on!"

"Everybody says 'come on!' here," thought Alice, as she went slowly after it: "I never was so ordered about before, in all my life, never!"

They had not gone far before they saw the Mock Turtle in the distance, sitting sad and lonely on a little ledge of rock, and, as they came nearer, Alice could hear him sighing as if his heart would break. She pitied him deeply. "What is his sorrow?" she asked the Gryphon, and the Gryphon answered, very nearly in the same words as before, "It's all his fancy, that: he hasn't got no sorrow, you know. Come on!"

So they went up to the Mock Turtle, who looked at them with large eyes full of tears, but said nothing.

"This here young lady," said the Gryphon, "she wants for to know your history, she do."

"I'll tell it her," said the Mock Turtle in a deep, hollow tone: "sit down both of you, and don't speak a word till I've finished."

So they sat down, and nobody spoke for some minutes. Alice thought to herself, "I don't see how he can ever finish, if he doesn't begin." But she waited patiently.

"Once," said the Mock Turtle at last, with a deep sigh, "I was a real Turtle."

These words were followed by a very long silence, broken only by an occasional exclamation of "Hjckrrh!" from the Gryphon, and the constant heavy sobbing of the Mock Turtle. Alice was very nearly getting up and saying, "Thank you, sir, for your interesting story," but she could not help thinking there must be more to come, so she sat still and said nothing.

"When we were little," the Mock Turtle went on at last, more calmly, though still sobbing a little now and then, "we went to school in the sea. The master was an old Turtle—we used to call him Tortoise—"

"Why did you call him Tortoise, if he wasn't one?" Alice asked.

"We called him Tortoise, because he taught us," said the Mock Turtle angrily; "really you are very dull!"

"You ought to be ashamed of yourself for asking such a simple question," added the Gryphon; and then they both sat silent and looked at poor Alice, who felt ready to sink into the earth. At last the Gryphon said to the Mock Turtle, "Drive on, old fellow! Don't be all day about it!" and he went on in these words:

"Yes, we went to school in the sea, though you mayn't believe it—"

"I never said I didn't!" interrupted Alice.

"You did," said the Mock Turtle.

"Hold your tongue!" added the Gryphon, before Alice could speak again. The Mock Turtle went on.

"We had the best of educations—in fact, we went to school every day—"

"I've been to a day-school too," said Alice; "you needn't be so proud as all that."

"With extras?" asked the Mock Turtle a little anxiously.

"Yes," said Alice, "we learned French and music."

"And washing?" said the Mock Turtle.

"Certainly not!" said Alice indignantly.

"Ah! Then yours wasn't a really good school," said the Mock Turtle in a tone of great relief. "Now at ours they had at the end of the bill, 'French, music, and washing—extra.'"

"You couldn't have wanted it much," said Alice: "living at the bottom of the sea."

"I couldn't afford to learn it," said the Mock Turtle with a sigh. "I only took the regular course."

"What was that?" inquired Alice.

"Reeling and Writhing, of course, to begin with," the Mock Turtle replied: "and then the different branches of Arithmetic—Ambition, Distraction, Uglification, and Derision."

"I never heard of 'Uglification,'" Alice ventured to say. "What is it?"

The Gryphon lifted up both its paws in surprise. "Never heard of uglifying!" it exclaimed. "You know what to beautify is, I suppose?"

"Yes," said Alice, doubtfully: "it means—to—make—anything—prettier."

"Well then," the Gryphon went on, "if you don't know what to uglify is, you are a simpleton."

Alice did not feel encouraged to ask any more questions about it, so she turned to the Mock Turtle, and said, "What else had you to learn?"

"Well, there was Mystery," the Mock Turtle replied, counting off the subjects on his flappers,— "Mystery, ancient and modern, with Seaography: then Drawling—the Drawling-master was an old conger-eel, that used to come once a week: he taught us Drawling, Stretching, and Fainting in Coils."

"What was that like?" said Alice.

"Well, I can't show it you, myself," the Mock Turtle said: "I'm too stiff. And the Gryphon never learnt it."

"Hadn't time," said the Gryphon: "I went to the Classical master, though. He was an old crab, he was."

"I never went to him," the Mock Turtle said with a sigh: "he taught Laughing and Grief, they used to say."

"So he did, so he did," said the Gryphon, sighing in his turn, and both creatures hid their faces in their paws.

"And how many hours a day did you do lessons?" said Alice, in a hurry to change the subject.

"Ten hours the first day," said the Mock Turtle: "nine the next, and so on."

"What a curious plan!" exclaimed Alice.

"That's the reason they're called lessons," the Gryphon remarked: "because they lessen from day to day."

This was quite a new idea to Alice, and she thought it over a little before she made her next remark. "Then the eleventh day must have been a holiday?"

"Of course it was," said the Mock Turtle.

"And how did you manage on the twelfth?" Alice went on eagerly.

"That's enough about lessons," the Gryphon interrupted in a very decided tone: "tell her something about the games now."

The lobster quadrille

The Mock Turtle sighed deeply, and drew the back of one flapper across his eyes. He looked at Alice and tried to speak, but for a minute or two sobs choked his voice. "Same as if he had a bone in his throat," said the Gryphon, and it set to work shaking him and punching him in the back. At last the Mock Turtle recovered his voice, and, with tears running down his cheeks, he went on again:—

"You may not have lived much under the sea—" ("I haven't," said Alice)—"and perhaps you were never even introduced to a lobster—" (Alice began to say "I once tasted—" but checked herself hastily, and said, "No, never")—"so you can have no idea what a delightful thing a Lobster-Quadrille is!"

"No, indeed," said Alice. "What sort of a dance is it?"

"Why," said the Gryphon, "you first form into a line along the sea-shore—"

"Two lines!" cried the Mock Turtle. "Seals, turtles, salmon, and so on: then, when you've cleared all the jelly-fish out of the way—"

"That generally takes some time," interrupted the Gryphon.

"—you advance twice—"

"Each with a lobster as a partner!" cried the Gryphon.

"Of course," the Mock Turtle said: "advance twice, set to partners—"

"—change lobsters, and retire in the same order," continued the Gryphon.

"Then, you know," the Mock Turtle went on, "you throw the—"

"The lobsters!" shouted the Gryphon, with a bound into the air.

"—as far out to sea as you can—"

"Swim after them!" screamed the Gryphon.

"Turn a somersault in the sea!" cried the Mock Turtle, capering wildly about.

"Change lobsters again!" yelled the Gryphon at the top of its voice.

"Back to land again, and—that's all the first figure," said the Mock Turtle, suddenly dropping his voice; and the two creatures, who had been jumping about like mad things all this time, sat down again very sadly and quietly, and looked at Alice.

"It must be a very pretty dance," said Alice timidly.

"Would you like to see a little of it?" said the Mock Turtle.

"Very much indeed," said Alice.

"Come, let's try the first figure!" said the Mock Turtle to the Gryphon. "We can do it without lobsters, you know. Which shall sing?" "Oh, you sing," said the Gryphon. "I've forgotten the words."

So they began solemnly dancing round and round Alice, every now and then treading on her toes when they passed too close, and waving their fore-paws to mark the time, while the Mock Turtle sang this, very slowly and sadly:—

"Will you walk a little faster?" said a whiting to a snail,

"There's a porpoise close behind us, and he's treading on my tail.

See how eagerly the lobsters and the turtles all advance!

They are waiting on the shingle—will you come and join the dance?

Will you, won't you, will you, won't you, will you join the dance?

Will you, won't you, will you, won't you, won't you join the dance?

"You can really have no notion how delightful it will be

When they take us up and throw us, with the lobsters, out to sea!"

But the snail replied, "Too far, too far!" and gave a look

askance—

Said he thanked the whiting kindly, but he would not join the dance.

Would not, could not, would not, could not, would not join the dance.

Would not, could not, would not, could not, could not join the dance.

"What matters it how far we go?" his scaly friend replied,

"There is another shore, you know, upon the other side.

The further off from England the nearer is to France—

Then turn not pale, beloved snail, but come and join the dance.

Will you, won't you, will you, won't you, will you join the dance?

Will you, won't you, will you, won't you, won't you join the dance?"

"Thank you, it's a very interesting dance to watch," said Alice, feeling very glad that it was over at last: "and I do so like that curious song about the whiting!"

"Oh, as to the whiting," said the Mock Turtle, "they—you've seen them, of course?"

"Yes," said Alice, "I've often seen them at dinn—" she checked herself hastily.

"I don't know where Dinn may be," said the Mock Turtle, "but if you've seen them so often, of course you know what they're like."

"I believe so," Alice replied thoughtfully. "They have their tails in their mouths;—and they're all over crumbs."

"You're wrong about the crumbs," said the Mock Turtle: "crumbs would all wash off in the sea. But they have their tails in their mouths; and the reason is—" here the Mock Turtle yawned and shut his eyes.—"Tell her about the reason and all that," he said to the Gryphon.

"The reason is," said the Gryphon, "that they would go with the lobsters to the dance. So they got thrown out to sea. So they had to fall a long way. So they got their tails fast in their mouths. So they couldn't get them out again. That's all."

"Thank you," said Alice, "it's very interesting. I never knew so much about a whiting before."

"I can tell you more than that, if you like," said the Gryphon. "Do you know why it's called a whiting?"

"I never thought about it," said Alice. "Why?"

"It does the boots and shoes," the Gryphon replied very solemnly.

Alice was thoroughly puzzled. "Does the boots and shoes!" she repeated in a wondering tone.

"Why, what are your shoes done with?" said the Gryphon. "I mean, what makes them so shiny?"

Alice looked down at them, and considered a little before she gave her answer. "They're done with blacking, I believe."

"Boots and shoes under the sea," the Gryphon went on in a deep voice, "are done with whiting. Now you know."

"And what are they made of?" Alice asked in a tone of great curiosity.

"Soles and eels, of course," the Gryphon replied rather impatiently: "any shrimp could have told you that."

"If I'd been the whiting," said Alice, whose thoughts were still running on the song, "I'd have said to the porpoise, 'Keep back, please: we don't want you with us!'"

"They were obliged to have him with them," the Mock Turtle said: "no wise fish would go anywhere without a porpoise."

"Wouldn't it really?" said Alice in a tone of great surprise.

"Of course not", said the Mock Turtle: "why, if a fish came to me, and told me he was going a journey, I should say, 'With what porpoise?'"

"Don't you mean 'purpose?'" said Alice.

"I mean what I say," the Mock Turtle replied in an offended tone. And the Gryphon added, "Come, let's hear some of your adventures."

"I could tell you my adventures—beginning from this morning," said Alice a little timidly: "but it's no use going back to yesterday, because I was a different person then."

"Explain all that," said the Mock Turtle.

"No, no! the adventures first," said the Gryphon in an impatient tone: "explanations take such a dreadful time."

So Alice began telling them her adventures from the time when she first saw the White Rabbit: she was a little nervous about it just at first, the two creatures got so close to her, one on each side, and opened their eyes and mouths so very wide, but she gained courage as she went on. Her listeners were perfectly quiet till she got to the part about her repeating "You are old, Father William," to the Caterpillar, and the words all coming different, and then the Mock Turtle drew a long breath, and said, "That's very curious."

"It's all about as curious as it can be," said the Gryphon.

"It all came different!" the Mock Turtle repeated thoughtfully. "I should like to hear her try and repeat something now. Tell her to begin." He looked at the Gryphon as if he thought it had some kind of authority over Alice.

"Stand up and repeat 'Tis the voice of the sluggard,'" said the Gryphon.

"How the creatures order one about, and make one repeat lessons!" thought Alice; "I might just as well be at school at once." However, she got up, and began to repeat it, but her head was so full of the Lobster Quadrille, that she hardly knew what she was saying, and the words came very queer indeed:—

"'Tis the voice of the lobster; I heard him declare,
'You have baked me too brown, I must sugar my hair.'
As a duck with its eyelids, so he with his nose
Trims his belt and his buttons, and turns out his toes."

"That's different from what I used to say when I was a child," said the Gryphon.

"Well, I never heard it before," said the Mock Turtle; "but it sounds uncommon nonsense."

Alice said nothing: she had sat down again with her face in her hands, wondering if anything would ever happen in a natural way again.

"I should like to have it explained," said the Mock Turtle.

"She can't explain it," said the Gryphon hastily. "Go on with the next verse."

"But about his toes?" the Mock Turtle persisted. "How could he turn them out with his nose, you know?"

"It's the first position in dancing," Alice said; but she was dreadfully puzzled by the whole thing, and longed to change the subject.

"Go on with the next verse," the Gryphon repeated impatiently: "it begins 'I passed by his garden.'"

Alice did not dare to disobey, though she felt sure it would all come wrong, and she went on in a trembling voice:—

"I passed by his garden, and marked, with one eye,
How the owl and the oyster were sharing a pie—"

"What is the use of repeating all that stuff," the Mock Turtle interrupted, "if you don't explain it as you go on? It's by far the most confusing thing I ever heard!"

"Yes, I think you'd better leave off," said the Gryphon, and Alice was only too glad to do so.

"Shall we try another figure of the Lobster Quadrille?" the Gryphon went on. "Or would you like the Mock Turtle to sing you a song?"

"Oh, a song, please, if the Mock Turtle would be so kind," Alice replied, so eagerly that the Gryphon said, in a rather offended tone, "Hm! No accounting for tastes! Sing her 'Turtle Soup,' will you, old fellow?"

The Mock Turtle sighed deeply, and began, in a voice sometimes choked with sobs, to sing this:—

"Beautiful Soup, so rich and green,
Waiting in a hot tureen!
Who for such dainties would not stoop?
Soup of the evening, beautiful Soup!
Soup of the evening, beautiful Soup!
Beau—ootiful Soo—oop!
Beau—ootiful Soo—oop!
Soo—oop of the e—e—evening.
Beautiful, beautiful Soup!"

"Beautiful Soup! Who cares for fish,
Game, or any other dish?
Who would not give all else for two p
ennyworth only of beautiful Soup?
Pennyworth only of beautiful Soup?
Beau—ootiful Soo—oop!
Beau—ootiful Soo—oop!
Soo—oop of the e—e—evening,
Beautiful, beauti—FUL SOUP!"

"Chorus again!" cried the Gryphon, and the Mock Turtle had just begun to repeat it, when a cry of "The trial's beginning!" was heard in the distance.

"Come on!" cried the Gryphon, and, taking Alice by the hand, it hurried off, without waiting for the end of the song.

"What trial is it?" Alice panted as she ran; but the Gryphon only answered "Come on!" and ran the faster, while more and more faintly came, carried on the breeze that followed them, the melancholy words:—

"Soo—oop of the e—e—evening,
Beautiful, beautiful Soup!"

Who stole the tarts

The King and Queen of Hearts were seated on their throne when they arrived, with a great crowd assembled about them—all sorts of little birds and beasts, as well as the whole pack of cards: the Knave was standing before them, in chains, with a soldier on each side to guard him; and near the King was the White Rabbit, with a trumpet in one hand, and a scroll of parchment in the other. In the very middle of the court was a table, with a large dish of tarts upon it: they looked so good, that it made Alice quite hungry to look at them—"I wish they'd get the trial done," she thought, "and hand round the refreshments!" But there seemed to be no chance of this, so she began looking at everything about her, to pass away the time.

Alice had never been in a court of justice before, but she had read about them in books, and she was quite pleased to find that she knew the name of nearly everything there. "That's the judge," she said to herself, "because of his great wig."

The judge, by the way, was the King; and as he wore his crown over the wig, (look at the frontispiece if you want to see how he did it,) he did not look at all comfortable, and it was certainly not becoming.

"And that's the jury-box," thought Alice, "and those twelve creatures," (she was obliged to say "creatures," you see, because some of them were animals, and some were birds,) "I suppose they are the jurors." She said this last word two or three times over to herself, being rather proud of it: for she thought, and rightly too, that very few little girls of her age knew the meaning of it at all. However, "jurymen" would have done just as well.

The twelve jurors were all writing very busily on slates. "What are they doing?" Alice whispered to the Gryphon. "They can't have anything to put down yet, before the trial's begun."

"They're putting down their names," the Gryphon whispered in reply, "for fear they should forget them before the end of the trial."

"Stupid things!" Alice began in a loud indignant voice, but she stopped herself hastily, for the White Rabbit cried out, "Silence in the court!" and the King put on his spectacles and looked anxiously round, to make out who was talking.

Alice could see, as well as if she were looking over their shoulders, that all the jurors were writing down "stupid things!" on their slates, and she could even make out that one of them didn't know how to spell "stupid," and that he had to ask his neighbour to tell him. "A nice muddle their slates'll be in before the trial's over!" thought Alice.

One of the jurors had a pencil that squeaked. This, of course, Alice

could not stand, and she went round the court and got behind him, and very soon found an opportunity of taking it away. She did it so quickly that the poor little juror (it was Bill, the Lizard) could not make out at all what had become of it; so, after hunting all about for it, he was obliged to write with one finger for the rest of the day; and this was of very little use, as it left no mark on the slate.

"Herald, read the accusation!" said the King.

On this the White Rabbit blew three blasts on the trumpet, and then unrolled the parchment scroll, and read as follows:—

"The Queen of Hearts, she made some tarts,
All on a summer day:
The Knave of Hearts, he stole those tarts,
And took them, quite away!"

"Consider your verdict," the King said to the jury.

"Not yet, not yet!" the Rabbit hastily interrupted. "There's a great deal to come before that!"

"Call the first witness," said the King; and the White Rabbit blew three blasts on the trumpet, and called out, "First witness!"

The first witness was the Hatter. He came in with a teacup in one hand and a piece of bread-and-butter in the other. "I beg pardon, your Majesty," he began, "for bringing these in: but I hadn't quite finished my tea when I was sent for."

"You ought to have finished," said the King. "When did you begin?"

The Hatter looked at the March Hare, who had followed him into the court, arm-in-arm with the Dormouse. "Fourteenth of March, I think it was," he said.

"Fifteenth," said the March Hare.

"Sixteenth," added the Dormouse.

"Write that down," the King said to the jury, and the jury eagerly wrote down all three dates on their slates, and then added them up, and reduced the answer to shillings and pence.

"Take off your hat," the King said to the Hatter.

"It isn't mine," said the Hatter.

"Stolen!" the King exclaimed, turning to the jury, who instantly made a memorandum of the fact.

"I keep them to sell," the Hatter added as an explanation: "I've none of my own. I'm a hatter."

Here the Queen put on her spectacles, and began staring hard at the Hatter, who turned pale and fidgeted.

"Give your evidence," said the King; "and don't be nervous, or I'll have you executed on the spot."

This did not seem to encourage the witness at all: he kept shifting from one foot to the other, looking uneasily at the Queen, and in his confusion he bit a large piece out of his teacup instead of the bread-and-butter.

Just at this moment Alice felt a very curious sensation, which puzzled her a good deal until she made out what it was: she was beginning to grow larger again, and she thought at first she would get up and leave the court; but on second thoughts she decided to remain where she was as long as there was room for her.

"I wish you wouldn't squeeze so," said the Dormouse, who was sitting next to her. "I can hardly breathe."

"I can't help it," said Alice very meekly: "I'm growing."

"You've no right to grow here," said the Dormouse.

"Don't talk nonsense," said Alice more boldly: "you know you're growing too."

"Yes, but I grow at a reasonable pace," said the Dormouse: "not in that ridiculous fashion." And he got up very sulkily and crossed over to the other side of the court.

All this time the Queen had never left off staring at the Hatter, and, just as the Dormouse crossed the court, she said to one of the officers of the court, "Bring me the list of the singers in the last concert!" on which the wretched Hatter trembled so, that he shook both his shoes off.

"Give your evidence," the King repeated angrily, "or I'll have you executed, whether you're nervous or not."

"I'm a poor man, your Majesty," the Hatter began in a trembling voice, "and I hadn't begun my tea—not above a week or so—and what with the bread-and-butter getting so thin—and the twinkling of the tea—"

"The twinkling of what?" said the King.

"It began with the tea," the Hatter replied.

"Of course twinkling begins with a T!" said the King sharply. "Do you take me for a dunce? Go on!"

"I'm a poor man," the Hatter went on, "and most things twinkled after that—only the March Hare said——"

"I didn't!" the March Hare interrupted in a great hurry.

"You did!" said the Hatter.

"I deny it!" said the March Hare.

"He denies it," said the King: "leave out that part."

"Well, at any rate, the Dormouse said——" the Hatter went on, looking anxiously round to see if he would deny it too: but the Dormouse denied nothing, being fast asleep.

"After that," continued the Hatter, "I cut some more bread-and-butter——"

"But what did the Dormouse say?" one of the jury asked.

"That I can't remember," said the Hatter.

"You must remember," remarked the King, "or I'll have you executed."

The miserable Hatter dropped his teacup and bread-and-butter, and went down on one knee. "I'm a poor man, your Majesty," he began.

"You're a very poor speaker," said the King.

Here one of the guinea-pigs cheered, and was immediately suppressed by the officers of the court. (As that is rather a hard word, I will just explain to you how it was done. They had a large canvas bag, which tied up at the mouth with strings: into this they slipped the guinea-pig, head first, and then sat upon it.)

"I'm glad I've seen that done," thought Alice. "I've so often read in the newspapers, at the end of trials, 'There was some attempt at applause, which was immediately suppressed by the officers of the court,' and I never understood what it meant till now."

"If that's all you know about it, you may stand down," continued the King.

"I can't go no lower," said the Hatter: "I'm on the floor, as it is."

"Then you may sit down," the King replied.

Here the other guinea-pig cheered, and was suppressed.

"Come, that finishes the guinea-pigs!" thought Alice. "Now we shall get on better."

"I'd rather finish my tea," said the Hatter, with an anxious look at the Queen, who was reading the list of singers.

"You may go," said the King, and the Hatter hurriedly left the court, without even waiting to put his shoes on.

"—and just take his head off outside," the Queen added to one of the officers; but the Hatter was out of sight before the officer could get to the door.

"Call the next witness!" said the King.

The next witness was the Duchess's cook. She carried the pepper-box in her hand, and Alice guessed who it was, even before she got into the court, by the way the people near the door began sneezing all at once.

"Give your evidence," said the King.

"Shan't," said the cook.

The King looked anxiously at the White Rabbit, who said in a low voice. "Your Majesty must cross-examine this witness."

"Well, if I must, I must," the King said with a melancholy air, and, after folding his arms and frowning at the cook till his eyes were nearly out of sight, he said in a deep voice, "What are tarts made of?"

"Pepper, mostly," said the cook.

"Treacle," said a sleepy voice behind her.

"Collar that Dormouse!" the Queen shrieked out. "Behead that Dormouse! Turn that Dormouse out of court! Suppress him! Pinch him! Off with his whiskers!"

For some minutes the whole court was in confusion, getting the Dormouse turned out, and, by the time they had settled down again, the cook had disappeared.

"Never mind!" said the King, with an air of great relief. "Call the next witness." And, he added in an under-tone to the Queen, "Really, my dear, you must cross-examine the next witness. It quite makes my forehead ache!"

Alice watched the White Rabbit as he fumbled over the list, feeling very curious to see what the next witness would be like, "—for they haven't got much evidence yet," she said to herself. Imagine her surprise, when the White Rabbit read out, at the top of his shrill little voice, the name "Alice!"

Alice's evidence

"Here!" cried Alice, quite forgetting in the flurry of the moment how large she had grown in the last few minutes, and she jumped up in

such a hurry that she tipped over the jury-box with the edge of her skirt, upsetting all the jurymen on to the heads of the crowd below, and there they lay sprawling about, reminding her very much of a globe of gold-fish she had accidentally upset the week before.

"Oh, I beg your pardon!" she exclaimed in a tone of great dismay, and began picking them up again as quickly as she could, for the accident of the gold-fish kept running in her head, and she had a vague sort of idea that they must be collected at once and put back into the jury-box, or they would die.

"The trial cannot proceed," said the King in a very grave voice, "until all the jurymen are back in their proper places—all," he repeated with great emphasis, looking hard at Alice as he said so.

Alice looked at the jury-box, and saw that, in her haste, she had put the Lizard in head downwards, and the poor little thing was waving its tail about in a melancholy way, being quite unable to move. She soon got it out again, and put it right; "not that it signifies much," she said to herself; "I should think it would be quite as much use in the trial one way up as the other."

As soon as the jury had a little recovered from the shock of being upset, and their slates and pencils had been found and handed back to them, they set to work very diligently to write out a history of the accident, all except the Lizard, who seemed too much overcome to do anything but sit with its mouth open, gazing up into the roof of the court.

"What do you know about this business?" the King said to Alice.

"Nothing," said Alice.

"Nothing whatever?" persisted the King.

"Nothing whatever," said Alice.

"That's very important," the King said, turning to the jury. They were just beginning to write this down on their slates, when the White Rabbit interrupted: "Unimportant, your Majesty means, of course," he said in a very respectful tone, but frowning and making faces at him as he spoke.

"Unimportant, of course, I meant," the King hastily said, and went on to himself in an undertone, "important—unimportant—unimportant—important——" as if he were trying which word sounded best.

Some of the jury wrote it down "important," and some "unimportant." Alice could see this, as she was near enough to look over their slates; "but it doesn't matter a bit," she thought to herself.

At this moment the King, who had been for some time busily writing in his note-book, called out "Silence!" and read out from his book, "Rule Forty-two. All persons more than a mile high to leave the court."

Everybody looked at Alice.

"I'm not a mile high," said Alice.

"You are," said the King.

"Nearly two miles high," added the Queen.

"Well, I shan't go, at any rate," said Alice; "besides, that's not a regular rule: you invented it just now."

"It's the oldest rule in the book," said the King.

"Then it ought to be Number One," said Alice. The King turned pale, and shut his notebook hastily.

"Consider your verdict," he said to the jury, in a low trembling voice.

"There's more evidence to come yet, please your Majesty," said the White Rabbit, jumping up in a great hurry; "this paper has just been picked up."

"What's in it?" said the Queen.

"I haven't opened it yet," said the White Rabbit, "but it seems to be a letter, written by the prisoner to—to somebody."

"It must have been that," said the King, "unless it was written to nobody, which isn't usual, you know."

"Who is it directed to?" said one of the jurymen.

"It isn't directed at all," said the White Rabbit; "in fact, there's nothing written on the outside." He unfolded the paper as he spoke, and added, "It isn't a letter after all: it's a set of verses."

"Are they in the prisoner's handwriting?" asked another of the jurymen.

"No, they're not," said the White Rabbit, "and that's the queerest thing about it." (The jury all looked puzzled.)

"He must have imitated somebody else's hand," said the King. (The jury all brightened up again.)

"Please your Majesty," said the Knave, "I didn't write it, and they can't prove I did: there's no name signed at the end."

"If you didn't sign it," said the King, "that only makes the matter worse. You must have meant some mischief, or else you'd have signed your name like an honest man."

There was a general clapping of hands at this: it was the first really clever thing the King had said that day.

"That proves his guilt," said the Queen.

"It proves nothing of the sort!" said Alice. "Why, you don't even know what they're about!"

"Read them," said the King.

The White Rabbit put on his spectacles. "Where shall I begin, please your Majesty?" he asked.

"Begin at the beginning," the King said, gravely, "and go on till you come to the end: then stop."

These were the verses the White Rabbit read:—

They told me you had been to her,
And mentioned me to him:
She gave me a good character,
But said I could not swim.

He sent them word I had not gone
(We know it to be true):
If she should push the matter on,
What would become of you?

I gave her one, they gave him two,
You gave us three or more;
They all returned from him to you,
Though they were mine before.

If I or she should chance to be
Involved in this affair,
He trusts to you to set them free,
Exactly as we were.

My notion was that you had been
(Before she had this fit)
An obstacle that came between
Him, and ourselves, and it.

Don't let him know she liked them best.
For this must ever be
A secret, kept from all the rest,
Between yourself and me.

"That's the most important piece of evidence we've heard yet," said the King, rubbing his hands; "so now let the jury—"

"If any one of them can explain it," said Alice, (she had grown so large in the last few minutes that she wasn't a bit afraid of interrupting him,)

"I'll give him sixpence. I don't believe there's an atom of meaning in it."

The jury all wrote down on their slates, "She doesn't believe there's an atom of meaning in it," but none of them attempted to explain the paper.

"If there's no meaning in it," said the King, "that saves a world of trouble, you know, as we needn't try to find any. And yet I don't know," he went on, spreading out the verses on his knee, and looking at them with one eye; "I seem to see some meaning in them, after all. '—said I could not swim—' you can't swim, can you?" he added, turning to the Knave.

The Knave shook his head sadly. "Do I look like it?" he said. (Which he certainly did not, being made entirely of cardboard.)

"All right, so far," said the King, and he went on muttering over the verses to himself: "'We know it to be true—' that's the jury, of course—'I gave her one, they gave him two—' why, that must be what he did with the tarts, you know—"

"But it goes on 'they all returned from him to you,'" said Alice.

"Why, there they are!" said the King triumphantly, pointing to the tarts on the table. "Nothing can be clearer than that. Then again—'before she had this fit—' you never had fits, my dear, I think?" he said to the Queen.

"Never!" said the Queen furiously, throwing an inkstand at the Lizard as she spoke. (The unfortunate little Bill had left off writing on his slate with one finger as he found it made

no mark; but he now hastily began again, using the ink, that was trickling down his face, as long as it lasted.) "Then the words don't fit you," said the King, looking round the court with a smile. There was a dead silence.

"It's a pun!" the King added in an angry tone, and everybody laughed. "Let the jury consider their verdict," the King said, for about the twentieth time that day.

"No, no!" said the Queen. "Sentence first—verdict afterwards."

"Stuff and nonsense!" said Alice loudly. "The idea of having the sentence first!"

"Hold your tongue!" said the Queen, turning purple.

"I won't!" said Alice.

"Off with her head!" the Queen shouted at the top of her voice. Nobody moved.

"Who cares for you?" said Alice, (she had grown to her full size by this time.) "You're nothing but a pack of cards!" At this the whole pack rose up into the air, and came flying down upon her; she gave a little scream, half of fright and half of anger, and tried to beat them off, and found herself lying on the bank, with her head in the lap of her sister, who was gently brushing away some dead leaves that had fluttered down from the trees upon her face.

"Wake up, Alice dear!" said her sister; "why, what a long sleep you've had!"

"Oh, I've had such a curious dream!" said Alice, and she told her sister, as well as she could remember them, all these strange Adventures of hers that you have just been reading about; and when she had finished, her sister kissed her, and said, "It was a curious dream, dear, certainly: but now run in to your tea; it's getting late." So Alice got up and ran off, thinking while she ran, as well she might, what a wonderful dream it had been.

But her sister sat still just as she left her, leaning her head on her hand, watching the setting sun, and thinking of little Alice and all her wonderful Adventures, till she too began dreaming after a fashion, and this was her dream:—

First, she dreamed of little Alice herself, and once again the tiny hands were clasped upon her knee, and the bright eager eyes were looking up into hers—she could hear the very tones of her voice, and see that queer little toss of her head to keep back the wandering hair that would always get into her eyes—and still as she listened, or seemed to listen, the whole place around her became alive with the strange creatures of her little sister's dream.

The long grass rustled at her feet as the White Rabbit hurried by—the frightened Mouse splashed his way through the neighbouring pool—she could hear the rattle of the teacups as the March Hare and his friends shared their never-ending meal, and the shrill voice of the Queen ordering off her unfortunate guests to execution—once more the pig-baby was sneezing on the Duchess' knee, while plates and dishes crashed around it—once more the shriek of the Gryphon, the squeaking of the Lizard's slate-pencil, and the choking of the suppressed guinea-pigs, filled the air, mixed up with the distant sob of the miserable Mock Turtle.

So she sat on, with closed eyes, and half believed herself in Wonderland, though she knew she had but to open them again and all would change to dull reality—the grass would be only rustling in the wind, and the pool rippling to the waving of the reeds—the rattling teacups would change to tinkling sheep-bells, and the Queen's shrill cries to the voice of the shepherd boy—and the sneeze of the baby, the sh-

riek of the Gryphon, and all the other queer noises, would change (she knew) to the confused clamour of the busy farm-yard—while the lowing of the cattle in the distance would take the place of the Mock Turtle's heavy sobs.

Lastly, she pictured to herself how this same little sister of hers would, in the after-time, be herself a grown woman; and how she would keep, through all her riper years, the simple and loving heart of her childhood: and how she would gather about her other little children, and make their eyes bright and eager with many a strange tale, perhaps even with the dream of Wonderland of long-ago: and how she would feel with all their simple sorrows, and find a pleasure in all their simple joys, remembering her own child-life, and the happy summer days.